

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO - UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - PPGA

ROOSILEY DOS SANTOS SOUZA

INTENÇÃO EMPREENDEDORA: VALIDAÇÃO DE MODELO EM
UNIVERSIDADES FEDERAIS DE MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

SÃO PAULO

2015

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO - UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - PPGA

ROOSILEY DOS SANTOS SOUZA

**INTENÇÃO EMPREENDEDORA: VALIDAÇÃO DE MODELO EM
UNIVERSIDADES FEDERAIS DE MATO GROSSO DO SUL, BRASIL**

**ENTREPRENEURIAL INTENTION: MODEL VALIDATION IN
UNIVERSITIES FEDERAL OF MATO GROSSO DO SUL, BRAZIL**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Administração.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Amélia Silveira

SÃO PAULO

2015

Souza, Roosiley dos Santos.

Intenção empreendedora: validação de modelo em universidades federais de Mato Grosso do Sul, Brasil./ Roosiley dos Santo Souza. 2015.

113 f.

Tese (doutorado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2015.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Amélia Silveira.

1. Intenção empreendedora. 2. Escala psicométrica - EIQ. 3. Universidades. 4. Modelagem de equações estruturais. 5. SmartPLS.

I. Silveira, Amélia.

II. Título

CDU 658

INTENÇÃO EMPREENDEDORA: VALIDAÇÃO DE MODELO EM UNIVERSIDADES FEDERAIS DE MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

Por

Roosiley dos Santos Souza

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Administração, sendo a Banca Examinadora formada por:

Presidente: Prof.^a. Amélia Silveira, Doutora — Orientadora, UNINOVE

Membro Interno: Prof. Leonel Cezar Rodrigues, PhD — UNINOVE

Membro Interno: Prof. Dirceu Silva, Doutor — UNINOVE

Membro Externo: Prof. Marcos Hashimoto, Doutor - FAACAMP

Membro Externo: Prof. Milton Augusto Pasquotto Mariani, PhD – UFMS

São Paulo, 16 de outubro de 2015.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua infinita bondade, pela vida, orientação, luz, saúde, por me proporcionar sabedoria, capacidade e perseverança para a realização deste trabalho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Amélia Silveira, pela compreensão, paciência e orientação segura e firme em todo o tempo desta pesquisa, e pela oportunidade de ampliar as minhas possibilidades intelectuais ao longo dessa trajetória; acima de tudo, agradeço a amizade.

Ao coordenador do Programa Interinstitucional UNINOVE/UFMS, professor Ph.D. Leonel Cezar Rodrigues, pelo apoio no transcorrer do curso de doutoramento.

Ao professor Doutor Dirceu da Silva, que em muito contribuiu para o desenho deste trabalho.

Ao professor Doutor Eduardo Barbosa Couto, pelas valiosas contribuições nessa trajetória.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da UNINOVE, por me proporcionarem uma formação de qualidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior - Capes, pela concessão da bolsa de estudos para o período de realização do Doutorado Sanduíche em Lisboa – Portugal.

À Universidade de Lisboa – Lisboa School of Economics & Management - ISEG, que oportunizou a realização do estágio de doutorado sanduíche.

Aos Professores Doutores Margarida Duarte, Ricardo Belchior, Nuno Crespo, Filomena Ferreira, pela oportunidade de aprendizado durante o meu estágio doutoral no ISEG.

Às secretárias, bibliotecária e a todos os técnicos do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da UNINOVE, pelo apoio durante essa jornada.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pela oportunidade do DINTER em Administração.

Agradeço aos professores doutores Marcos Hashimoto e Milton Mariani pelas valiosas contribuições em prol do meu aperfeiçoamento profissional.

Aos colegas de doutoramento da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela convivência e amizade. Igualmente aos colegas de doutoramento do PPGA da UNINOVE. Aos coordenadores, professores e alunos dos cursos da UFMS e UFGD, pelo apoio dado no período da pesquisa.

Aos meus pais Benedito João de Souza e Ligia dos Santos Ador, que sempre me estimularam e apoiaram para alcançar novas conquistas e na realização de novos sonhos.

Aos meus irmãos Rooney dos Santos Souza e Roosilenny dos Santos Souza, sobrinhos João Henryck, Duane, Heitor e Rebeca, companheiros e que encantam e enchem meus dias de alegria e felicidade.

A todos os amigos que direta ou indiretamente contribuíram nessa jornada, de maneira especial aos amigos Adriana Albaneze, Michelle Oliveira do Espirito Santo, Eduardo Raslan, Elizabeth Nogueira Costa, Anderson Luís do Espirito Santo, Luciara Pinho, Rosa de Barros F. Almeida, Neide Proença do Espirito Santo, Claudio Cesar da Silva, Lia Moretti, Kelly Marcon Costa e Enrique Duarte Romero pelo apoio, palavras de incentivo e pela amizade.

RESUMO

SOUZA, Roosiley dos Santos. **Intenção Empreendedora: validação de modelo em universidades federais de Mato Grosso do Sul, Brasil.** 2015, 113 f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, 2015.

O empreendedorismo é visto como promotor da geração de novos conhecimentos, de novas tecnologias, tendo a capacidade de potencializar o papel dos empreendedores na sociedade como agentes de desenvolvimento em seu contexto local e regional. Um campo promissor para investigação está no ensino superior, dado o seu papel fundamental de promotor e fomentador das intenções empreendedoras. O objetivo dessa pesquisa é aplicar e validar o *Entrepreneurial Intention Questionnaire - EIQ* como instrumento de mensuração da intenção empreendedora no Brasil, num contexto regional. O EIQ é um instrumento de medida psicométrica proposto por Liñán (2008), Liñán e Chen (2009) e revisto por Liñán, Urbano e Guerrero (2011), cuja base é a Teoria do Comportamento Planejado de Ajzen (1991). Dessa forma, a pesquisa foi com alunos que cursam graduação de Administração e Engenharia de Produção, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e na Universidade Federal da Grande Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. A metodologia empregada na pesquisa foi de natureza quantitativa. O levantamento dos dados foi realizado com a aplicação do EIQ, com uma amostra de 505 alunos das duas Instituições de Ensino Superior. Os dados foram inicialmente explorados por meio do software Microsoft Excel 2007, depois submetidos à análise estatística por meio de Modelagem de Equações Estruturais com mínimos quadrados parciais e modelo de caminhos (PLSPM), usando-se o software SmartPLS 2.0 M3. Verificou-se que os constructos apresentaram relações positivas e significantes explicando 13% da variância da Atitude Pessoal (AP), 21,2% do Controle do Comportamento Percebido (CCP) e 57,3% da Intenção Empreendedora (IE). A relação entre a atitude e a intenção demonstrou a maior força dentre as relações observadas denotando o papel consolidado da relação teórica observada entre as atitudes e intenções. Os principais resultados indicam que o EIQ foi validado em contexto regional. Desta forma, houve entendimento de que a presente tese contribuiu para validação de uma escala psicométrica em contexto regional e no Brasil.

Palavras-chave: Intenção Empreendedora, Escala Psicométrica - EIQ, Universidades. Modelagem de Equações Estruturais, SmartPLS.

ABSTRACT

SOUZA, Roosiley dos Santos. Entrepreneurial intention: Model validation in federal universities of Mato Grosso do Sul, Brazil. 2015 113 f. Thesis (Doctorate in Management) - Graduate Diploma in Management Program - PPGA University Nove - UNINOVE, São Paulo, 2015.

Entrepreneurship is seen as promoting the generation of new knowledge, new technology, and the ability to enhance the role of entrepreneurs in society as agents of development in their local and regional context. A promising field for research is on higher education, given its key role of promoter and developer of entrepreneurial intentions. The objective of this research is to apply and validate the Entrepreneurial Intention Questionnaire - EIQ as measurement instrument of entrepreneurial intention in Brazil, in a regional context. The EIQ is a psychometric measuring instrument proposed by Liñán (2008), Liñán and Chen (2009) and reviewed by Liñán, Urban and Guerrero (2011), whose base is the Theory of Planned Behavior of Ajzen (1991). Thus, the research was with students who attend graduate of Management and Production Engineering at the Federal University of Mato Grosso do Sul and the Federal University of Grande Dourados, in the state of Mato Grosso do Sul, Brazil. The methodology used in the study was quantitative. The survey data was conducted by applying the EIQ, with a sample of 505 students of the two institutions of higher education. The data were first exploited through Microsoft Excel 2007 software, then statistically analyzed by Structural Equation Modeling with partial least squares model paths (PLSPM), using the SmartPLS 2.0 M3 software. It was found that the constructs showed significant positive relationships and explaining 13% of the variance of Personal Attitude (AP), 21.2% of Perceived Behavior Control (PBC) and 57.3% of Entrepreneurial Intent (IE). The relationship between attitude and intention showed the greatest strength from the relationships observed denoting the consolidated role of theoretical observed relationship between attitudes and intentions. The main results indicate that the EIQ was validated in a regional context. Thus, there was understanding that this thesis has contributed to validation of a psychometric scale regional context and Brazil.

Keywords: Entrepreneurial intent. Psychometric scale. Universities. Structural Equation Modeling. SmartPLS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Periódicos com maior número de publicações	09
Figura 2 - Publicações por autores	30
Figura 3 - Dendograma: classificação hierárquica das classes das principais palavras-chave e suas variações	30
Figura 4 - Similitude de Palavras	31
Figura 5 - Similitude: significado de intenção empreendedora	32
Figura 6 - Influência das publicações de Liñán para a Intenção Empreendedora.....	33
Figura 7 - Evolução dos modelos de Intenção Empreendedora	35
Figura 8 - Modelo conceitual de Shapero	40
Figura 9 - Modelo da Teoria do Comportamento Planejado	42
Figura 10 - Modelo de Liñán e Chen	46
Figura 11 - Representação do modelo de mensuração.....	56
Figura 12 - Aspectos a serem considerados em um relato MEE baseada em variância com uso do SmartPLS 2.0 M3	62
Figura 13 - Modelo de mensuração e estrutural.....	77
Figura 14 - Resultado do modelo estrutural.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais áreas de estudo	22
Quadro 2 - Evolução dos artigos sobre Educação para o Empreendedorismo	25
Quadro 3 - Principais periódicos que publicam artigos sobre Educação para o Empreendedorismo	26
Quadro 4 - Evolução dos modelos de Intenção Empreendedora	37
Quadro 5 - Resultados dos artigos que adotaram o EIQ	54
Quadro 6 - Constructos e questões do Questionário de Intenção Empreendedora	68
Quadro 7 - Constructos e itens de escala psicométrica	69
Quadro 8 - Análise comparativa entre a pesquisa e os estudos citados	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência dos termos correlatos em artigos publicados sobre intenção empreendedora	28
Tabela 2 - Ensino Superior segundo sua organização acadêmica	63
Tabela 3 - Informações sobre os cursos selecionados para a coleta de dados	70
Tabela 4 - Amostra da pesquisa	71
Tabela 5 - Amostra por gênero	74
Tabela 6 - Comparação dos itens excluídos em estudos anteriores	78
Tabela 7 - Indicadores de ajuste, validade convergente e confiabilidade.	78
Tabela 8 - Indicadores de validade discriminante	79
Tabela 9 - Validade discriminante, crossloadings	80
Tabela 10 - Indicadores estruturais finais	82
Tabela 11 - Acurácia e utilidade do constructo	83
Tabela 12 - Valores dos Coeficientes de caminho	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE - Análise de Equações Estruturais

AP - Atitudes Pessoais

AVE - *Average Variance Extracted*

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCP - Controle do Comportamento Percebido

CEUD - Centro Universitário de Dourados

COUN - Conselho Universitário

CPD - Centro Pedagógico de Dourados

EAO - Orientação Atitude Empreendedora

EE - Evento Empresarial

EEM - Modelo Evento Empresarial

EIQ - *Entrepreneurial Intention Questionnaire*

EPM - Modelo Potencial Empreendedor

FJP - Fundação João Pinheiro

GEM - *Global Entrepreneurship Monitor*

GoF - *Goodness of Fit*

GUESSS - *Global University Entrepreneurial Spirit Student's Survey*

GUESSS BRASIL - Estudo Mundial sobre Empreendedorismo junto aos Estudantes Universitários do Brasil

IBGE - Instituto Brasileiro

IBQP - Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IE - Intenção Empreendedora

IES - Instituição de Ensino Superior

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

KMO - *Kaiser-Meyer-Olkin*

MEC - Ministério da Educação

MEE - Modelagem de Equações Estruturais

MS - Mato Grosso do Sul

NS - Normas Subjetivas

PLS - PM - *Partial Least Square - Path Model*

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPGA - Pós-graduação em Administração

REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades

SCCT - *Social Cognitive Career Theory*

SEBRAE - Sistema Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEM - *Structural Equation Modeling*

SEMADE - Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico

TCP - Teoria do Comportamento Planejado

TEA - Taxa de Atividade empreendedora

TPB - *Theory of Planned Behaviour*

TTE - Taxa Total de Empreendedores

UF - Unidade Federativa

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso

UNINOVE - Universidade Nove de Julho

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Justificativa e problematização	18
1.2	Objetivos	19
1.2.1	Objetivo Geral	19
1.2.2	Objetivos Específicos	20
1.3	Estrutura do trabalho	20
2	REVISÃO DA LITERATURA	22
2.1	Empreendedorismo	22
2.2	A Educação para o empreendedorismo no Ensino Superior	24
2.3	Revisando a literatura internacional sobre Intenção Empreendedora	27
2.4	Modelos de intenção empreendedora que emergiram da revisão de literatura	35
2.4.1	Hipóteses que emergem da revisão de literatura	55
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	57
3.1	Procedimentos da metodologia da pesquisa	57
3.2	Ambiente da pesquisa	63
3.2.1	Breve histórico da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	64
3.2.2	Histórico da Universidade Federal da Grande Dourados	66
3.3	Definição do universo e da amostra da pesquisa	67
3.4	Instrumento de coleta de dados	67
3.4.1	Procedimentos para a coleta de dados	70
3.4.2	Procedimentos de análise dos dados	71
4	APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	74
4.1	Perfil da amostra	74
4.2	Estatísticas descritivas das variáveis	76
4.2.1	Resultados dos dados coletados com modelo conceitual	77
4.3	Análise e discussão dos resultados	84
5	CONCLUSÃO	89
	REFERÊNCIAS	94
	APÊNDICE A - EIQ - Versão Português	103
	APÊNDICE B - Instrumento de coleta de dados da pesquisa	105
	ANEXO A - EIQ - Versão Original - Inglês	108

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é um tema que, nas últimas três décadas, vem recebendo a atenção de pesquisadores, políticos e da sociedade em geral. Acredita-se que o tema do empreendedorismo esteja associado com a capacidade produtiva *versus* a capacidade do indivíduo, fatores importantes que podem contribuir para o desenvolvimento econômico de um país e gerar benefícios para a sociedade. Nesse sentido, o empreendedorismo é visto ainda como promotor da geração de novos conhecimentos, de novas tecnologias, tendo a capacidade de potencializar o papel dos empreendedores na sociedade como agentes de desenvolvimento em seu contexto local e regional.

Em diferentes áreas de abordagem, desde a sua consolidação como campo de estudo, o empreendedorismo vem sendo evidenciado pelas novas demandas de mercado que esperam indivíduos, empresas, locais e regiões mais preparados para atuarem de maneira competente, empreendedora, sustentável e inovadora. O desafio é saber como promover essas competências e habilidades empreendedoras nos indivíduos, a fim de que eles possam atuar nesse cenário em que passam a ser protagonistas de atividades e ações empreendedoras individuais e coletivas.

Diversas pesquisas têm sido desenvolvidas em contexto nacional e internacional com o propósito de verificar a disposição do indivíduo para empreender. Neste sentido, a atenção sobre o tema Intenção Empreendedora tem crescido exponencialmente. A intenção de empreender é um tema que, na década de 80, despertou interesse por parte de inúmeros pesquisadores de diversas áreas e de instituições públicas e/ou privadas nacionais e internacionais, pelo fato de que possibilidade e oportunidade estavam mais reconhecidas e divulgadas.

O que se observa nesses estudos e pesquisas é que as amostras se concentram nos estudantes do ensino superior, revelando que as universidades, desde logo, assumiram um papel importante nesse contexto das intenções de empreender. Assim, as universidades se tornaram campo de investigação sobre o tema, em função do relevante e reconhecido papel que passaram a ter na sociedade. De acordo com Rodrigues e Tontini, (1997. p. 38), ainda na década de 90, “As universidades, como todas as outras organizações, estão sendo afetadas pela globalização da economia, evolução tecnológica e aumento da exigência por qualidade pelos seus consumidores. [...] ela ocupa um papel importante nesse cenário como disponibilizadora de conhecimentos e educação”. Nessa mesma linha, Goñi Gaztelu (1999) reconheceu que as

instituições de ensino superior detêm em seu poder um conjunto de conhecimentos e sabedoria indispensáveis para formar pessoas competentes.

Ao abordar o papel das universidades, o que se evidencia é que elas se constituem em organizações cuja missão é a de capacitar indivíduos para serem protagonistas do próprio desenvolvimento e, conseqüentemente, promotores do desenvolvimento social, econômico, local e regional.

Lima et al (2014, p. 27) afirmam que os resultados apresentados pelo Estudo GUESS Brasil reafirmam a importância de estudos em universidades e trazem contribuições capazes de nortear ações para as mais diferentes esferas. E, nas políticas públicas, mais especificamente, no sentido de rever ações que estimulem o empreendedorismo no país e em suas regiões, bem como para que as universidades reafirmem seu papel de capacitadoras e fomentadoras de competências para novos empreendedores e novos negócios.

Nesse sentido, a educação tem se constituído em um dos pilares para que as competências e habilidades empreendedoras possam ser desenvolvidas e estimuladas, a fim de estimularem intenções empreendedoras.

Nessa vertente de estudos sobre intenção empreendedora identificou-se alguns estudos de meta-análises, realizados com o objetivo de mensurar o nível de estudos, teorias dominantes, limitações e perspectivas nessa área, como as realizadas por Schlaegel e Koeing (2014), Lortie e Castogiovanni (2015) e Liñán e Fayolle (2015). Nesses três estudos, foi possível perceber a reafirmação e a compreensão de que a Teoria do Comportamento Planejado (TPB), formulada por Ajzen (1991), apresenta predominância sobre as demais, sendo que teoria se volta para prever e explicar o comportamento humano, em contextos específicos. Segundo Ajzen (1991; 2006), um fator central na TPB é a intenção do indivíduo para executar um determinado comportamento.

Nessa perspectiva da TPB, os pesquisadores Liñán (2008) e Liñán e Chen (2006; 2009) desenvolveram um instrumento de medida psicométrica cuja base é essa mesma TPB, voltado para verificar o grau da intenção de empreender dos estudantes de ensino superior. Esse instrumento foi denominado de *Entrepreneurial Intention Questionnaire (EIQ)*, com base em uma integração da psicologia e da literatura sobre empreendedorismo. O instrumento de pesquisa é constituído por um conjunto de questões que representam os seguintes constructos: Intenção Empreendedora (IE), Controle Comportamento Percebido (CCP), Normas Subjetivas (NS) e Atitudes Pessoais (AP).

A primeira versão do EIQ foi aplicada por Liñán e Chen (2009) a um grupo de universitários pertencentes aos países da Espanha e Taiwan. No Brasil, esse instrumento foi utilizado por Couto, Mariano e Mayer (2010) e Hecke (2011). Outros estudos têm utilizado parte do instrumento em que as medidas dizem respeito ao construto intenção empreendedora, a exemplo de Almeida (2013).

O EIQ passou por alguns ajustes, para melhoria da escala psicométrica, elaborados por Liñán, Urbano e Guerrero (2011).

Diante desse escopo, a proposta da pesquisa desta tese é validar esse instrumento de medida psicométrica proposto por Liñán (2008) e Liñán e Chen (2009) e revisto por Liñán, Urbano e Guerrero (2011), cuja base é a Teoria do Comportamento Planejado Ajzen (1991), no Brasil, num contexto regional, uma vez que os estudos anteriores têm se concentrado em amostras de países ou entre países. Assim, aplicar o referido instrumento num contexto ainda não explorado, é mais uma experiência voltada para contribuir na consolidação do tema de investigação em intenção empreendedora, uma vez que a literatura internacional tem apontado para a necessidade de continuidade de estudos e de pesquisas mais regionalizadas. Dessa forma, a pesquisa foi desenvolvida na região Centro Oeste do Brasil, especificamente no Estado de Mato Grosso do Sul, em duas universidades públicas federais, com alunos de dois cursos – administração e engenharia de produção.

Neste ponto, retomando a justificativa para a regionalidade da pesquisa, convém destacar que Mato Grosso do Sul pertence à região Centro Oeste, juntamente com os estados de Mato Grosso, Goiás e o Distrito Federal.

O estado de Mato Grosso do Sul possui 79 municípios, tendo sido elevado à categoria de estado em 1977; o estado possui 357.145.534 Km², conforme dados do IBGE (2015). As principais atividades econômicas são: agricultura (soja, milho, algodão, arroz, cana-de-açúcar); a pecuária (gado bovino); a mineração (ferro, manganês, calcário); e a indústria (alimentícia, de cimento, de mineração), com uma população de 2.619.657 e em termos de desenvolvimento humano “O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – o estado de Mato Grosso do Sul ocupa a 10^a posição entre as 27 unidades federativas brasileiras e a dimensão que mais contribui para o IDH da Unidade Federativa é Longevidade, com índice de 0,833, seguida de Renda, com índice de 0,740, e de Educação, com índice de 0,629”. (PNUD, IPEA, FJP, 2013).

O estado é dividido em nove macrorregiões de desenvolvimento econômico devido algumas particularidades como cerrado e pantanal. Nessa perspectiva, optamos por três municípios, considerados com ambiência propícia para o empreendedorismo, desta forma,

foram considerados, dentre os 79 municípios, três municípios - Campo Grande (capital do estado), Três Lagoas e Dourados, cidades consideradas polos de desenvolvimento econômico e social e onde se encontram os cursos e as universidades selecionadas.

1.1. JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO

Neste estudo voltado ao tema da intenção empreendedora, que se ajusta dentro dos estudos sobre o comportamento empreendedor, a área de educação também deve ser considerada, tendo-se em conta a formação empreendedora, conforme Filion (1999) e Fischer (2008). Estes dois autores argumentam que o conceito de empreendedorismo, perpassando por contextos históricos e áreas do conhecimento, mais recentemente, possibilita a diversificação de pesquisas capazes de auxiliar o desenvolvimento do próprio conceito, o que o torna atual, instigante e relevante para os pesquisadores (FILION, 1999; FISCHER, 2008).

Dessa forma, Liñán, Rodriguez-Cohard e Rueda-Cantuche (2007), entre outros autores, afirmam que a educação para o empreendedorismo tem sido considerada um dos principais instrumentos para aumentar e amparar as atitudes empresariais. Um campo promissor para investigação está no ensino superior, dado o seu papel fundamental de promotor e fomentador das intenções empreendedoras.

Reafirmando a importância do ensino superior, Liñán e Chen (2006) afirmam que uma amostra de estudantes universitários é muito comum na investigação intenção empreendedora. Eles oferecem a vantagem de idade e qualificações semelhantes, tornando a amostra mais homogênea.

Considerando que, teoricamente, o modelo e a escala psicométrica propostos por Liñán (2008), Liñán e Chen (2006; 2009) e revisto por Liñán, Urbano e Guerrero (2011), cuja base é a Teoria do Comportamento Planejado (AJZEN, 1991), mostra-se adequado ao levantamento de dados no Brasil, num contexto regional, esta linha de pensamento passa a embasar a presente pesquisa. E, alicerça o interesse em realizar a validação deste modelo e da medida psicométrica, por meio da adoção de modelos de equações estruturais (MME), no contexto de duas universidades federais no estado do Mato Grosso do Sul, Brasil, enfocando alunos de graduação de dois cursos superiores: Administração e Engenharia da Produção.

Cabe salientar que estes dois cursos ministram disciplinas voltadas para o ensino de empreendedorismo, sistematicamente.

Almeida (2014, p. 346) em sua tese de doutoramento recomenda “pesquisas que considerem a diversidade da população brasileira, no que tange seus valores, costumes e visões de mundo e a

associação de valores com atitudes e intenção empreendedora parece sofrer influências culturais, pois os valores tem diferentes papéis conforme a região pesquisada”.

Desta forma, validar um modelo e uma escala psicométrica numa determinada região do Brasil, especificamente no estado de Mato Grosso do Sul se constitui em contribuição quanto à aplicação destes instrumentos em uma região mais específica, visto que o efeito da demografia sobre a percepção é diferente para cada país, região e estado, devido aos distintos aspectos sociais, culturais, econômicos, tecnológicos etc.

Do ponto de vista da aplicação prática, o desenvolvimento desta pesquisa se justifica na medida em que estudos teóricos-empíricos aplicam a Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991; 2006) em estudos sobre a intenção empreendedora, entendendo-se que este estudo pode suprir uma lacuna nos estudos voltados para a intenção empreendedora em cursos de graduação de universidades federais brasileiras. Assim, mais especificamente, a pesquisa foi desenvolvida em Instituições de Ensino Superior (IES), categoria universidades públicas federais, em Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil, em dois cursos de graduação, situados em três cidades: Campo Grande, Dourados e Três Lagoas, garantindo a representatividade geográfica do estudo. Desse modo, a prática da pesquisa pode proporcionar resultados mensuráveis novos, além de uma gama de informações que poderão trazer contribuições para os aspectos da intenção empreendedora e da educação para o empreendedorismo, nessas universidades.

Além dessas considerações, de forma mais ampla, esta pesquisa pode contribuir, ainda, com proposições quanto à aplicação de instrumento de medidas psicométricas para investigar a intenção empreendedora, em contextos diferenciados. Dessa forma, pode ampliar o escopo teórico do empreendedorismo como área de estudo que adota modelos voltados para a intenção empreendedora. Considerando essa linha de pensamento, apresenta-se, a seguir, o objetivo geral e os objetivos específicos que amparam a pesquisa.

1.2 OBJETIVOS

São os seguintes os objetivos desta pesquisa.

1.2.1 Objetivo Geral

- Validar o constructo e a escala psicométrica proposta no *Entrepreneurial Intention Questionnaire* (EIQ), por Liñán, Urbano e Guerrero (2011), para identificar a intenção empreendedora de estudantes de graduação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, nos cursos de Administração e Engenharia da Produção.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar os alunos participantes da pesquisa, nas duas universidades federais consideradas neste estudo, quanto aos aspectos de gênero, idade, estado civil, situação atual de trabalho (ocupação profissional), antecedentes familiares empreendedores, renda própria e renda familiar.
- Verificar os constructos do modelo de Liñán, Urbano e Guerrero (2011), como Atitude Pessoal, Normas Subjetivas, Controle do Comportamento Percebido e Intenção Empreendedora, no contexto das duas universidades e dos dois cursos de graduação propostos, com estudantes universitários;
- Aplicar a escala psicométrica proposta no *Entrepreneurial Intention Questionnaire* (EIQ) com alunos dos cursos e das universidades consideradas nesta pesquisa;
- Reafirmar que a Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991; 2006) prediz e explica a propensão do indivíduo em se tornar um empreendedor.
- Evidenciar novas proposições de pesquisas.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho de pesquisa está estruturado em cinco capítulos.

No primeiro capítulo apresentaram-se o tema de pesquisa e as razões que levaram à escolha do tema, a justificativa, a problematização e os objetivos da pesquisa.

No segundo capítulo descreve-se a revisão de literatura relativa ao empreendedorismo, educação para o empreendedorismo no ensino superior e intenção empreendedora, mais especificamente voltada para os modelos teóricos e o instrumento de pesquisa adotado nesta tese de doutoramento. Nessa parte do trabalho, um estudo bibliométrico foi desenvolvido quanto à intenção empreendedora, na base de dados SCOPUS.

A metodologia de pesquisa é descrita no terceiro capítulo, no qual se salienta o delineamento da pesquisa, o universo e a amostra, o instrumento de coleta de dados, os procedimentos de coleta e de análise de dados, e o ambiente de realização do estudo de campo.

No quarto capítulo apresentam-se os resultados, as análises e as discussões dos dados recolhidos na pesquisa de campo.

O quinto e último capítulo traz as conclusões do estudo relativamente aos objetivos e hipóteses propostas, a relevância da revisão da literatura para a fundamentação teórico empírica, o delineamento metodológico adotado na pesquisa e sua adequação à pesquisa desenvolvida, bem como as contribuições, limitações e sugestões de estudos futuros.

2 REVISÃO DA LITERATURA

O objetivo deste capítulo é apresentar a base teórica que fundamentou o tema da pesquisa, a saber: empreendedorismo e educação para o empreendedorismo no ensino superior, e intenção de empreender.

2.1 EMPREENDEDORISMO

Para entender o empreendedorismo há necessidade de se buscar, em primeiro lugar, suas origens. De acordo com Virtanen (1997), o empreendedorismo tem origem e se compõe de várias abordagens, entre elas a economia, a psicologia, a sociologia, a antropologia, a ciência regional. Para Hisrich e Peters (2009), as principais áreas de estudo do campo do empreendedorismo são a econômica, a psicológica e a de gestão, conforme apresentadas a seguir.

Quadro 1 - Principais áreas de estudos

ECONÔMICA	Alguém que junta recursos, trabalho, materiais e outros fatores em combinações que torna os seus valores maiores; é também alguém que introduz mudanças, inovações e uma nova ordem.
PSICOLÓGICA	Alguém é movido por certas forças: precisa conseguir algo, experimentar, atingir algo ou, talvez, escapar da autoridade dos outros.
GESTÃO	Alguém que aparece como uma ameaça, um concorrente agressivo; pode também ser um aliado, uma fonte de recursos, um cliente ou alguém que também cria riqueza para outros; alguém que descobre melhores formas de utilizar os recursos.

Fonte: Adaptado de Hisrich e Peters (2009).

Fayolle (2002), por sua vez, corrobora com esses autores quando afirma que o campo do empreendedorismo é desintegrado e seus múltiplos fragmentos são observados e analisados por economistas, psicólogos, sociólogos, historiadores, especialistas em ciências do comportamento e de gestão. É um conhecimento que se faz presente em diversas áreas de estudo, por isso a ideia apregoada por muitos estudiosos da área de empreendedorismo de que esse é um conteúdo para ser desenvolvido de forma transversal.

As pesquisas, discussões e publicações sobre empreendedorismo têm-se pautado na economia - escolas econômicas - e na psicologia e sociologia - escolas comportamentais. Para

os políticos e a sociedade em geral, o empreendedorismo se apresenta como uma área estratégica, o que representa sua importância para o desenvolvimento social e econômico. De acordo com Fayolle (2002), o empreendedorismo tem sido entendido como um processo complexo e multifacetado que reconhece as variáveis sociais (mobilidade social, cultura, sociedade), econômicas (incentivos de mercado, políticas públicas, capital de risco) e psicológicas, como influenciadoras do ato de empreender.

Dessa forma, é compreensível que o termo tenha passado por mudanças de sentido, ao longo do tempo. Na história das civilizações, em cada século, empreendedor é compreendido e descrito de forma diferente, de acordo com Filion (1999). No século XVII, o termo descrevia uma pessoa que tomava a responsabilidade e dirigia uma ação militar. No final do século XVII e início do século XVIII o termo foi utilizado para se referir à pessoa que criava e conduzia projetos ou empreendimento. No século XX, segundo a definição apresentada pelo economista moderno Joseph Schumpeter, “o empreendedor é uma pessoa que destrói a ordem econômica existente, introduzindo novos produtos e serviços, criando novas formas de organização e explorando novos materiais” (SCHUMPETER, 1949).

Como se pode ver, o empreendedorismo se ligava na percepção e ao aproveitamento de novas oportunidades de negócios, criadas a partir do desenvolvimento de novas formas de utilização dos recursos disponíveis. Desse modo, os empreendedores eram considerados como os responsáveis por estimular a demanda de mercado, criando um desequilíbrio adicional ao sistema econômico, na ação de empreender.

Com base em Filion (1999), pode-se afirmar que os dois autores identificados como pioneiros no campo do empreendedorismo, na visão economista, são Cantillon (1755) e Say (1803; 1815; 1816; 1839). Entretanto, Schumpeter (1928) desponta como quem realmente alicerçou o campo do empreendedorismo, associando-o à inovação e explicando a importância dos empreendedores no contexto do desenvolvimento econômico. (FILION, 1999; p. 8).

Além do contexto econômico, outros contextos complementam o campo de estudo do empreendedorismo. Jones, Coviello e Tang (2011) apresentaram os domínios e as análises de um novo campo – o do empreendedorismo internacional - que vem se constituindo em uma nova vertente de estudo, em função do processo de internacionalização das empresas. Guzmán-Alfonso e Guzmán-Cuevas (2012) relatam que:

[...] nas últimas décadas, o fenômeno do empreendedorismo tem tido um importante aumento em quantidade e sofisticação em seu campo de pesquisa [...] este interesse em empreendedorismo surge devido à sua contribuição com o crescimento econômico, rejuvenescimento da estrutura produtiva, o relançamento de algumas regiões, a dinamização do processo de inovação e geração de emprego. (GUZMA N-ALFONSO E GUZMA N-CUEVAS 2012, p. 721)

Recentemente, de acordo com pesquisa realizada por Naia (2013), há uma infinidade de fatores que influenciam os inúmeros estudos em empreendedorismo, como a identificação de oportunidades, inovação, necessidade de realização, ambiente institucional e condições ambientais, incertezas políticas e econômicas, educação, dentre outras possibilidades de estudos que contribuem para o fortalecimento da teoria do empreendedorismo e reafirmam a sua importância.

Evidenciou-se, com base nesta revisão de literatura, que há convergência em relação à compreensão de que o empreendedorismo pode ser analisado por diferentes óticas, dependendo, ainda, do objeto e do objetivo do estudo.

2.2. EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO NO ENSINO SUPERIOR

Um estudo publicado com o tema “*Entrepreneurship Education: A road to success*”, elaborado pela Comissão Europeia (2015), identificou 91 estudos, de 23 países pertencentes à Europa, ao Canadá e aos Estados Unidos da América, cujos resultados apresentam que “Os alunos que participam de educação para o empreendedorismo são mais propensos a iniciar seu próprio negócio, suas empresas tendem a ser mais inovadoras e são mais bem-sucedidos do que aqueles que são conduzidos por pessoas sem educação para o empreendedorismo”. (EUROPEAN COMMISSION, 2015). Assim, esse estudo chama a atenção sobre a relevância da educação para o empreendedorismo, e do quanto é capaz de despertar e provocar a intenção empreendedora e o comportamento empreendedor em alunos do ensino superior, em todo o mundo.

Ben Nasrh e Boujelbene (2014), da mesma forma, relatam que, durante os últimos anos, vários estudos foram desenvolvidos no campo da educação superior *versus* empreendedorismo, em todo o mundo. Muitos pesquisadores, profissionais e decisores políticos admitem que o ensino do empreendedorismo produza resultados mensuráveis.

Há entendimento, de acordo com a literatura revisada, de que a educação para o empreendedorismo se tornou um desafio econômico e social fundamental, com o qual as universidades têm muito a contribuir. O nível superior de ensino, sobremaneira, é a etapa da formação humana em que o indivíduo opta por uma profissão e por uma carreira profissional. É a sua oportunidade de se preparar, capacitar-se para ocupar seu espaço no mercado de trabalho. Sendo assim, estudos e pesquisas nessa fase de profissionalização se tornam necessárias e importantes. Nesse contexto, sem dúvida, as universidades aparecem como

espaços de relevante contribuição. A universidade, por meio do ensino, pesquisa, extensão e inovação passa a ser a organização com a missão de capacitar indivíduos para serem protagonistas do próprio desenvolvimento e, conseqüentemente, do desenvolvimento social e econômico, em nível local e regional. Esteves (2013) comenta sobre o papel das universidades:

No contexto em que se reconhece que o conhecimento sobrepuja os recursos materiais como fator de geração de valor e bem-estar social, a educação superior e suas instituições adquirem um papel de crescente relevância. [...] o Sistema de Ensino Superior torna-se um elemento crítico na cadeia de valores que determina o padrão de competitividade das nações e de suas organizações. Sua estruturação e qualificação devem ser capazes de contribuir, de forma ativa, para o processo de desenvolvimento social, técnico e econômico das sociedades a que atendem. Pela natureza de suas atividades, disponibilidade e geração de recursos humanos, altamente capacitados e, capacidade de articular parceiros, a Universidade deve se colocar como centro de um sistema regional de inovação criando e integrando ações e agentes locais de promoção, produção e disseminação de conhecimento, tecnologia e inovação. (ESTEVES; 2013, P. 1-2)

Acredita-se que a educação para o empreendedorismo terá uma contribuição positiva para a melhoria da orientação empreendedora de pessoas, levando à aquisição de habilidades, capacidades, criatividade, confiança e motivação, de modo a poderem criar emprego para si e para os outros. Torna-se evidente, todavia, que estudos que consideram as atuais políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do país e o papel das universidades nesse ambiente têm bastante a contribuir.

Considerando-se a importância do assunto, realizaram-se buscas nas bases de dados EBSCO, PROQUEST e SCOPUS, em outubro de 2014, que dessem o amparo necessário, em termos de revisão de literatura, para a verificação e evolução dos estudos e das pesquisas sobre o tema, publicados internacionalmente. As palavras-chave utilizadas nas três bases de dados foram: Education + Entrepreneur + Assessment; Education + Entrepreneur + Impact + Entrepreneurial + Entrepreneurship.

O quadro a seguir retrata a quantidade de artigos encontrados, sobre Educação para o Empreendedorismo, em outubro de 2014.

Quadro 2 - Evolução dos artigos sobre educação para o empreendedorismo

	Palavras-chaves	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
01	Education + Entrepreneur + Assessment	00	00	00	00	00	00	00	01	00	00
02	Education + Entrepreneur + Impact	00	00	00	00	00	02	02	01	04	00
03	Education + Entrepreneurial + Assessment	00	01	00	00	00	01	01	03	02	04
04	Education + Entrepreneurial + Impact	01	01	00	04	01	02	04	08	10	06

05	Education + Entrepreneurship + Assessment	07	04	02	01	07	03	07	14	08	02
06	Education + Entrepreneurship + Impact	05	08	13	15	22	29	20	26	23	15
Total Publicações/Ano		13	14	15	20	30	37	34	53	47	27

Esses artigos foram publicados em diversas áreas e em diversos periódicos especializados e internacionais, tal como se pode conferir no próximo quadro, a seguir, considerando aqueles que publicaram mais de um artigo sobre Educação para o Empreendedorismo.

Quadro 3 - Principais periódicos que publicam artigos sobre educação para o empreendedorismo, em outubro de 2014.

Título dos Periódicos Especializados	Número de Artigos Publicados
<i>Journal of Entrepreneurship Education</i>	8
<i>Journal of Developmental Entrepreneurship</i>	2
<i>Journal of Small Business & Enterprise Development</i>	2
<i>Journal of Women's Entrepreneurship & Education</i>	2
<i>International Journal of Management Education</i>	4
<i>Education & Training</i>	18
<i>Journal of European Industrial Training</i>	3
<i>Journal of Small Business Management</i>	4
<i>Creative & Knowledge Society</i>	2
<i>The international Entrepreneurship and Management Journal</i>	3
<i>Entrepreneurship & Regional Development</i>	2
<i>European Economic Review</i>	2

Os artigos com maior aderência em relação ao que aqui está sendo estudado foram revisados. O artigo de Ekpoh e Edet (2011) explorou o impacto da educação para o empreendedorismo na intenção de carreira de estudantes de ensino superior. Os autores destacaram que o ensino oferecido na maioria das instituições de ensino superior na Nigéria confere, aos graduados, um perfil para o emprego assalariado no setor formal e que as universidades já iniciaram programas de educação para o empreendedorismo, na esperança de que ele irá capacitar graduados universitários com habilidades necessárias para iniciar seus próprios negócios, para ser criadores de emprego, em vez de candidatos a emprego.

Fayolle e Gailly (2013) apresentaram e discutiram os resultados de um experimento que buscou medir o impacto de um programa de educação para o empreendedorismo, de forma

curta e obrigatória, bem como os fatores (predisposições, tempo) que influenciavam esse impacto sobre a intenção empreendedora de estudantes no ensino superior. Os principais resultados mostraram que os efeitos positivos de um programa de educação para o empreendedorismo são ainda mais acentuados quando a exposição empresarial anterior foi fraca ou inexistente. Por outro lado, para aqueles alunos que já haviam sido expostos ao empreendedorismo ou à ação de empreender, os resultados foram inócuos ou contraproducentes. Ainda de acordo com os autores, esse resultado pode estar relacionado a algumas limitações da própria prática da atividade empreendedora ou alguma dificuldade para se tornar empreendedor.

Küttima et al. (2014) desenvolveram um estudo com objetivo de fornecer uma visão geral das ofertas de educação para empreendedorismo das universidades europeias, em países onde as economias são orientadas para a inovação e para eficiência. Analisaram as conexões entre educação para o empreendedorismo e as intenções empreendedoras. Concluíram que a participação de estudantes em educação para o empreendedorismo reforça as intenções empreendedoras. Em relação à idade, os alunos mais velhos são propensos a ter intenções mais fortes. A participação em ofertas de educação para o empreendedorismo tem um impacto positivo sobre as intenções empreendedoras prováveis, logo após estudos e/ou após cinco anos da conclusão do curso.

É possível afirmar, com base na busca realizada nas bases de dados EBSCO, PROQUEST e SCOPUS, em outubro de 2014, que são constantes os estudos e pesquisas sobre educação para o empreendedorismo, no ensino superior e que o ápice deles foi o ano de 2012. Desses inúmeros estudos que foram e estão sendo desenvolvidos a nível do ensino superior, persiste na compreensão e percepção de quais fatores afetam a intenção empreendedora e nessa busca pelo entendimento da contribuição da educação empreendedora na intenção de empreender do aluno, considerando que o nível superior é o momento em que o indivíduo opta por uma profissão, por uma carreira profissional, é a preparação para o mercado de trabalho.

Desta forma, sendo a intenção empreendedora o objeto de estudo desta tese, é pertinente que se destaque a literatura específica referente a essa temática.

2.3. REVISANDO A LITERATURA INTERNACIONAL SOBRE INTENÇÃO EMPREENDEDORA

A intenção, para Thompson (2009), é "uma decisão consciente e planejada que impulsiona as ações necessárias para lançar um negócio". As intenções provaram ser os

melhores preditores do comportamento planejado, especialmente se o comportamento em questão é "raro, difícil de observar, ou envolve tempo e se torna imprevisível" (SINGH; PRASAD; RAUT, 2012).

O princípio geral da teoria psicológica do comportamento planejado, preconizado por Ajzen (1991), é que os comportamentos previstos são intencionais e, portanto, são previstos pela intenção existente para esse comportamento. Intencionalidade é, então, fundamentada na psicologia cognitiva, que tenta explicar ou prever o comportamento humano. Diversos estudos têm mostrado intenções empreendedoras como um dos antecedentes cruciais de ações para empreender. (KRUEGER, REILLY, CARSRUD, 2000; LEE et al., 2011).

No campo do empreendedorismo, Bird (1988) já indicou que as características dos empreendedores, suas necessidades, valores, hábitos e crenças são fatores que formam a intenção empreendedora.

Para ampliar o conhecimento sobre a literatura internacional, foi realizada uma busca na base SCOPUS, em agosto de 2015, sobre o assunto. Para tanto, as palavras-chave utilizadas foram: Entrepreneurial Intention. Essa busca, depois de realizada, utilizou o software BIBEXCEL para investigar o período compreendido entre 1999 e agosto de 2015.

Ressalte-se que o estudo bibliométrico “é um conjunto de leis e princípios empíricos que contribuem para estabelecer os fundamentos teóricos” (GUEDES e BORSCHIVER, 2005), o que significa que, ao utilizar esse recurso, é possível quantificar os processos de comunicação escrita na área de intenção empreendedora. Assim, a Tabela 1 apresenta a frequência das publicações sobre intenção empreendedora, em seus aspectos mais específicos de assuntos correlatos.

Tabela 1 - Frequência dos termos correlatos em artigos publicados sobre intenção empreendedora.

Palavra	Frequência
Entrepreneurial	268
Entrepreneurial Intention	242
Study	236
Entrepreneurship	235
Business	202
Student	174
Result	143
Research	140
Factor	137

Palavra	Frequência
Education	126
Effect	126
Start	120
Intention	109
Entrepreneur	100
Model	96
University	90
Individual	86
Relationship	82

O termo *Entrepreneurial Intention* esteve presente em 242 artigos. A Figura 1 apresenta os periódicos com maior número de artigos sobre o tema, sendo destaque o *Journal International Entrepreneurship and Management Journal*, com maior número de publicações.

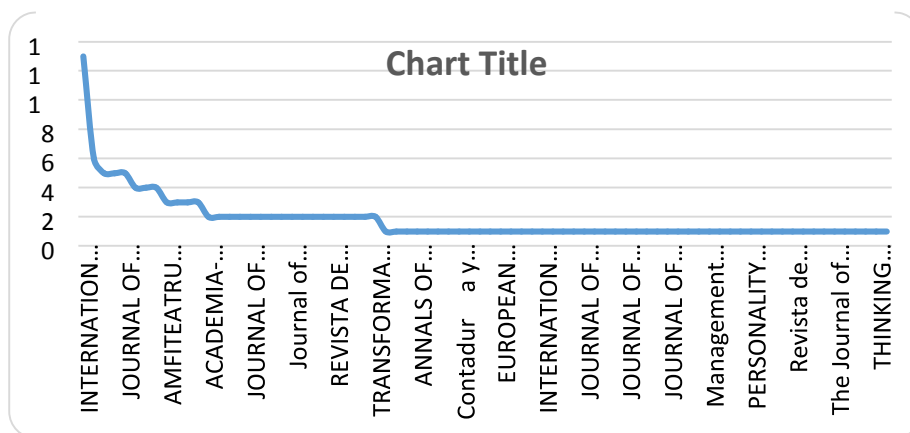


Figura 1 - Periódicos com maior número de publicações

A Figura 2 apresenta a publicação dos artigos por autor, em que se destaca, com maior número de artigos científicos publicados sobre o tema, o professor doutor Francisco Liñán, Professor da Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales da Universidade de Sevilha, o qual lidera o *ranking* dos autores. Visitando a *home page* da Universidade de Sevilha, a *web personal* do referido professor aponta que uma das suas linhas de pesquisa é intenção empreendedora.

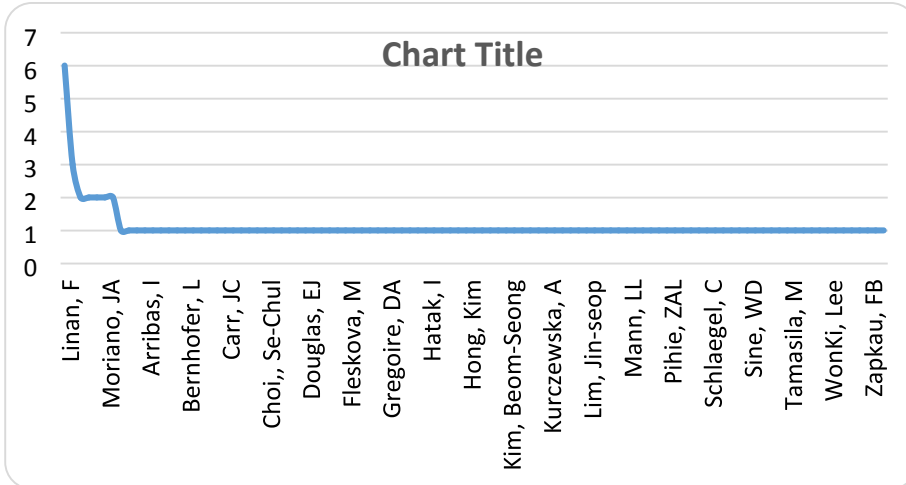


Figura 2 - Publicações por autores

A Figura 3 apresenta uma classificação hierárquica das classes das principais palavras-chave e suas variações encontradas na referida pesquisa. A figura é um Dendograma gerado a partir da utilização de um software livre denominado de IRAMUTEQ. Esse software apresenta rigor estatístico e permite que os pesquisadores utilizem diferentes recursos técnicos de análise lexical que permite rever quadros teóricos e analisá-los com o seu apoio. (CAMARGO e JUSTO, 2013)

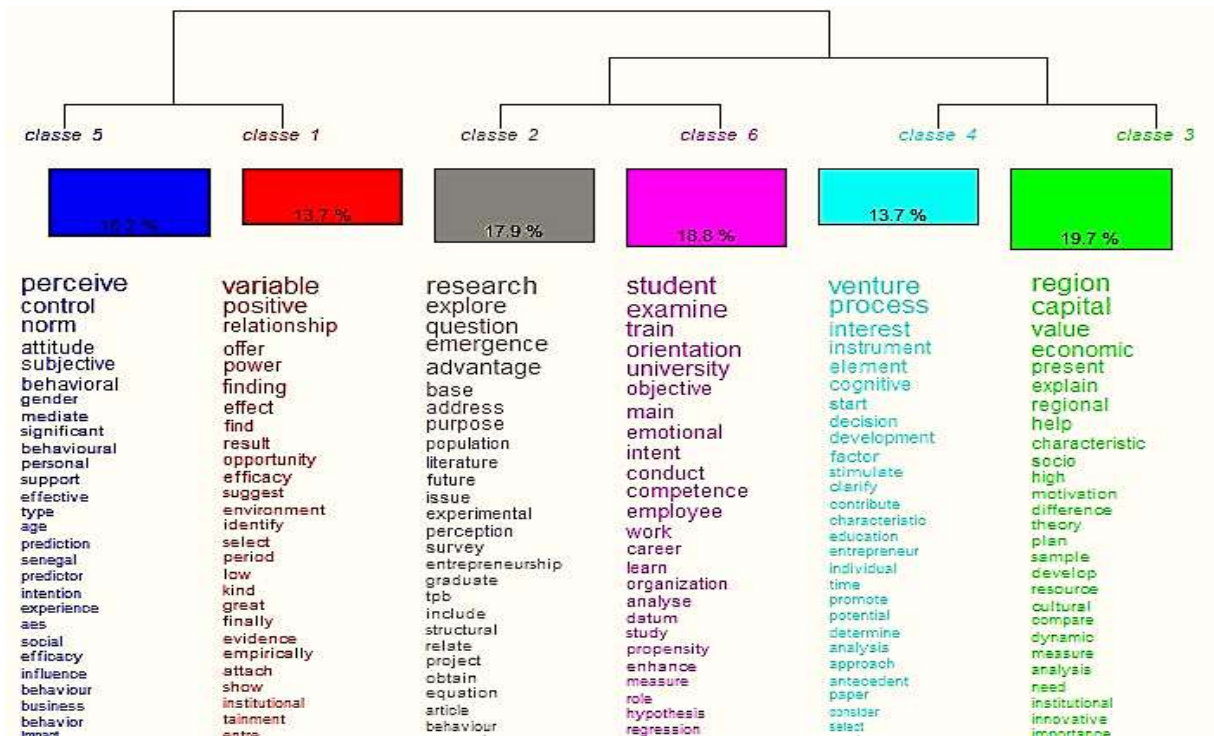


Figura 3 – Dendograma: classificação hierárquica das classes das principais palavras-chave e suas variações

Essa figura apresenta as classes das principais palavras-chave e suas variações, que foram encontradas nos artigos de intenção empreendedora. Foram geradas duas classes: a) classe com maior concentração (70,1%), classes 2, 6, 4 e 3, que representam um grupo em que se registra palavras de impacto como região, economia, cultura, instrumento, *cognitive*, universidade, intenções, competências, capital, pesquisas, trabalho, teoria, entre outras; b) classe com menor número concentração (29,9%), classes 1 e 5, que tratam da teoria como a TPB e as variáveis, como normas subjetivas, atitude, comportamento entre outras. A próxima figura, apresenta as similitudes de palavras encontradas nos respectivos artigos.

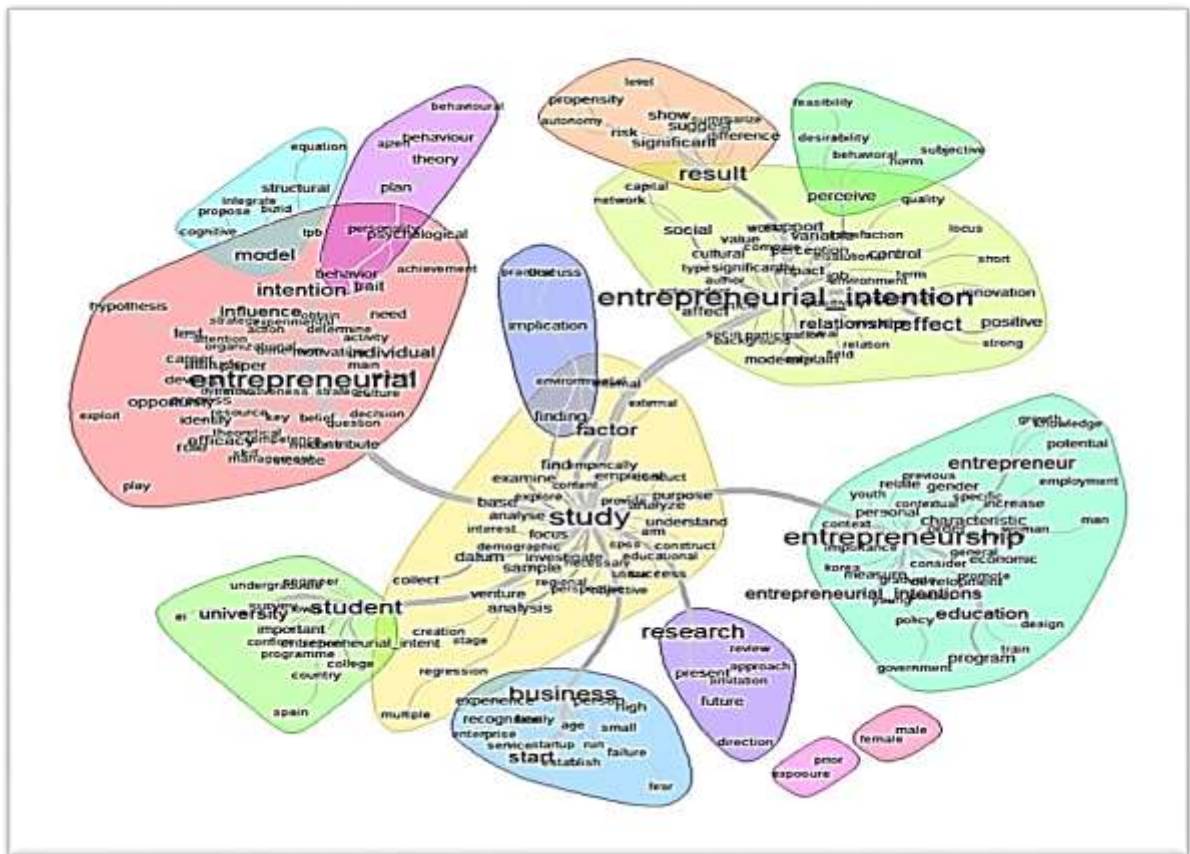


Figura 4 – Similitude de palavras: significado de estudos com intenção empreendedora

A Figura 4 representa, graficamente, a similitude de palavras encontradas a partir dos dados nos artigos que tratam especificamente, do modelo proposto por Liñán e Chen (2009), cuja base é a intenção empreendedora. Na figura, a palavra central (significa a raiz da árvore) que origina as ramificações é sobre estudos e suas combinações (que são os ramos principais), como: Estudo – empíricos, base de análises, foco, SPSS, construto – ou seja, apresenta a base das abordagens dos estudos. Intenção empreendedora – apresenta as teorias, os modelos, as

relações, cultura, social, representa as possibilidades de fatores endógenos e exógenos que podem afetar as intenções. Empreendedorismo – modelo, TPB, hipóteses, individual, comportamento, governo, políticas, gênero, ou seja, características e ambiente. Estudantes - países, nível de ensino, escolas, programas, trata do local da pesquisa. Pesquisa – presente, futuro, limitações.

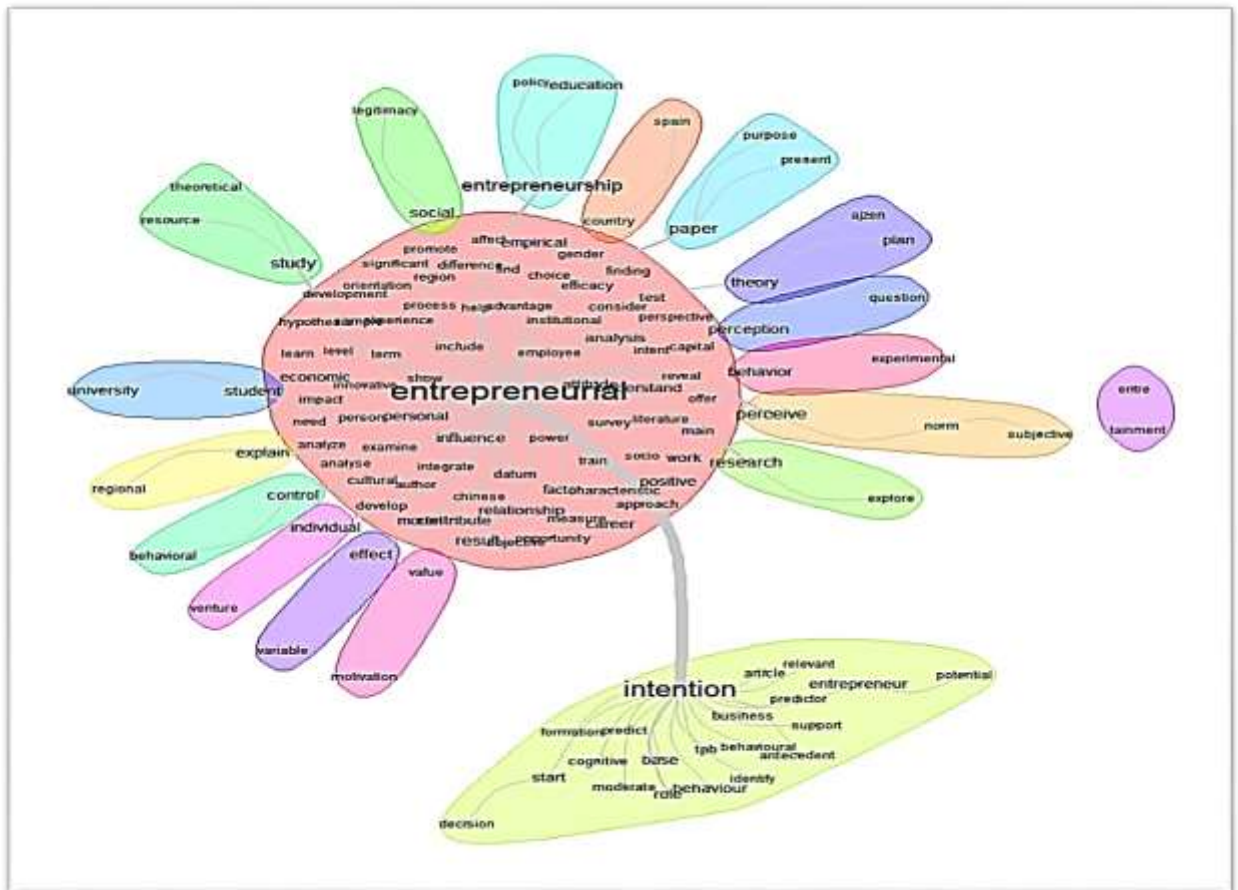


Figura 5 -Similitude: significado de intenção empreendedora.

A figura 5, originada a partir de uma análise de similitude, a qual permite realizar interpretações das representações de um objeto estudado, reitera as afirmações sobre as percepções das intenções empreendedoras quanto as relações e conexões entre as palavras hachuradas mais fortes (mais representativas nos artigos). Intenção – TPB, comportamento, preditor, negócios. Empreendedor – influência, impacto, gênero entre outras relações. As conexões (que tem semelhança a pétala de uma flor) falam sobre motivações, efeito, individual, universitários, pesquisa entre outras palavras, que são pontualmente citadas nos artigos.

A bibliometria possui leis e princípios bibliométrico que podem ser utilizados, optou-se nesse estudo, utilizar a Lei de Zipf, apresentando a frequência de palavras, encontradas nos artigos desenvolvidos pelo Liñán sobre intenção empreendedora.

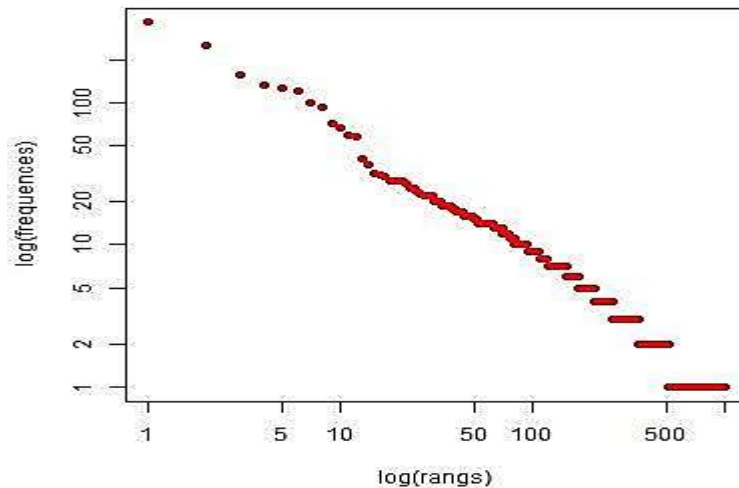


Figura 6 – Influência das publicações de Liñán para a Intenção Empreendedora

A Figura 6 apresenta a Influência das publicações de Liñán para a Intenção Empreendedora – representa a frequência de ocorrência de palavras distribuídas nos artigos investigados sobre intenção empreendedora, cujo autor é Liñán. Desta forma foi possível representar por meio de gráfico os termos que mais se repetem, confirmando as similitudes apresentadas anteriormente.

Nessa linha de investigação, Schlaegel e Koenig (2014), Lortie e Castogiovanni (2015) e Liñán e Fayolle (2015) realizaram estudos de meta-análises, que é uma forma de investigação sobre os numerosos trabalhos e pesquisas de um mesmo assunto e fenômeno, ou seja: a intenção empreendedora. Identificaram que no arcabouço teórico dos estudos a predominância é da Teoria do Comportamento Planejado, proposto por Ajzen (1991).

Para aprofundar o conhecimento sobre o assunto e revisando essa literatura de forma mais específica, realizou-se uma análise do referencial teórico revisto nessas meta-análises de Schlaegel e Koenig (2014); Lortie e Castogiovanni (2015); e Liñán e Fayolle (2015). Percebeu-se, claramente, que estas se alicerçam e citam os mesmos estudos seminais, como:

- Ajzen (1991) “*The theory of planned behavior*”;
- Krueger e Brazeal (1994) “*Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs*”;
- Kolvereid (1996) “*Prediction of employment status choice intentions*”;
- Krueger; Reilly e Carsrud (2000) “*Competing models of entrepreneurial intentions*”;

- Souitaris, Zerbinati, e Al-Laham (2007) *“Do entrepreneurship programs raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources”*.
- Liñán e Chen (2009) *“Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions”*;
- McGee et al. (2009) *“Entrepreneurial self-efficacy: Refining the measure”*;
- Fitzsimmons e Douglas (2011) *“Interaction between feasibility and desirability in the formation of entrepreneurial intentions”*;

Com base na revisão realizada nessas meta-análises, se pode evidenciar o que segue:

- Schlaegel e Koenig (2014) - O interesse crescente no desenvolvimento de intenções empreendedoras elevou a importância das teorias que predizem e explicam a propensão dos indivíduos para iniciar uma empresa. Um dos objetivos deste estudo foi testar e comparar a Teoria do Comportamento Planejado - TPB (AJZEN, 1991) e o Modelo Evento Empresarial – EEM (SHAPERO e SOKOL, 1982), que, de acordo com os autores, são as duas teorias mais amplamente testadas para explicar intenção empreendedora.
- Lortie e Castogiovanni (2015) - A Teoria do Comportamento Planejado (TPB) tornou-se uma das teorias mais utilizadas em termos de explicação e predição de comportamentos dos indivíduos.
- Na mesma perspectiva, Liñán e Fayolle (2015, p. 2) dizem que a literatura sobre intenções empreendedoras tem crescido rapidamente desde a publicação das obras seminais de Shapero, cerca de 30 anos atrás. (SHAPERO 1982; SHAPERO e SOKOL, 1982).

O que a literatura tem evidenciado é que existe uma série de modelos que tenta explicar a relação entre as características pessoais do indivíduo e suas intenções empresariais. Esses modelos são, em grande parte, baseados em dois modelos em particular: o Modelo de Evento Empresarial (SHAPERO, 1982) e a Teoria do Comportamento Planejado (AJZEN, 1991).

A Teoria do Comportamento Planejado (TPB) é uma teoria que explica as intenções empreendedoras e tem dado suporte para diversos modelos de intenção empreendedora. Assim, os principais modelos propostos para mensurar a intenção empreendedora foram reunidos e são apresentados como parte desta revisão de literatura.

2.4. MODELOS DE INTENÇÃO EMPREENDEDORA QUE EMERGIRAM DA REVISÃO DE LITERATURA

Uma série de modelos se voltam para explicar a relação entre as características pessoais do indivíduo e suas intenções empresariais (BIRD, 1988; BOYD; VOZIKIS, 1994; KRUEGER; BRAZEAL, 1994; SHAPERO, 1982). Em linha, Chattopadhyay e Gosh (2008) afirmam que os modelos de intenções empreendedoras são promissoras abordagens para explicar comportamento empresarial, a partir de pontos de vista multidisciplinar. Singh, Prasad e Raut (2012) afirmam que o Empreendedorismo é, claramente, um processo intencional.

Partindo de um marco referencial que identificou os diversos modelos de intenção empreendedora, Guerrero, Rialp e Urbano (2006) reuniram e apresentaram a evolução dos Modelos de Intenção Empreendedora, conforme se pode conferir na Figura 7, que mostra a evolução dos modelos analisados.

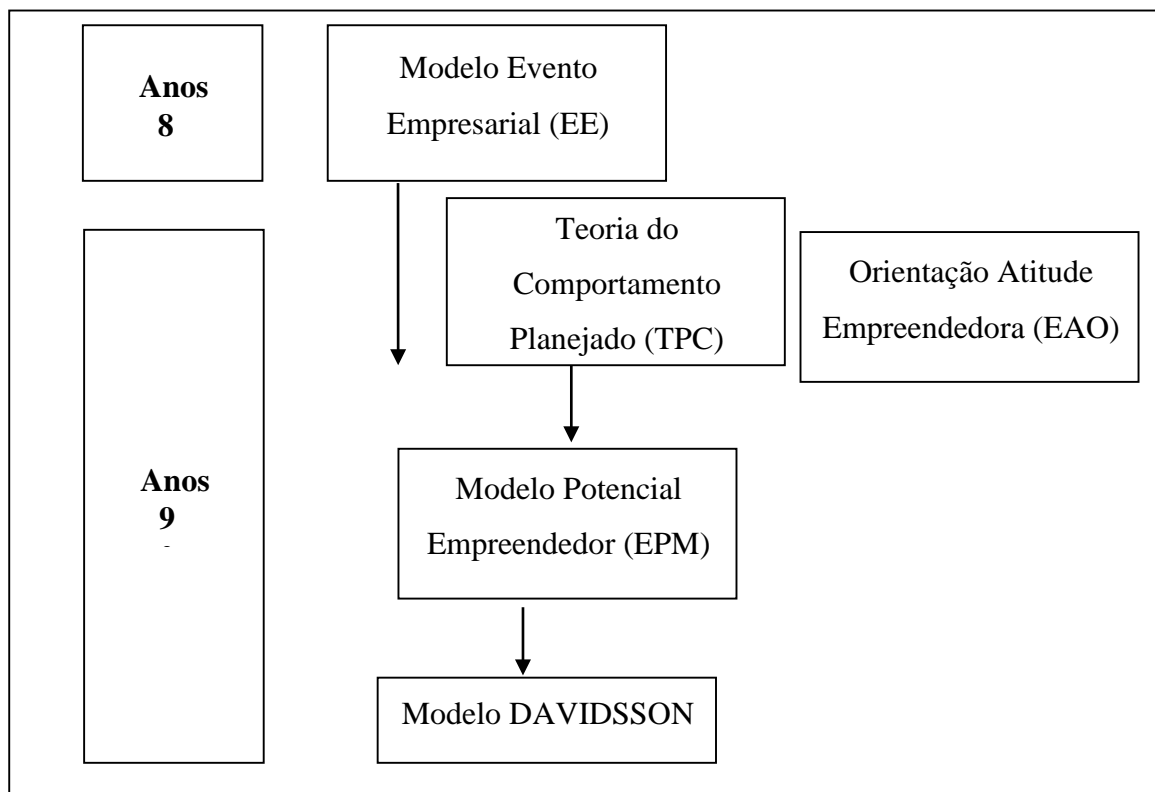


Figura 7 – Evolução dos Modelos de Intenção Empreendedora
Fonte: Adaptado de Guerrero, Rialp e Urbano (2006)

A evolução dos modelos de Intenção Empreendedora é baseada nos modelos da década de 80 - Shapero, e década de 90 – Ajzen, que, para Singh, Prasad e Raut (2012), são os mais

utilizados para se estudar a intenção empreendedora, confirmando os achados das meta-análises.

Nessa perspectiva das abordagens sobre os principais modelos de intenção empreendedora e as suas variáveis, Black (2012) apresentou um quadro comparativo entre os modelos encontrados na literatura, incluindo as principais variáveis que cada um desses modelos contempla.

No Quadro 4 apresenta-se os modelos e suas variáveis considerados por Black (2012) com complementações elaboradas pela autora procurando demonstrar todos os modelos existentes até a elaboração da presente pesquisa.

Nome do modelo Intenção Empreendedora	Comparação das três principais variáveis mediadoras encontradas em modelos de Intenção Empreendedora			Outras variáveis
	Desejo	Normas sociais	Viabilidade	Incluídas no modelo
Modelo intenção Comportamental de Fishbein (Fishbein, 1967)	Atitude	n/a	n/a	
Teoria da Ação Racional (Ajzen & Fishbein, 1980; Fishbein & Ajzen, 1975)	Atitude	Normas Sociais	n/a	
Modelo de Evento Empresarial (Shapero, 1975; Shapero & Sokol, 1982)	Desejabilidade percebida		Desejabilidade viabilidade	- Propensão à ação - Os fatores precipitantes - Apoio Social - Largura e positividade da experiência passada empresarial
Contextos de Intencionalidade (Bird, 1988)				- Contexto social, político e econômico - História pessoal, a personalidade atual e Habilidades - Pensamento analítico racional de causa efeito e pensamento holístico intuitivos
Teoria do Comportamento Planejado (TPB) (Ajzen, 1985, 1991)	Atitude em relação ao ato	Normas Subjetivas	Controle comportamental percebido	
Spencer e Spencer (1993)				Motivação, os traços de personalidade e o autoconceito
Contextos revistas da intencionalidade (Boyd e Vozikis, 1994)			Auto eficácia	- Pensamento analítico racional - Pensamento holístico intuitivo - Contexto social, político e econômico - História pessoal, Personalidade e Habilidades
Modelo potencial empreendedor (Krueger e Brazeal, 1994)	Desejabilidade percebida (Incluindo normas sociais)		Viabilidade percebida/ Auto eficácia	- Credibilidade - Potencial - Propensão à ação - Precipitando Evento

Nome do modelo Intenção Empreendedora	Comparação das três principais variáveis mediadoras encontradas em modelos de Intenção Empreendedora			Outras variáveis Incluídas no modelo
	Desejo	Incluídas no modelo	Viabilidade	
Modelo de Determinantes das intenções empreendedoras de Davidsson - (Davidsson, 1995)	Atitude geral empreendedora Atitude de domínio	n/a	Convicções empresariais	Antecedentes Pessoais Fatores situacionais
Revisão do Modelo de Determinantes das intenções empreendedoras de Davidsson (Autio et al., 1997)	Atitude geral		Convicções empresariais	Antecedentes Pessoais Contexto social Imagem do Empreendedorismo
Modelo de Lüthje e Franke (2003)				Os fatores que afetam a intenção Empreendedora dos estudantes.
Modelo Kristiansen e Indarti (2004)	Necessidade de Realização, Locus de Controle, Eficácia Própria, Busca de Informação e Intenção Empresarial			1) fatores demográficos e contexto individual; 2) personalidades e atitudes e 3) elementos contextuais.
Modelo Explicativo de Carvalho e Gonzalez (2006)	Competências empresariais, características pessoais dos empresários, intenções empreendedoras			
Modelo Econômico- Psicológico de Brollo (2006)	Auto eficácia;			Variáveis destinadas à identificação do contexto social; Variáveis oportunidade e criatividade; Variável convicção; Variável auto eficácia; Variável intenção na criação de uma nova empresa.

Nome do modelo Intenção Empreendedora	Comparação das três principais variáveis mediadoras encontradas em modelos de Intenção Empreendedora			Outras variáveis Incluídas no modelo
	Desejo	Incluídas no modelo	Viabilidade	
Modelo cognitivo do modelo empresarial de intenção (Krueger, 2009)	Conveniência pessoal Conveniência percebido	Normas sociais Percebidas	Viabilidade percebido Auto eficácia percebida Percepção coletiva auto eficácia	Propensão para agir Fatores exógenos (Pessoal e situacional) Percepção de oportunidade
Modo de Intenções Empresarial contexto específico (Elfving, Brännback, e Carsrud, 2009)	Conveniência empresarial percebida		Viabilidade empresarial percebida Auto eficácia	Motivação Objetivo superordenado Desencadeamento do evento Objetivo empresarial Avaliação de oportunidade
Modelo de Liñán e Chen 2009	Atitude empreendedora	Norma Subjetiva	Controle comportamento percebido	Capital Humano e outras variáveis demográficas
Modelo Jaén e Liñán 2013	Atitude empreendedora	Norma subjetiva	Controle comportamento percebido	Cultura
Modelo de Schlaegel e Koenig 2014	Atitude empreendedora	Norma Subjetiva	Auto eficácia Controle comportamento percebido Desejabilidade percebida Viabilidade da desejabilidade	

Quadro 4 – Modelos de Intenção Empreendedora e suas variáveis.

Fonte: Adaptado Black (2012, p. 20-21) e complementado pela autora, 2015.

Observa-se, no Quadro 4, um número significativo de modelos, que as variáveis mediadoras predominantes são a atitude e o controle do comportamento, as quais são encontradas na maioria dos modelos que foram desenvolvidos com a perspectiva de mensurar a Intenção Empreendedora. Com base na exposição e explanação dos modelos desenvolvidos, até o momento, para medir a intenção empreendedora, observa-se a utilização de dois modelos teóricos específicos, como base, que são o Modelo de Shapero e Sokol (1982) e o Modelo de Ajzen (1991). Confirmado pela meta análise desenvolvida por Schlaegel e Koenig (2014) que a Teoria do Comportamento Planejado - TPB (AJZEN, 1991) e o Modelo Evento Empresarial – EEM (SHAPERO e SOKOL, 1982), são as duas teorias mais amplamente testadas para explicar intenção empreendedora.

Diante do exposto, apresenta-se os modelos dominantes.

O modelo conceitual de Shapero (1982) – em seu artigo intitulado *The Social dimensions of Entrepreneurship*, o evento se torna a variável dependente, enquanto o indivíduo ou grupo que gera o evento tornam-se as variáveis independentes, assim como os contextos sociais, econômicos, políticos e culturais (SHAPERO e SOKOL, 1982, p. 77). Desse modo, o evento empresarial é a unidade de análise em que o esforço é realizado para explicar os fenômenos. Operacionalmente, o evento empresarial é iniciado por: Iniciativa - um indivíduo ou grupo toma a iniciativa; Consolidação de recursos - uma organização é formada ou reestruturada para realizar algum objetivo; Gestão da organização por quem tomou a iniciativa; Autonomia relativa - os recursos são eliminados e distribuídos com relativa liberdade; Tomada de Risco - sucesso ou fracasso da organização é partilhado pelos iniciadores. (SHAPERO e SOKOL, 1982, p. 78).

Ainda de acordo com esses autores, há duas questões a serem respondidas: “O que provocou a ação que o levou a uma mudança no antigo caminho de vida do indivíduo? E por que o indivíduo escolhe um determinado caminho de inúmeras outras opções? ”. (SHAPERO e SOKOL, 1982, p. 78). O modelo que desenvolveram considera que a intenção de iniciar um novo empreendimento depende de três elementos: 1) Percepção da Desejabilidade - as percepções de conveniência, a atratividade pessoal de começar um negócio, incluindo os impactos pessoais e intrapessoais extra. 2) Propensão para agir - a disposição pessoal para atuar em uma decisão, refletindo aspectos volitivos de intenções (“Eu vou fazer isso”). 3) Percepção da Viabilidade - o grau em que a pessoa se sente pessoalmente capaz de iniciar um negócio.

De acordo com o modelo proposto por Shapero e Sokol (1982), conforme se pode observar na Figura 8, desejabilidade e a viabilidade são etapas mutuamente interativas.

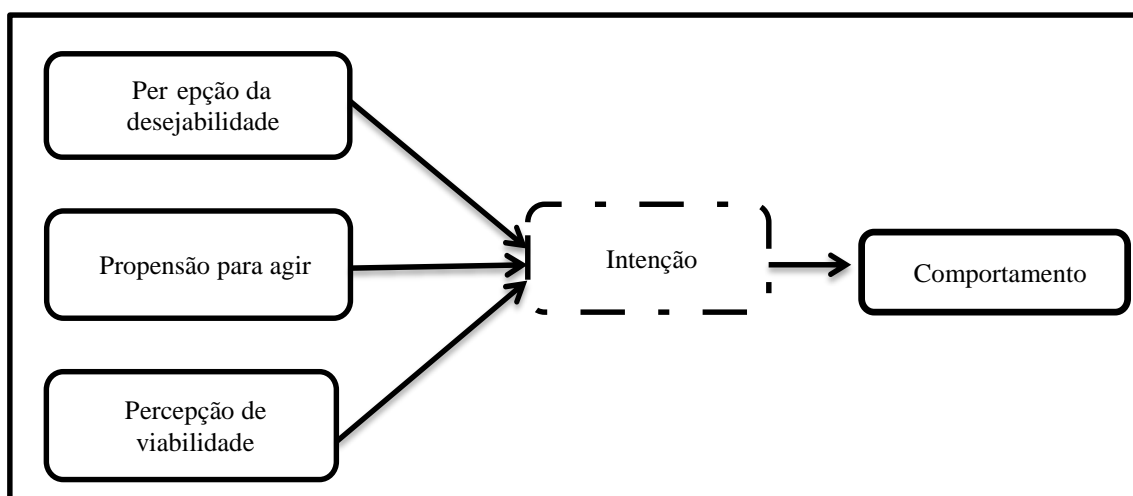


Figura 8 - Modelo Conceitual de Shapero
Fonte: Carvalho (2004).

De acordo com Carvalho (2004), a desejabilidade é o sentimento individual que, na realidade, inicia o processo de tomada de decisão empresarial. Desse modo, este é considerado um pré-requisito na avaliação da viabilidade. Quanto ao contexto, ele poderá ter um papel catalizador ou inibidor na difusão do empreendedorismo. O autor destaca, ainda, que as motivações ocorrem em meios mais envolventes e mais favoráveis à criação de empresas. (CARVALHO, 2004; p.45)

Para Klapper e Léger-Jarniou (2006), a proposta de Shapero e Sokol (1982) é um modelo de processo à base de intencionalidade do evento empresarial. O modelo levanta a hipótese de que a intenção de iniciar um negócio deriva da percepção de ambas - conveniência e viabilidade - e de uma propensão para agir em oportunidades.

Brollo (2006, p. 46), por sua vez, afirma que o modelo de intenção de Shapero e Sokol (1982) incorpora o conceito de autoeficácia da teoria social de Bandura (1977), e assume a viabilidade percebida como aspecto central da intenção para começar um negócio.

Diante do exposto, o que a proposta de Shapero e Sokol (1982) revela é que a intenção precede uma ação, ou seja, o indivíduo terá primeiramente a intenção de realizar algo e essa realização se constituirá em uma ação, a efetivação do comportamento.

O modelo conceitual de Ajzen (1991) - Em 1991, Ajzen apresentou a *TPB – Theory of Planned Behaviour*, buscando explicar o comportamento humano, em geral, diante de uma situação particular de intencionalidade.

O modelo de Ajzen (1991) compreende três variáveis independentes, que precedem a formação da intenção e que, por sua vez, preveem o comportamento. A primeira variável é a atitude face ao comportamento, ou seja, permite determinar o momento favorável para um determinado comportamento. Relativamente à segunda variável, corresponde às normas subjetivas, quer dizer a própria percepção que um indivíduo tem sobre a comunidade que o rodeia, determinando o seu comportamento. A terceira variável reflete o grau de percepção de controle individual, levando o indivíduo a ter também um determinado comportamento.

Ajzen (1991) argumenta que as atitudes pessoais se referem à atitude ou crença perante um comportamento, e corresponderá à avaliação favorável ou desfavorável que o indivíduo faz desse comportamento. O modelo da Teoria do Comportamento Planejado é apresentado na Figura 9, a seguir.

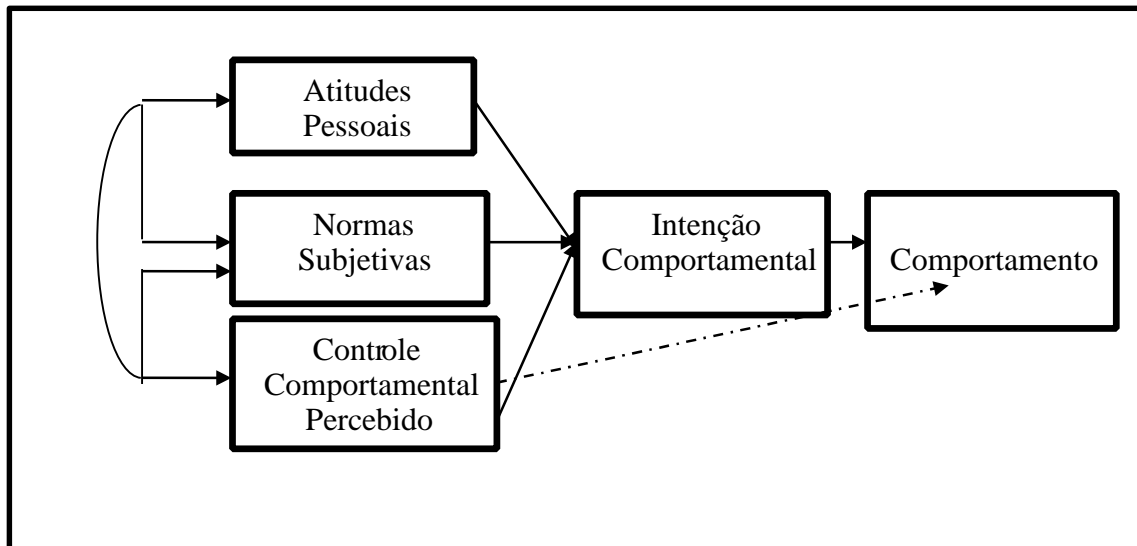


Figura 9 - Modelo da Teoria do Comportamento Panejado

Fonte: Adaptado a partir do modelo de Ajzen (1991)

As crenças normativas influenciam as normas subjetivas, que também refletem na intenção e comportamento. As crenças de controle influenciam o controle comportamental percebido, que também reflete na intenção e comportamento, porém entre a intenção e comportamento há um controle de comportamento real.

A obtenção desses resultados numa pesquisa é realizada com a aplicação de um questionário que, segundo Ajzen, pode ser adaptada à necessidade do objeto de estudo.

A seguir apresenta-se, sucintamente, a descrição da construção do questionário baseado no que propõe Ajzen (1991):

- Definindo o Comportamento - devem ser claramente definidos em termos de sua meta, ação, contexto e elementos de tempo.
- Especificando a população da pesquisa - as populações de interesse para os investigadores também devem ser claramente definidas
- Formular itens para medidas diretas - cinco a seis itens são formulados para avaliar cada uma das principais construções da teoria: Atitude, norma percebida, controle comportamental percebido e intenção.
- O questionário-piloto, além de provocar resultados mais marcantes, referentes a normativos e fatores de controle, também inclui os itens que foram formulados para obter medidas diretas de atitude em relação ao comportamento, norma percebida e controle comportamental percebido. Os dados obtidos são utilizados para selecionar os

itens confiáveis e válidos para uso no questionário final. Cada conjunto de itens destinados a avaliar diretamente uma determinada construção deve ter um alto grau de consistência interna (por exemplo, um coeficiente alfa de altura), e as medidas das diferentes construções devem apresentar validade discriminante. Para alcançar esses objetivos, um ou dois itens podem ter que ser descartados para cada construto.

- Análise confirmatória é uma forma de avaliar a qualidade das escalas para ser incluído.

Como recomendação, o questionário também inclui medidas de quaisquer fatores de fundo ou outras variáveis que o investigador acredita que pode haver interesse para o comportamento sob investigação. Elas podem ser, por exemplo, dados pessoais como idade, sexo, etnia, nível de educação, renda, as características de personalidade (por exemplo, consciência) ou outras variáveis de diferença individuais (autoestima, busca de sensações), variáveis de estrutura social (residência urbana versus rural) e assim por diante. De acordo com a Teoria do Comportamento Planejado, é possível prever se um indivíduo vai criar um negócio no futuro, analisando para o efeito, a sua intenção empreendedora.

Deve-se ressaltar, neste ponto, para melhor entendimento, que as diferenças entre os modelos teóricos aqui apresentados se encontram nos constructos e no conjunto de variáveis consideradas por cada autor, sendo, entretanto, a teoria proposta por Ajzen (1991), a Teoria do Comportamento Planejado, a que se considera dominante e figura nas mais recentes meta-análises desenvolvidas por Schlaegel e Koenig (2014), Lortie e Castogiovanni (2015) e Liñán e Fayolle (2015), como a teoria de base em estudos sobre a Intenção Empreendedora.

Schlaegel e Koenig (2014), após revisão meta-analítica dos determinantes de influência na intenção empreendedora, propuseram a integração teórica dos modelos de Shapeero e Sokol (1982) e de Azjen (1991), especificando as suas próprias contribuições para o processo de aumentar o poder explicativo, a consistência, e, em particular, a clareza teórica, testando um modelo integrado para medir a intenção empreendedora. Para tanto, utilizaram a modelagem das equações estruturais, comparando os resultados com as duas teorias concorrentes, em termos de sua validade preditiva. De acordo com os autores, o modelo integrado proposto é mais complexo e proporciona uma compreensão mais completa dos determinantes da IE e suas inter-relações. Ainda afirmam que a TPB, de Azjen (1991), é a teoria que explica uma quantidade maior de variação na IE.

De acordo com Lortie e Castogiovanni (2015), a TPB tornou-se uma das teorias mais utilizadas para explicar e prever comportamentos dos indivíduos. Ela tem sido citada mais de 5.000 vezes, de acordo com a *Web of Science*, desde que Icek Ajzen a publicou originalmente, em 1988, em livro, e em 1991, em um artigo.

Liñán e Fayolle (2015) afirmam que o artigo de Krueger e Carsrud (1993) é, provavelmente, responsável por fazer da TPB a teoria de "referência" na pesquisa de IE, sendo que os dois artigos de Kolvereid (1996 a, b) serviram para estabelecer, definitivamente, a aplicabilidade e utilidade do modelo TPB em empreendedorismo.

As meta-análises revelam que o modelo TPB é usado para questões de pesquisa específicas, na literatura sobre empreendedorismo; tem sido usado para explicar e prever um grande número de intenções e comportamentos empreendedores. Estudos que utilizaram a TPB constatam que, em média, as intenções comportamentais explicam 30 - 45% da variação nas intenções (KOLVEREID, 1996; VAN GELDEREN et al, 2008; LIÑÁN & CHEN, 2009;. KAUTONEN; GELDEREN; FINK, 2013). Nessa vertente, Engle et. al, (2010) desenvolveram um estudo, a fim de testar a capacidade que a TPB tem para prever a intenção dos estudantes universitários de gestão de negócios, em 12 países. Os resultados predizem, com sucesso, a intenção empreendedora em cada um dos países do estudo. As normas sociais, por sua vez, foram um preditor significativo de intenção empreendedora de cada país.

A Teoria do Comportamento Planejado é uma teoria da área da psicologia social (AJZEN, 1991), a qual argumenta que ela é uma extensão da Teoria da Ação Racional, cujo fator central entre as duas teorias é a intenção do indivíduo para adotar um determinado comportamento. Na medida em que uma pessoa tem as oportunidades e os recursos necessários, e tem a intenção de realizar o comportamento, ela deverá ter sucesso em fazê-lo. Ainda de acordo com Ajzen (1991), deve-se considerar os seguintes constructos: atitude, norma subjetiva e controle do comportamento percebido, assim explicado:

A teoria do comportamento planeado postula três determinantes conceitualmente independentes de intenção. A primeira é a atitude em relação ao comportamento e refere-se ao grau em que uma pessoa tem uma avaliação favorável ou desfavorável ou avaliação do comportamento em questão. O segundo indicador é um fator social denominado norma subjetiva; refere-se à pressão social percebida de realizar ou não realizar o comportamento. O terceiro antecedente de intenção é o grau de controle comportamental percebido que, refere-se à facilidade ou dificuldade de realizar o comportamento percebido e presume-se a refletir a experiência passada, bem como os impedimentos previstos e obstáculos. [...] quanto mais favorável à atitude e norma subjetiva com respeito a um comportamento, e quanto maior for o controle comportamental percebido, a mais forte deve ser intenção um indivíduo para executar o comportamento sob consideração. (AJZEN, 1991, p. 189).

TPB e o Modelo de Liñán e Chen (2006;2009) – para estes autores existem muitos estudos que defendem a ideia de que as intenções desempenham um papel relevante na decisão de iniciar algo novo, por exemplo, uma empresa. Esses autores desenvolveram o modelo representado na Figura 19, cujo objetivo foi o de testar, em dois países, em diferentes contextos culturais, as intenções empreendedoras de estudantes universitários. O modelo foi baseado na literatura teórica e empírica existente sobre a aplicação do TPB ao empreendedorismo. Assim, Liñán e Chen (2006;2009) se basearam na Teoria do Comportamento Planejado proposto por Ajzen (1991) para testar e adequar um modelo e avaliar a adequação de um instrumento - uma escala psicométrica - que fosse capaz de medir a intenção empreendedora em diferentes contextos culturais, uma vez que na literatura vem apontando para a necessidade de um instrumento de medida padrão para investigar a intenção empreendedora. Para tanto, os constructos do modelo proposto por Liñán e Chen (2006;2009) foram:

- Atitude Pessoal (AP) refere-se ao grau em que o indivíduo detém uma avaliação pessoal positiva ou negativa sobre ser um empreendedor [...] ela inclui não só afetivo (eu gosto, ele é atraente), mas também considerações de avaliação (ele tem vantagens).
- Norma Subjetiva (NS) mede a pressão social percebida de realizar - ou não realizar - comportamentos empreendedores. [...] e remete para a percepção de que "as pessoas de referência" irão aprovar a decisão de se tornar um empreendedor, ou não.
- Controle Comportamento Percebido (CCP) é definido como a percepção da facilidade ou dificuldade de se tornar um empreendedor. Neste caso, os autores chamam a atenção para a semelhança com os conceitos de Bandura (1997) de auto eficácia, e de Shapero e Sokol (1982) para a viabilidade percebida. (LIÑÁN; CHEN, 2006, p.4: 2009, p.596)

Liñán e Chen (2006; 2009) consideraram, também, o capital humano e as variáveis demográficas como influenciadores dos constructos que irão interferir na intenção empreendedora.

A Figura 10 mostra o entendimento dos dois autores, Liñán e Chen (2009), consolidado em um modelo teórico.

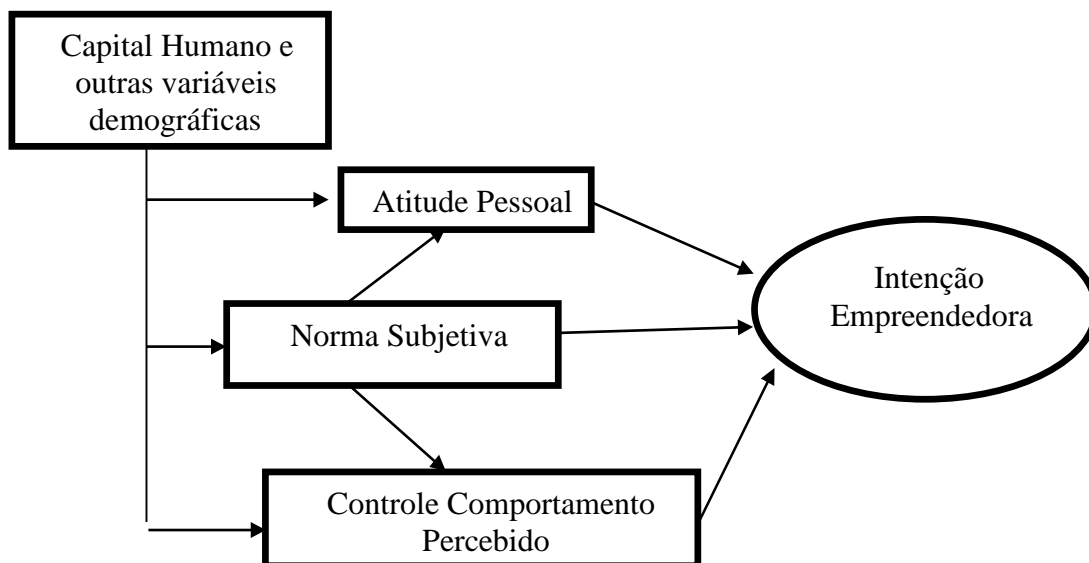


Figura 10- Modelo de Liñán e Chen

Fonte: Adaptado a partir de Liñán e Chen (2009, p.597)

Liñán e Chen (2006) diz que as variáveis demográficas não devem afetar diretamente intenção, mas poderia ser muito útil na identificação de seus efeitos sobre o controle comportamento percebido, atitudes e normas subjetivas.

Esse modelo foi utilizado em dois países com diferentes estruturas culturais e sociais, a saber: Espanha e Taiwan. A amostra foi constituída de 519 indivíduos. Os dados obtidos foram utilizados para testar o referido modelo, tendo sido utilizado o EIQ – questionário por eles desenvolvido, composto inicialmente por uma escala psicométrica para verificar a intenção empreendedora, em que o primeiro bloco com cinco questões objetiva coleta dados a respeito da percepção dos alunos com relação as atitudes pessoais; O foco das questões do segundo bloco, com três questões visa capturar a percepção dos pesquisados quanto as normas subjetivas, o terceiro bloco é com seis questões que objetivam coletar dados sobre o controle do comportamento percebido e o último bloco com seis questões, são com questões pertinentes a intenção empreendedora. Além da escala psicométrica para medir as intenções, outras questões foram incluídas para se obter informações sobre as vantagens e desvantagens consideradas pelos respondentes em relação a ser empreendedor ou não; um outro bloco de questões visa obter informações sobre os valores da sociedade para o empreendedor; conjunto de habilidades empreendedoras que considerassem possuir; perguntas fechadas para saber até que ponto ele considerou a hipótese de se tornar um empreendedor; tem um bloco de questões para saber sobre a educação e experiência dos respondentes; conhecimentos empresariais e

objetivos empresarias, bem como informações sobre nível de renda, gênero, idade, nível de educação dos pais, nível de renda e a ocupação atual dos respondentes. Esse questionário está vinculado a linha de pesquisa sobre "PME e Desenvolvimento Económico" na Universidade de Sevilha, em colaboração com outras universidades, é um estudo internacional sobre a criação de empresas por alunos e ex-alunos.

Após aplicação do questionário, tabulação dos dados, são utilizadas técnicas de equações estruturais. De acordo com os autores, no passado, a maioria das pesquisas sobre intenções empreendedoras utilizaram modelos de regressão linear. Para tanto, utilizaram as técnicas de equações estruturais para tentar superar limitações de pesquisas anteriores. (LINAN; CHEN, 2009. p. 524).

As hipóteses testadas pelos autores foram as seguintes:

- Atitude pessoal positiva influencia a intenção empreendedora AP → IE
- Controle comportamento percebido positivamente influencia intenção empreendedora CCP → IE
- Norma subjetiva positivamente influencia intenção empreendedora SN → IE
- Norma subjetiva positivamente influencia atitude pessoal SN → AP
- Norma subjetiva positivamente influencia controle comportamento percebido SN → CCP
- Norma subjetiva exerce um efeito mais forte sobre a AP e CCP no país menos individualista (Taiwan) Tw → SN +
- O efeito relativo de PA e CCP em EI difere por país Sp → + AP (AP efeito no EI mais forte em Espanha, CCP efeito mais forte em Taiwan) Tw → PBC +. (LINAN; CHEN, 2009).

Liñán (2008) e Liñán e Chen (2009) reconheceram, porém, na pesquisa, alguns possíveis problemas com o EI, como viés de aquiescência.

De acordo com Liñán, Urbano, Guerrero (2011) “aquiescência é a tendência dos indivíduos a concordar com as declarações em uma escala ou instrumento, e tem sido tradicionalmente considerada como uma característica do instrumento de medição usado.”

Em estudo realizado, em sequência, esses autores consideraram que

[...] a solução mais comum é a construção de escalas equilibradas, que geralmente são compostas de itens do tipo Likert. Em uma escala equilibrada todos os itens são redigidos de forma positiva; no entanto, metade dos itens mede numa direção do traço enquanto que a outra metade medida na direção oposta (THOMPSON, 2009). A principal hipótese deste tipo de medidas é que a aquiescência dos itens em uma direção será cancelada por aquiescência para os itens na direção oposta. Assim, a soma das pontuações de itens apropriadamente invertidas (pontuação de conteúdo) é esperada para estar razoavelmente livre de aquiescência (NUNNALLY, 1978; RAY, 1983; HOFSTEE; TEN BERGE; HENDRIKS, 1998). (LIÑÁN; URBANO; GUERRERO, 2011).

Por essa razão, uma versão da escala psicométrica modificada foi desenvolvida, na qual alguns itens invertidos foram incluídos. Dessa forma, os autores esperavam minimizar a possível existência de um problema estatístico. A escala psicométrica no novo questionário ficou assim constituída:

Intenção Empreendedora (A4, A6, A9- revertida, A13, A17 e A19 - revertida);

Atitude em relação ao comportamento (A2 – revertida, A10, A12- revertida, A15 e A18);

Controle Comportamento Percebido (A1, A5- revertida, A7, A14, A16 - revertida, A20);

Norma Subjetiva (A3, A8, A11).

Cabe ressaltar, aqui, em relação ao estudo que se está apresentando nesta tese, que diante da revisão de literatura realizada e dos inúmeros modelos reconhecidos, compreendeu-se que a opção pela escala psicométrica proposta por Liñán (2008) e Liñán e Chen (2009), com a versão atualizada por Liñán, Urbano, Guerrero (2011), constitui-se a decisão mais relevante. Esse modelo foi testado, primeiramente, em nível internacional, em uma amostra de estudantes universitários, sendo revisto e modificado para assegurar resultados estatisticamente mais confiáveis.

Assim, a revisão de literatura, após definido o modelo a ser adotado nesta tese, voltou-se para a análise dos artigos apontados na análise Bibliométrica, no período de 2010 a 2015, considerando aqueles que mais se aproximam do que aqui será realizado, ou seja, os que utilizaram o modelo e a escala psicométrica para coleta de dados.

Foram encontrados, além do artigo de base, de Liñán e Chen (2006; 2009), Liñán (2008), mais três artigos: o de Couto, Mariano e Mayer (2010), o de Liñán, Urbano e Guerrero (2011) e o de Naia (2013), bem como teses e dissertações que utilizaram o respectivo modelo e escala psicométrica.

Liñán e Chen (2006) – “Testing the entrepreneurial intention model on a two-country sample”.

Objetivo – testar um modelo de intenção empreendedora em dois países com diferenças culturais bem diferentes entre eles.

Variáveis - Atitude Pessoal; Normas Subjetivas; Percepção de Controle de Comportamento; Intenção Empreendedora.

Metodologia – utilizou como primeiro passo análise exploratória com a intenção de verificar os indicadores utilizados com as construções teóricas; A análise estatística foi realizada com PLSGrpah v.3.00.

Resultados – as variáveis demográficas têm poucos efeitos significativos sobre os antecedentes da intenção empreendedora, significando que as percepções, intenções são formadas da mesma maneira na Europa como em países Asiáticos.

Liñán (2008) – “Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions?”

Objetivo – Testar e verificar a influência das variáveis – normas subjetivas, atitudes pessoais, controle do comportamento percebido e suas relações sobre a intenção de empreender.

Variáveis - normas subjetivas, controle do comportamento percebido, atitudes pessoais e intenção empreendedora.

Amostra - 226 entrevistas validas, estudantes de negócios e economia Universidade de Sevilha

Metodologia - análise fatorial e modelagem de equações estruturais;

Resultados – o modelo explica 59,2% das intenções empreendedoras.

Liñán e Chen (2009) – “Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions”.

Objetivo - Descrever propriedades psicométricas da construção de um questionário para medir intenção empreendedora. Apresenta as análises de confiabilidade e validade realizados para avaliar a adequação deste instrumento. Testa a aplicabilidade do modelo de intenção empresarial para diferentes contextos culturais.

Variáveis - Atitude Pessoal; Normas Subjetivas; Percepção de Controle de Comportamento; Intenção Empreendedora.

Amostra - dos 387 entrevistados totais, 71,9% deles são estudantes de negócios, o resto sendo essencialmente estudantes de economia (26,8%). Dos entrevistados, 55,8% são do sexo feminino, enquanto a idade média é de 23,6 anos.

Metodologia - Primeira parte - Utilizou técnicas de equações estruturais, seguindo a formulação da teoria do comportamento planejado (TPB) de Ajzen (1991);310 questionários validos; O primeiro passo foi usar o alfa de Cronbach para testar a confiabilidade das escalas propostas; O segundo passo foi a análise de validade; análise fatorial; A segunda parte foi testar o instrumento em culturas diferentes – Espanha e Taiwan.

Resultados- Modelo explica 55,5% da variação na intenção empreendedora baseada em Atitudes Pessoais e Controle Comportamento Percebido.

Couto, Mariano e Mayer (2010) – “Medição da Intenção Empreendedora no Contexto Brasileiro: Desafios da Aplicação de um Modelo Internacional”.

Objetivo - Apresentar os resultados da aplicação de um instrumento de medição da intenção empreendedora no Brasil

Variáveis - Atitude Pessoal, Normas Subjetivas, Percepção de Controle de Comportamento e Intenção Empreendedora.

Metodologia - Os questionários foram aplicados em uma amostragem não-probabilística de estudantes do curso de Administração de Empresas da Universidade Federal Fluminense, entre setembro e outubro de 2009. - 254 Questionários foram coletados. Para compilar as informações coletadas, utilizou-se o software CPro 4.0 e, após isso, os dados foram transportados para o SPSS 16.0, para a análise dos resultados. Análise fatorial exploratória.

Resultados – participaram da pesquisa, 48,8% eram homens, e 46,5% mulheres (12 questionários não tinham respostas sobre o sexo do respondente). A idade média dos participantes é de 22,69 anos.

Utilizaram a análise fatorial exploratória, considerando que através desta metodologia, seria possível avaliar se as respostas dos estudantes brasileiros refletiriam a estrutura conceitual do modelo de intenção empreendedora proposta por Chen e Liñán (2009). Os resultados provenientes da aplicação do QIE nesse estudo não alcançaram índices suficientes de confiabilidade e validade, não sendo possível, assim, identificar a estrutura do modelo de intenção de empreendedora ou uma forte correlação entre os itens que se referem aos fatores do modelo. Os autores ainda relataram possíveis causas, “características demográficas de cada população têm forte influência nas percepções e sobre empreendedorismo e conseqüentemente, da intenção empreendedora, por razões históricas, socioeconômicas ou culturais” (COUTO, MARIANO E MAYER, 2010, p.11)

Hecke (2011) - A intenção empreendedora dos alunos concluintes dos cursos de graduação em administração e ciências contábeis das instituições de ensino superior de Curitiba-PR.

Objetivo - Identificar se há diferença entre os formandos em administração e ciências contábeis, das IES de Curitiba - PR, nas suas atitudes e intenção empreendedora.

Metodologia – a amostra foi do tipo não-probabilística por conveniência, análise fatorial exploratória para agrupar as variáveis analisadas e avaliar os constructos teóricos que foram formulados. Análise de Regressão Linear usada com o objetivo de verificar a influência de cada um dos constructos sobre a Intenção Empreendedora dos respondentes.

Resultados - Após a estimativa da Análise de Regressão Linear e da comparação das médias os resultados obtidos foram analisados e observou-se que, com relação às questões que analisavam as atitudes pessoais dos respondentes, percebeu-se que essas explicam em até 47,2% das

variações das Intenções Empreendedoras dos graduandos em Administração e 60,9% entre os estudantes de Ciências Contábeis.

Liñán, Urbano e Guerrero (2011) – “Regional variations in entrepreneurial cognitions: Start-up intentions of university students in Spain”.

Objetivo - é identificar alguns dos elementos cognitivos ambientais que podem explicar as diferenças regionais nas intenções iniciais, objetivo foi analisar os valores sociais e sua influência nas intenções empreendedoras, duas regiões diferentes

Variáveis - Atitude Pessoal, Normas Subjetivas, Percepção de Controle de Comportamento e Intenção Empreendedora

Metodologia – A análise empírica / amostra de conveniência, último ano alunos matriculados em negócios e economia, outubro e novembro de 2006.

A amostra final foi composta por 549 alunos.

Importante destacar que em seu estudo, Liñán e Chen (2009) reconheceram alguns possíveis problemas com o EIQ, como viés aquiescência. Aquiescência é a tendência dos indivíduos para concordar com declarações em uma escala ou instrumento, e tem sido tradicionalmente considerado como uma característica do instrumento de medição utilizado (Ray 1979; Ferrando, Condon, e Chico 2004). A solução mais comum é a construção de escalas equilibradas, que geralmente são compostas de itens do tipo Likert. Em uma escala equilibrada os itens estão redigidos de forma positiva, no entanto, metade dos itens mediram em uma direção, enquanto a outra metade da medida na direção oposta.

Desta forma a escala psicométrica de A1 até A20 mediram as quatro construções centrais da teoria do comportamento planejado: Intenção Empreendedora - A4, A6, A9- revertida, A13, A17 e A19 revertida; Atitude Pessoal - A2 - revertida, A10, A12- revertida, A15 e A18; Controle do Comportamento Percebido - A1, A5 revertido, A7, A14, A16 revertida, A20 e Normas Subjetivas - A3, A8, A11.

Resultados - Dos 20 itens em questão - desses quatro itens não foram carregados no fator esperado, eles foram eliminados. Uma nova análise fatorial foi realizada para os 16 itens restantes. O *Kaiser- Meyer- Olkin* (KMO) medida de adequação da amostra foi notavelmente elevada (0,872), e o teste de esfericidade de Bartlett foi altamente significativa (p<0,001). Ambas as medidas sugerem análise fatorial para ser um instrumento adequado para usar. Variância acumulada explicada foi de 61,7%. Todos os itens carregados no esperado fator. O único resultado polêmico é em relação ao item A15 que corresponde conceitualmente o fator 4

(atitude em relação ao comportamento), mas também carrega em fator 1 (intenção). No entanto, a carga é maior no fator 4 (0,514 contra 0,424). Como esta é uma primeira aplicação deste questionário (EIQv3), foi mantido. Para o futuro, os autores recomendaram revisão.

Naia (2013) - *“Entrepreneurship education in sport sciences: implications for curriculum development”*.

Objetivo- O estudo teve como objetivo testar a Teoria de Ajzen do Comportamento Planejado (TPB), no âmbito das ciências do esporte, e assim com o objetivo de definir quais variáveis influenciam as intenções empreendedoras dos alunos da Faculdade de Motricidade Humana em Lisboa.

Variáveis – Atitude Pessoal, Normas Subjetivas, Percepção de Controle de comportamento e Intenção Empreendedora

Metodologia - Amostra de 379 estudantes; utilizou a escala psicométrica QIAv3.2 proposto por Liñán, Urbano de Guerrero (2011), Análise fatorial confirmatória, MEE.

Resultados - Dos 20 itens em questão, desses, quatro itens não foram carregados no fator esperado, eles foram eliminados. Uma nova análise fatorial foi com os 16 itens. Teste de Kaiser-Meyer-Olkin 0,93; Alphas de Cronbach 0,78 – 0,93; O modelo explicou variação na intenção empreendedora baseada em Atitude Pessoal e Controle do Comportamento Percebido em 90%.

Almeida (2013) - *“Valores, atitudes e intenção empreendedora: um estudo com universitários brasileiros e cabo-verdianos”*.

Objetivo - verificar as relações entre valores, atitude em relação ao empreendedorismo e intenção empreendedora em um estudo comparativo com universitários de graduação em Administração das Cinco Regiões Brasileiras e Cabo Verde.

Metodologia - O instrumento de pesquisa foi composto por um questionário sócio demográfico, a escala de Valores Humanos – Questionário de Perfis de Valores de Schwartz (2001) e o Questionário de Intenção Empreendedora de Liñán & Chen (2009). Os dados foram tabulados e analisados nos Softwares: SPSS 21 e AMOS 21 para a produção de Estatísticas Descritivas, Análises de Confiabilidade, Análises de Correlação, Análise de Variância (ANOVA), Gráficos, Análise Fatorial Confirmatória e Modelagem de Equações Estruturais (SEM).

Resultados – dos resultados obtidos na pesquisa é importante salientar o que se refere as intenções empreendedoras. Na amostra as mulheres apresentam menor intenção empreendedora, atitude pessoal menos positiva em relação ao empreendedorismo e menor percepção de capacidade iniciar uma empresa, embora indiquem possuir níveis semelhantes de

apoio social (normas subjetivas). Importante lembrar que o estudo foi em dois países e que investigou a intenção empreendedora e outras relações. Com outras escalas e teorias.

Feita a apresentação dos principais achados na revisão da literatura, evidenciamos os resultados que se assemelham com a proposta desta tese, a seguir, no quadro 5.

Modelo	2009 Liñán e Chen	2010 Couto, Mariano e Mayer	2011 Hecke	2011 Liñán, Urbano, Guerrero	2013 Naia
Variáveis mediadoras encontradas em modelos de Intenção Empreendedora	Atitude Pessoal Normas subjetivas Controle comportamento percebido Intenção Empreendedora	Atitude Pessoal Normas subjetivas Controle comportamento percebido Intenção Empreendedora	Atitude Pessoal Normas subjetivas Controle comportamento percebido Intenção Empreendedora	Atitude Pessoal Normas subjetivas Controle comportamento percebido Intenção Empreendedora	Atitude Pessoal Normas subjetivas Controle comportamento percebido Intenção Empreendedora
Amostra	310	254	443	549	379
Teste de Kaiser-Meyer-Olkin	0,912	0,916	0,876 ADM / 0,889 CC	0,872	0,93
Teste de esfericidade de Bartlett	(p ≤ 0,001)	(p ≤ 0,001)	(p ≤ 0,001)	(p ≤ 0,001)	(p ≤ 0,001)
Alphas de Cronbach	0,776 - 0,953	0,691 - 0,158	0,879-0,935	0,809 - 0,722	0,78 – 0,93
Coefficientes.	95% (p ≤ 0,05).	n	n	57,2% (p ≤ 0,001).	90% (p ≤ 0,001).
Modelo explica variação na intenção empreendedora baseada em AP e PBC.	55,5%	n	47,2% ADM / 60,9% CC	61,7%	90%
Análise	Análise fatorial exploratória	Análise fatorial exploratória	Análise Fatorial Exploratória e Análise de Regressão Linear	Análise fatorial exploratória	Análise fatorial confirmatória,
Itens Eliminados	Não	Não	Não	A5,A9,A10 e A19	A5, A16, A20 e A18
Problema		A02, A07, A09 e A19 cargas fatoriais significativas em mais de um dos componentes detectados pela matriz fatorial, descaracterizando, também, o modelo proposto.		Aquiescência*	
<p>Solução* Direção oposta: As quatro construções centrais da Teoria do Comportamento Planejado:</p> <p>Intenção Empresarial (A4 , A6, A9- revertida (rev) - , A13, A17 e A19 -rev -); Atitude Pessoal (A2 - rev , A10, A12- rev - , A15 e A18); CCP (A1, A5- rev - , A7, A14, A16- rev - , A20); Norma Subjetiva (A3 , A8 , A11) .</p>					

Quadro 5 – Resultados dos artigos que adotaram EIQ

Para finalizar, tendo em vista essa revisão bibliográfica é possível perceber que o estudo do Liñán e Chen (2009) foi desenvolvido com base na teoria proposta por Ajzen (1991), com a intenção de construir e testar um modelo que pudesse ser aplicável em diferentes contextos culturais.

Liñán, Urbano e Guerrero (2011) consideraram a necessidade de rever a escala psicométrica, tendo verificado aquiescência para alguns itens da escala psicométrica do modelo original de Liñán e Chen (2009). Uma vez detectado o que poderia interferir na pesquisa, a solução encontrada foi conduzir uma reversão no processo de análise desses itens, a fim de possibilitar a validação do instrumento em outros contextos.

O estudo realizado por Naia (2013) utilizou essa nova escala psicométrica. Os resultados mostraram, claramente, que a Teoria do Comportamento Planejado é uma teoria válida e que o instrumento de escala psicométrica desenvolvido e ajustado por Liñán, Urbano e Guerrero (2011) foi aplicado e validado em contexto diferente, possibilitando sua aplicação em outros contextos.

Assim, a pesquisa de campo referente a esta tese teve por base o modelo do Liñán e Chen (2009) e a escala psicométrica ajustada por Liñán, Urbano e Guerrero em 2011, demonstrando a necessidade de ser validado, o que foi feito mais recentemente, por Naia (2013). Os fundamentos teóricos, conforme entendimento, tomam por base o que preconizou Ajzen (1991), visto ser este o autor majoritariamente citado nos resultados do estudo bibliométrico e na revisão de literatura realizada.

Com base nesta revisão de literatura, emergem, a seguir, as hipóteses deste estudo.

2.4.1. Hipóteses que emergem da revisão de literatura

Após a revisão da literatura, cabe considerar, primeiramente, o modelo estruturado e adotado nesta pesquisa. Está representado pela figura 11.

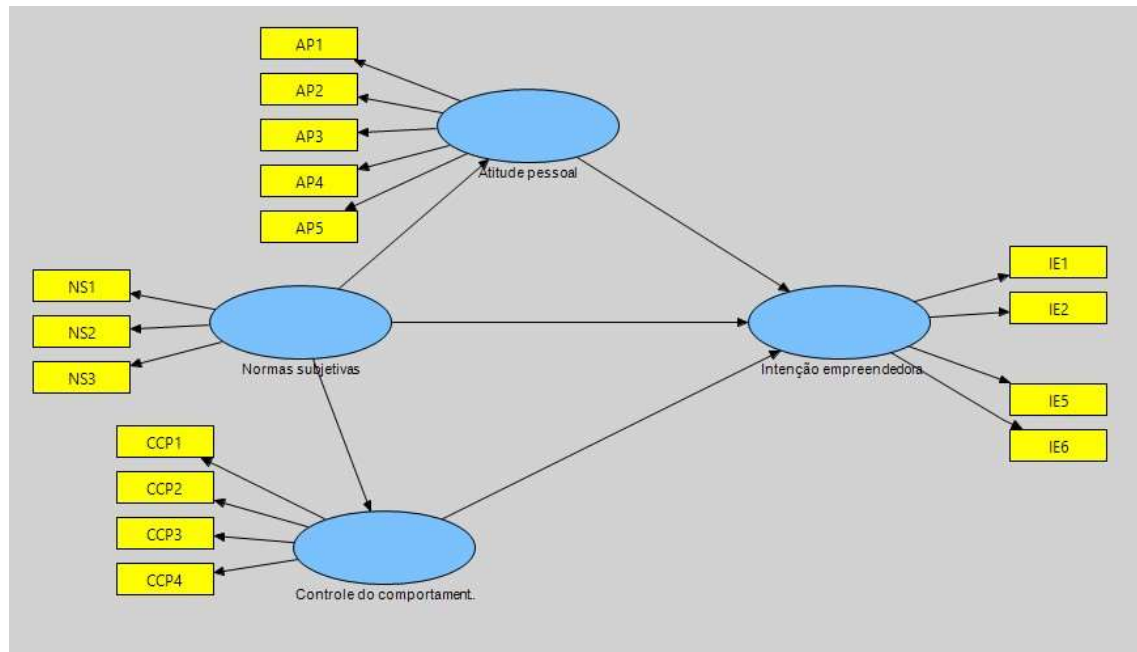


Figura 11: Representação do modelo de mensuração

Fonte: Dados da pesquisa obtidos com a utilização do SmartPLS

Por sua vez, as hipóteses que emergem para serem testadas são:

H1: A Atitude pessoal terá uma relação positiva e significativa com a Intenção empreendedora;

H2: O Controle do comportamento percebido terá uma relação positiva e significativa com a Intenção empreendedora;

H3: As Normas subjetivas terão uma relação positiva e significativa com a Intenção empreendedora;

H4: As Normas subjetivas terão uma relação positiva e significativa com a Atitude pessoal;

H5: As Normas subjetivas terão uma relação positiva e significativa com o controle comportamental percebido.

A seguir, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta sessão, foram apresentados o desenho da pesquisa, a definição do universo e da amostra de pesquisa, o instrumento de coleta de dados e os procedimentos de coleta e de análise de dados, assim como o ambiente de pesquisa.

3.1 PROCEDIMENTOS DA METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa, de cunho positivista, segue o ditame de que uma teoria é correta se ela for passível de comprovação com métodos científicos validados. Desse modo, o método adotado nesta pesquisa é quantitativo. Segundo Cooper e Schindler (2003, p. 136) está assim a pesquisa relacionada ao emprego de recursos e técnicas estatísticas que visem quantificar os dados coletados. O método possui caráter inferencial. Busca, com o apoio em técnicas estatísticas, inferir generalizações derivadas dos dados observados (Kerlinger, 1980).

Da Silva, Lopes e Júnior (2014, p. 3) complementam essa concepção quando afirmam que “A pesquisa quantitativa só tem sentido quando há um problema muito bem definido e há informação e teoria a respeito do objeto de conhecimento, entendido aqui como o foco da pesquisa e/ou aquilo que se quer estudar”. Por sua vez Silveira et al. (2009, p. 69,70) complementam afirmando que estas pesquisas apresentam análise dedutiva, onde o delineamento é pré-determinado, estruturado, e a validade da pesquisa dá-se por meio da confiança em indicadores estatísticos.

Quanto ao corte temporal o estudo é transversal, na medida em que se busca observar sua formação em um momento específico (SELLTIZ; WRIGHTSMAN; COOK, 1987), com base na teoria proposta e nos objetivos desta pesquisa. Com esse entendimento, para sua realização, o delineamento adotado foi a Modelagem de Equações Estruturais (MEE). Com aplicação em quase todas as áreas de estudo este se mostra adequado, uma vez que inclui administração, educação, psicologia, sociologia entre outras (HAIR JR. et al., 2005, p. 466).

Ainda de acordo com Hair Jr. et al. (2005, p. 475), a MEE, sendo um método confirmatório, orientado mais por teoria do que por resultados empíricos, fornece ao

pesquisador a habilidade de acomodar múltiplas relações de dependência inter-relacionadas em um só modelo. Permite testar modelos teóricos em diferentes áreas do conhecimento.

Em linha, para Bido et al. (2012),

“[...] a MEE, vista como um método de pesquisa e não como uma técnica de análise de dados, envolve atividades e decisões que incluem: a escolha do referencial teórico a ser utilizado; elaboração do modelo estrutural (que especifica a relação entre os constructos) e do modelo de mensuração (especificação dos indicadores para mensurar os constructos ou variáveis latentes) que, às vezes, envolve a construção de instrumentos para a coleta de dados; a coleta de dados propriamente dita; o teste do modelo e; finalmente, a interpretação dos resultados à luz da teoria que foi usada para justificá-lo”. (BIDO et al., 2012, p. 475).

No contexto brasileiro, desde meados da década passada, se pode notar um aumento de interesse sobre o uso da MEE como estratégia de análise de dados e teste de modelos teóricos.

Existem basicamente duas abordagens existentes para o uso de MEE. Uma abordagem consiste em uso de MEE baseada em matriz de covariância, e a outra abordagem é baseada em variância (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014). Em situações em que o pesquisador das ciências sociais aplicadas se depara com questões de pesquisa que representam fenômenos em modelos “[...] com suporte teórico pouco consagrado ou ainda pouco explorado [...]”, (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014, p.55) o uso de MEE baseado em variância ou mínimos quadrados parciais (PLS, *Partial Least Square*) é recomendado.

Também se entende que o uso desta abordagem é indicado quando se observa uma distribuição de dados não aderente à normalidade, e ainda quando o objetivo do estudo seja buscar uma maior predição das variáveis dependentes (HAIR JR. et al., 2014).

Segundo Hair Jr. et al. (2005), as razões para que se adote a MEE em áreas diversas são duas:

1. Fornece um método direto para lidar com múltiplas relações simultaneamente enquanto fornece eficiência estatística e
2. Sua habilidade para avaliar as relações em âmbito geral e fornece uma transição da análise exploratória para a análise confirmatória. (HAIR JR. et al. 2005, p. 466),

Deve ser ressaltado que é de fundamental importância que as medidas utilizadas em um estudo de MEE tenham sido desenvolvidas a partir de estruturas teóricas que deverão gerar as hipóteses do estudo, que já tenham sua validade demonstrada, preferencialmente em estudos anteriores. (HAIR ET AL, 2014). Neste estudo foi adotado como software de MEE baseado em variância o SmartPLS (RINGLE, WENDE, 2005).

Ringle, Silva e Bido (2014, p. 475) estabelecem alguns estágios para a aplicação da MEE baseada em variância com uso do SmartPLS. O primeiro estágio - de desenvolvimento de um modelo teórico, baseia-se na observação do tamanho da amostra necessário para desenvolvimento da mensuração das relações causais propostas com base em justificativas teóricas. O pesquisador deve determinar o tamanho do efeito (f^2) e força do teste que busca para seu estudo observando a quantidade de relações causais (variáveis preditoras) da variável dependente com maior número de predições.

Na sequência se observa as relações que serão testadas e que devem estar alicerçadas em pressupostos teóricos e evidências empíricas anteriores. (HAIR. JR. et al., 2005). Para tanto, o pesquisador cuidadosamente define elementos básicos. O primeiro é a definição de construto e suas variáveis de medição, sendo este um conceito teórico central usado para definir relações. Em sua terminologia um construto pode ser classificado como exógeno ou endógeno. Constructos exógenos, também conhecidos como independentes, não são previstos, somente são previsores dos constructos endógenos (dependentes). Desta forma se estabelece o modelo de mensuração por meio das relações entre constructos. Se desenvolve o modelo teórico em um diagrama de caminhos (HAIR JR. et al., 2014) especificando o modelo estrutural formalmente, neste inclui-se a elaboração do instrumento de coleta de dados.

Na próxima etapa o pesquisador busca a validade convergente do modelo elaborado (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014). Nesta etapa o pesquisador analisa os indicadores de Variância Média Extraída (AVE) após a primeira rodagem dos dados no software. A validade convergente indica quanto um modelo mensura “[...] a porção dos dados que é explicada por cada um dos constructos ou VL (variáveis latentes), respectivos aos seus conjuntos de variáveis ou quanto, em média, as variáveis se correlacionam positivamente com os seus respectivos constructos ou VL. [...]” (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014, p. 62).

Após esta etapa, o pesquisador irá observar alguns indicadores de ajuste do modelo de consistência interna, particularmente o Alpha de Cronbach e a Confiabilidade Composta. Estes indicadores avaliam “[...] se a amostra está livre de vieses, ou, ainda, se as respostas – em seu conjunto - são confiáveis [...]” (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014, p. 63).

Em seguida se busca estabelecer a validade discriminante, ou “[...] um indicador de que os constructos ou variáveis latentes são independentes um dos outros [...]” (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014, p. 63). Isto é obtido por meio da observância da correlação dos itens com suas respectivas variáveis e demais variáveis (*crossloadings*). Também se observa a raiz quadrada da AVE de um construto com os demais constructos.

Após este procedimento já se pode observar o R^2 , ou coeficiente de determinação das variáveis endógenas. Este indicador aponta a “[...] porção da variância das variáveis endógenas que é explicada pelo modelo estrutural [...]” (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014, p. 65). De outra forma, podemos dizer que o R^2 sugere quanto foi explicado da variável dependente por meio do modelo estrutural elaborado.

Quanto aos critérios de estimação, diversas tentativas têm sido empregadas para avaliar intervalos de confiança, dentre elas Hair Jr. et al. (2005) sugerem o uso do método *bootstrapping*, onde a amostra original passa a ser considerada como a população para fins de amostragem. O pesquisador deve então avaliar se as relações observadas no modelo são significantes estatisticamente ($p < 0,05$), “[...] pois para os casos de correlação se estabelece a hipótese nula (H_0) como $r = 0$ e para os casos de regressão se estabelece com $H_0: \Gamma = 0$ (coeficiente de caminho = 0). Se $p > 0,05$ se aceitam as H_0 e deve-se repensar a inclusão de VIs ou VOs no MEE [...]”. (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014, p. 65).

Na sequência são avaliados os indicadores de ajuste Q^2 e f^2 . O Q^2 mensura a relevância ou validade preditiva do modelo elaborado, ou de outra forma “[...] o quanto o modelo se aproxima do que se esperava dele [...]” (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014, p. 68). O f^2 mensura o tamanho do efeito, ou por meio de um procedimento de inserção e exclusão sistemática de cada construto do modelo, se avalia “[...] o quanto cada construto é útil para o ajuste do modelo [...]” (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014, p. 68).

Para ajuste final do modelo se observa o *Goodness of Fit* – GoF, ou qualidade do ajuste. Este indicador é calculado com base na “[...] média geométrica (raiz quadrada do produto de dois indicadores) entre o R^2 médio (adequação do modelo estrutural) e a média ponderada das AVE [...]” (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014, p. 69).

Em seguida se analisa e interpreta os valores dos coeficientes de caminho (Γ). Estes indicadores sugerem a direção e força da relação entre as variáveis do modelo. O sentido sugere se a relação entre duas variáveis é diretamente proporcional (coeficientes com sinal positivo) ou inversamente proporcionais (coeficientes com sinal negativo). A força da relação é observada pelo indicador *t* de *student* calculado anteriormente na etapa de análise da significância estatística das relações estruturais (HAIR JR et al, 2014).

Concluindo esta etapa o pesquisador pode examinar os resultados quanto à sua correspondência com a teoria proposta. Uma vantagem da adoção do MEE, em uma investigação, é de que este utiliza variáveis manifestas, não observáveis diretamente, para

representar um determinado construto e, ao mesmo tempo, permite que se diminua o erro de estimação deste construto.

Ao obter dados em um levantamento, o pesquisador deve estar ciente do erro de mensuração que pode ocorrer, por conta da dificuldade de compreensão, por vezes, por parte do respondente, sobre o que lhe é perguntado, ou até mesmo por conta do próprio conceito de se utilizar diversos itens para mensurar uma variável. Este erro será incorporado ao modelo testado, que estabelece as relações entre as variáveis teoricamente estabelecidas, e então a confiabilidade do modelo pode ser testada (HAIR JR, 2010).

A Figura 12 apresenta o conjunto de aspectos que devem ser considerados no relato de pesquisa com uso de MEE baseada em variância, especificamente com o uso do software SmartPLS 2.0 M3 sugerido por Ringle, Silva e Bido (2014):

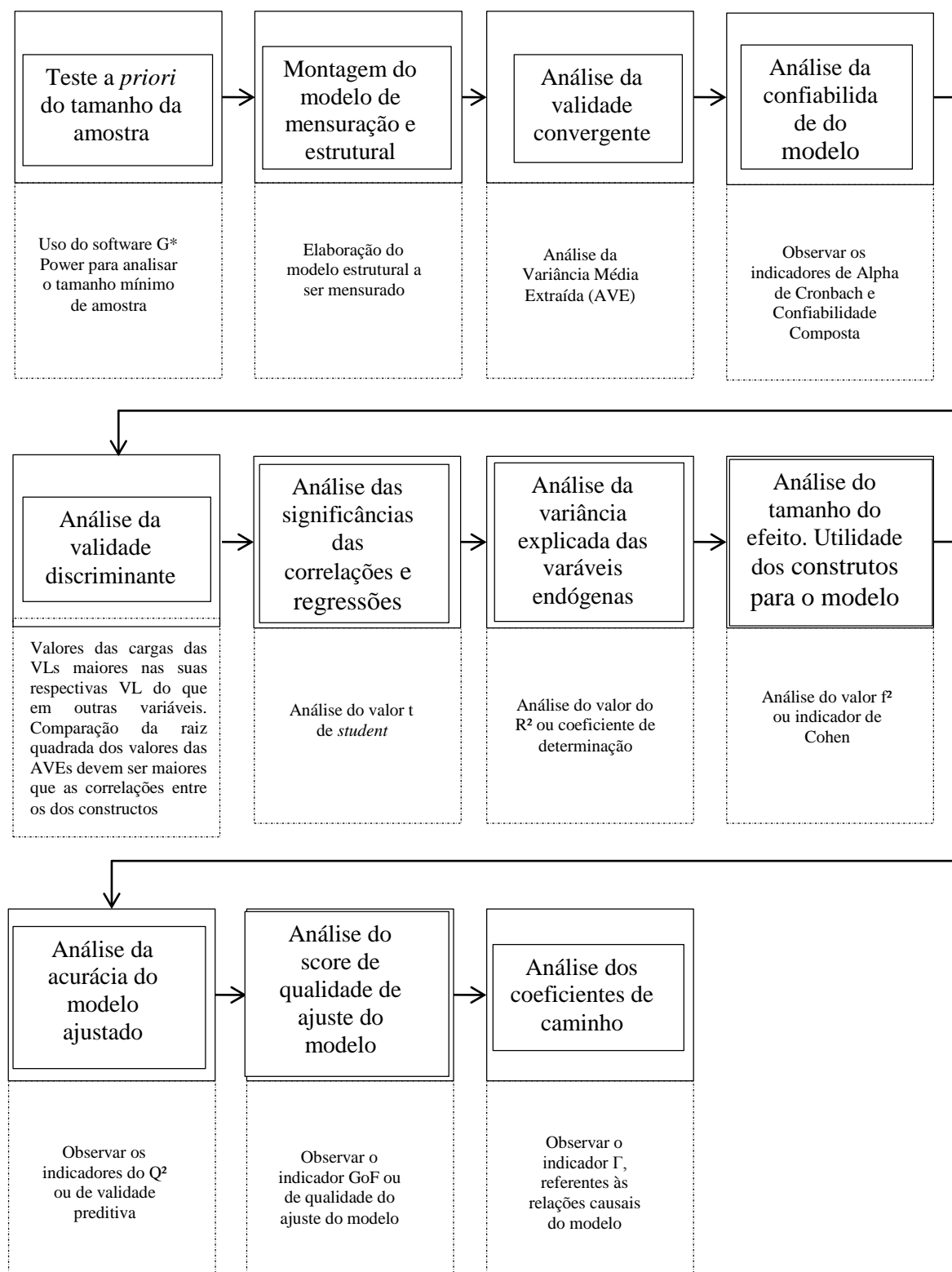


Figura 12 - Aspectos a serem considerados em um relato MEE baseada em variância com uso do SmartPLS 2,0 M3, e técnicas complementares

Fonte: Adaptado de Ringle, Silva, Bido (2014)

Estes procedimentos encerram a descrição dos passos que foram adotados para a análise dos dados por meio de MEE baseada em variância e mínimos quadrados parciais (PLS) com utilização do software SmartPLS 2.0 M3.

3.2 AMBIENTE DE PESQUISA

Buscando complementar o delineamento metodológico, no que se entende como o contexto de aplicação da pesquisa, contextualizou-se o ambiente em que esta foi desenvolvida. Esta pesquisa foi realizada no Estado de Mato Grosso do Sul (Região Centro-Oeste), que possui 79 municípios, uma área de 357.145.534 Km², as principais atividades econômicas são: agricultura; a pecuária; a mineração e a indústria, com uma população de 2.619.657 e IDH 0,729, conforme dados do IBGE (2015).

Para atender a demanda de capacitação em nível de ensino superior para a sua população ativa, o estado possui 78 instituições de ensino superior, categorizadas e apresentadas na tabela 2.

Tabela 2. Ensino Superior, segundo sua organização acadêmica – maio/2015

INSTITUIÇÕES	DESCRIÇÃO	Sede e/ou Campus
Universidade Particular	Universidade Católica Dom Bosco – UCDB	1
	Universidade para o desenvolvimento do Pantanal UNIDERDP/ANHANGUERA	3
Universidade Estadual	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS	15
Universidade Federal	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS -	11
Universidade Federal	Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD	1
Faculdades	-	36
Centros Universitários	-	2
Institutos de Ensino Superior Particular	-	2
Institutos de Ensino Superior Federal	IFMS	7
Total	-	78

Fonte: MEC, Instituições de Ensino

Das 78 instituições de ensino superior, foram consideradas para a presente pesquisa as que representavam, conforme a sua organização acadêmica, a categoria de Universidades. Em

sequência, foram realizadas em novembro de 2014 os primeiros contatos com as cinco universidades, porém, o retorno obtido quanto à concordância quanto à realização da pesquisa de campo ocorreu somente junto às duas Universidades Públicas Federais: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS e Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Este estudo foi aplicado a partir da classificação elaborada pela CAPES, no âmbito das áreas do conhecimento da ciências sociais aplicadas – curso de Administração e Engenharias – curso de engenharia de produção, com o objetivo de determinar quais variáveis das intenções empreendedoras mais influenciam os alunos em diferentes contextos, o contexto do curso de administração tem sido foco de investigação pela proximidade com o tema empreendedorismo e o curso de engenharia de produção é um tema que não foi abordada, possibilitando uma análise da interdisciplinaridade das áreas em questão.

Complementando este enfoque, julgou-se oportuno, ainda, apresentar breve histórico sobre a UFMS e a UFGD.

3.2.1 Breve histórico da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul¹

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), teve sua origem em 1962, com a criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campo Grande, que seria o embrião do ensino superior público no Sul do então Estado de Mato Grosso.

Com a divisão do Estado de Mato Grosso, foi concretizada a federalização da instituição que passou a denominar-se Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela Lei Federal nº 6.674, de 05.07.1979.

Em 2007, por meio do Ofício nº 243/2007-RTR, de 10 de setembro de 2007, a UFMS encaminhou à Direção do Departamento de Desenvolvimento das Instituições Federais de Ensino Superior, da Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação, um documento preliminar contendo em linhas gerais a proposta de participação da UFMS, com as suas intenções, com vistas à adesão junto ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Pela Resolução do Conselho Universitário (COUN) nº 60, de 24 de outubro de 2007, que aprovou a proposta de participação da UFMS no REUNI.

¹ Fonte: <http://www-nt.ufms.br/institution/view/id/15>

Tomando-se como centro de um círculo hipotético a Cidade Universitária em Campo Grande, a UFMS abrange uma extensa área geográfico-educacional que resulta num raio de mais de quinhentos quilômetros e atinge todos os municípios de Mato Grosso do Sul, os Estados de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná e os Países limítrofes, Paraguai e Bolívia, de onde se origina grande parte de seus alunos-convênio.

A UFMS possui cursos de graduação e pós-graduação, presenciais e a distância. O ensino de pós-graduação engloba os cursos de especialização e os programas de mestrado e doutorado. Em Campo Grande/MS, sede da UFMS, funcionam atualmente 13 unidades setoriais, sendo dois Centros, seis Faculdades, três Institutos, a Escola de Administração e Negócios, criada em 2014, e a Coordenadoria de Educação a Distância.

As dez unidades setoriais acadêmicas denominadas Campus estão implantadas nas seguintes cidades do Estado de Mato Grosso do Sul: em Aquidauana, o Campus de Aquidauana (CPAQ); em Bonito, o Campus de Bonito (CPBO); em Chapadão do Sul, o Campus de Chapadão do Sul (CPCS); em Corumbá, o Campus do Pantanal (CPAN); em Coxim, o Campus de Coxim (CPCX); em Naviraí, o Campus de Naviraí (CPNV); em Nova Andradina, o Campus de Nova Andradina (CPNA); em Paranaíba, o Campus de Paranaíba (CPAR); em Ponta Porã, o Campus de Ponta Porã (CPPP); e em Três Lagoas, o Campus de Três Lagoas (CPTL). Como exposto anteriormente, o Instituto de Ciências Humanas e Letras de Três Lagoas foi criado em 1967, pelo Governo do Estado do Mato Grosso. O objetivo maior de sua criação foi de contribuir diretamente para o desenvolvimento social, cultural, científico e profissional de uma vasta região geográfica do então Estado de Mato Grosso, englobando o município de Três Lagoas e mais várias outras cidades em seu entorno. Destaca-se a importância econômica e histórica do município de Três Lagoas cuja trajetória está preenchida por fatos relevantes para a própria história do país, passando pelos desafios da conquista da região sudeste do então Estado de Mato Grosso.

Com a criação da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em 1979, por meio da federalização da UEMT, o então Centro Pedagógico de Três Lagoas passou a se chamar Centro Universitário de Três Lagoas (CEUL). Através da Resolução n. 8, de 26.02.2000, que divulgou o Estatuto da UFMS, aprovado pela Portaria MEC n. 1.100, de 13.07.1999, o Centro Universitário de Três Lagoas passou a se chamar Campus de Três Lagoas (CPTL). Em 2000 o Campus de Três Lagoas (CPTL) entrou em funcionamento.

Desta forma, a UFMS promove a interiorização do ensino superior ao atender à Capital e mais dez cidades do interior no Estado. Com a adesão da UFMS ao Programa de Apoio a

Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, são grandes as perspectivas do seu crescimento quanto ao número de cursos de graduação, ao número de programas de pós-graduação, ao número de alunos na graduação e na pós-graduação, a ampliação do espaço físico, ao número de servidores docentes e técnico-administrativos, que poderão contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e o cumprimento de sua missão institucional.

3.2.2. Breve histórico da Universidade Federal da Grande Dourados²

A Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD nasceu do desmembramento do Centro Universitário de Dourados, antigo CEUD, campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. O CEUD, antes Centro Pedagógico de Dourados – CPD começou a funcionar no município em 1971 e passou a apresentar um elevado índice de crescimento, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990. Na década de 70, o campus de Dourados abrigava quatro cursos, em 1980, foram implantados mais três cursos. Em 1991, mais dois cursos de graduação e nessa década começa a funcionar também os primeiros cursos de pós-graduação, o Mestrado em Agronomia e em História. Já em 2000, foram implantados os cursos de Medicina, Direito, Administração, os mestrados em Entomologia e Conservação da Biodiversidade e em Geografia e o primeiro doutorado da região, em Agronomia. A Instituição, inicialmente com seus sete cursos de graduação, passa a se expandir consideravelmente depois com a sua inclusão no Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Vem ampliando seus cursos de graduação, de pós-graduação, o número de docentes e técnicos administrativos e ofertando vagas para estudantes de todo o Brasil. Com uma política de educação inclusiva, a UFGD começou a ofertar vagas também para ensinos diferenciados, como para comunidades indígenas e de assentamentos rurais, e para municípios polo da região através da Educação a Distância.

Devido à ampliação das atividades, tornou-se necessário promover a ampliação das instalações – sendo que, em conjugação com essa necessidade, começou a ganhar corpo a ideia da constituição, em Dourados, de uma cidade universitária, voltada ao ensino superior público, gratuito e de boa qualidade. O projeto então de Cidade Universitária ganhou amplo apoio da comunidade, das lideranças políticas de Dourados e das cidades vizinhas, e caminhou para sua plena concretização

² Fonte: <http://portal.ufgd.edu.br/aufgd/historico>

3.3 DEFINIÇÃO DO UNIVERSO E DA AMOSTRA DE PESQUISA

A população é todo o grupo de pessoas sobre quem as informações são necessárias, podendo ser definida como o conjunto completo de elementos sobre os quais se deseja fazer algumas intercessões (COOPER; SCHINDLER, 2003; MALHOTRA, 2001). Em termos estatísticos, nesta pesquisa, considera-se como o conjunto de indivíduos caracterizados como alunos matriculados em uma mesma universidade, em determinado curso. Por sua vez, sabendo-se que uma amostra da população deve ser capaz de representar, razoavelmente, esse conjunto de indivíduos, ou seja, o grupo de pessoas sobre a qual incide o fenômeno a ser pesquisado (SELLTIZ; WRIGHTSMAN; COOK, 1987), a amostra da pesquisa que aqui se descreve foi escolhida como não probabilística, uma vez que oportunizou que todos os elementos pudessem fazer parte da pesquisa de forma voluntária. A adoção dessa modalidade de amostra se justifica, neste estudo, na medida em que qualquer elemento da população possuía a mesma chance de participação. (SELLTIZ; WRIGHTSMAN; COOK, 1987).

A amostragem não probabilística é subjetiva e arbitrária não aleatória, e seus membros não têm uma chance, conhecida de inclusão, que seja diferente de zero (COOPER; SCHINDLER, 2003). Assim, foram considerados como sujeitos sociais pertencentes à amostra, os alunos das universidades públicas federais de duas universidades – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), matriculados nos cursos de Administração e Engenharia de Produção, no primeiro semestre de 2015, que concordaram, voluntariamente, em participar como respondentes da pesquisa de campo.

3.4. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados foi um questionário estruturado, tendo como referência o questionário desenvolvido primeiramente, em 2006, pelos Profs. F. Liñán, N. Bradley, W. Basuki & D.T. Redford (English Version) *copyright* – para um projeto de pesquisa na Universidade de Sevilha, denominado de Entrepreneurial Intention Questionnaire (EIQ) - Version 3.1. (Anexo A). Esse questionário, intitulado Questionário de Intenção Empreendedora (EIQ), foi gentilmente cedido pelo professor Francisco Liñán, para a presente pesquisa, após solicitação específica por correspondência, via correio eletrônico.

Verificou-se, ao estudar o assunto, que este instrumento foi publicado por Linã (2008), no *International Entrepreneurship and Management Journal* (v. 4, n. 3, p. 257-272). (Anexo B). Este instrumento foi adotado nesta pesquisa em sua primeira parte, que diz respeito à escala psicométrica utilizada na perspectiva da TPB, com tradução livre. (Apêndice A).

Assim, o questionário dessa pesquisa se pauta no *Entrepreneurial Intention Questionnaire*, tendo sido estruturado em três partes.

Na primeira parte, de múltipla escolha, os respondentes escolheram uma entre as opções listadas. As questões desse bloco objetivam coletar dados sobre perfil sócio demográficas dos entrevistados quanto ao gênero, à idade, estado civil, situação de trabalho atual, antecedentes empreendedores, participação em alguma capacitação empreendedora, renda própria e renda familiar.

A segunda parte, onde se apresenta a escala psicométrica, sendo composto por quatro blocos, depois de traduzido e adaptado para esta coleta de dados, conservou sua estrutura original, conforme se apresentam a seguir, no Quadro 6:

Quadro 6 – Constructos e questões do Questionário de Intenção Empreendedora

CONSTRUCTOS	Itens	Afirmativas
Atitude Pessoal	A02	Uma carreira como empreendedor não é atraente para mim.
	A10	Se eu tivesse oportunidade e recursos, eu adoraria começar um novo negócio próprio.
	A12	Diante de várias opções, preferiria qualquer coisa, exceto começar um negócio próprio.
	A15	Ser um empreendedor me traria grande satisfação.
	A18	Ser um empreendedor implica mais em vantagens do que em desvantagens pra mim.
Normas Subjetivas	A03	Meus amigos aprovariam minha decisão de começar um negócio.
	A08	Meus parentes mais próximos aprovariam minha decisão de começar um novo negócio.
	A11	Meus colegas de trabalho aprovariam minha decisão de abrir um novo negócio.
Controle do Comportamento Percebido	A01	Começar e manter um negócio próprio seria fácil para mim.
	A05	Acredito que seria completamente incapaz de começar um negócio próprio.
	A07	Sou capaz de controlar o processo de criação de um novo negócio.
	A14	Se eu tentasse começar um negócio, teria uma grande chance de ser bem sucedido.
	A16	Seria muito difícil para eu desenvolver uma ideia de um novo negócio.
	A20	Conheço todos os detalhes práticos para começar um negócio.

Intenção Empreendedora	A04	Estou preparado para fazer qualquer coisa para ser um empreendedor.
	A06	Farei todo o esforço necessário para iniciar e manter meu próprio negócio.
	A09	Tenho sérias dúvidas em algum dia começar um negócio próprio.
	A13	Estou determinado a criar um negócio inovador no futuro.
	A17	Meu objetivo profissional é ser um empreendedor.
	A19	Tenho muita pouca vontade de começar um negócio algum dia.

Fonte: Adaptado com base no *Entrepreneurial Intention Questionnaire (EIQ)*.

Nesta escala psicométrica, o primeiro bloco contém cinco questões objetivas, buscando coletar dados a respeito da percepção dos alunos com relação às atitudes pessoais. O foco das questões do segundo bloco, com três questões, visa capturar a percepção dos pesquisados quanto às normas subjetivas. O terceiro bloco, com seis questões, objetivam coletar dados sobre o controle do comportamento percebido. E, o último bloco, com seis questões, se direcionam para a intenção empreendedora.

As assertivas que compõem os blocos foram formuladas com base em uma Escala do tipo Likert, de sete pontos. Dessa forma, foi solicitado aos respondentes – graduandos em administração e engenharia de produção – que, quanto à percepção com relação à questão, se posicionassem em algum ponto entre Discordo Totalmente (1) e/até Concordo Totalmente (7). Entretanto, é importante ressaltar que na tabulação de dados, considerou-se o viés de aquiescência, que é a proposta da versão modificada desenvolvida por Liñán (2008), Liñán, Urbano e Guerrero (2011), na qual alguns itens deveriam ser considerados invertidos, conforme apresentado no quadro 7. A escala psicométrica na tabulação dos dados do novo questionário ficou assim constituída:

Quadro 7: Constructos e itens da escala psicométrica, com itens revertidos

Constructo	Escala psicométrica
Intenção Empreendedora	A4, A6, A9- revertida, A13, A17 e A19 - revertida
Atitude Pessoal	A2 – revertida, A10, A12- revertida, A15 e A18
Controle Comportamento Percebido	A1, A5- revertida, A7, A14, A16 - revertida, A20
Norma Subjetiva	A3, A8, A11

Fonte: Elaborado pela autora, com base no estudo de Liñán (2008); Liñán, Urbano e Guerrero (2011).

Na terceira parte do questionário foi ainda de interesse da pesquisa registrar os dados pessoais e profissionais dos alunos que se mostraram interessados em continuar respondendo pesquisas futuras sobre o tema. Dessa forma, o instrumento de coleta de dados foi

complementado por uma parte que diz respeito aos dados dos alunos respondentes, para aqueles que concordaram em continuar participando de pesquisas sobre intenção empreendedora. (Apêndice B). Cabe, aqui, ressaltar que, dos 505 questionários válidos na presente pesquisa, 45,15% dos alunos registraram seus dados pessoais e profissionais, como voluntários, manifestando a vontade de continuar como respondentes em pesquisas sobre intenção empreendedora.

3.4.1. Procedimentos para coleta de dados

Inicialmente foi realizado um pré-teste com o objetivo de verificar a inteligibilidade das questões da escala psicométricas traduzidas para o português. Foi aplicado a um grupo de alunos do curso de administração na UFMS – *campus* do Pantanal; como o instrumento se mostrou eficaz, o questionário oficial foi preparado para ser aplicado com os cursos e *campi* selecionados.

A coleta de dados teve início em novembro de 2014, junto às coordenações dos cursos; as aplicações dos questionários, entretanto, ocorreram este ano de 2015, entre os dias 13 e 17 de abril, nos *campi* das universidades selecionadas, ou seja, na UFMS e UFGD.

A seguir, apresentam-se, de forma mais específica, informações sobre os cursos selecionados para a coleta de dados: categoria, modalidade, duração do curso, vagas e turno nas universidades, conforme se pode conferir na Tabela 3.

Tabela 3 - informações sobre os cursos selecionados para a coleta de dados

IES	Curso	Unidade	Modalidade	Duração	Vagas	Turno
UFMS Pública Federal	Administração	Campo Grande	Bacharelado	4 anos	60	Noturno
		Três Lagoas	Bacharelado	4 anos	70	Noturno
	Engenharia de Produção	Campo Grande	Bacharelado	5 anos	60	Integral
		Três Lagoas	Bacharelado	5 anos	50	Integral
UFGD Pública Federal	Administração	Dourados	Bacharelado	4 anos	50	Noturno
	Engenharia de Produção	Dourados	Bacharelado	5 anos	52	Integral

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Cabe destacar que a pesquisa foi realizada com todos os alunos presentes no período determinado para a coleta, e que concordaram em responder, de todos os semestres dos cursos.

Essa característica, na coleta de dados, diferencia esta pesquisa das outras que serviram de base teórica, e que consideravam, majoritariamente, estudantes do último período da graduação. Essa decisão de considerar todos os estudantes ocorreu após contato com os coordenadores, que sugeriram que assim fosse por considerarem que a intenção empreendedora pode ser revelada de forma abrangente.

Assim, a coleta dos dados para esta pesquisa foi realizada em duas unidades da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – na cidade de Campo Grande e na cidade de Três Lagoas - e na Universidade Federal da Grande Dourados, na cidade de Dourados. A amostra foi composta primordialmente pelos alunos presentes no dia da aplicação do questionário, cujo total foi de 524, sendo 362 da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (132 do curso de Administração e 230 do curso de Engenharia de Produção) e 162 da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (122 do curso de Administração e 40 do curso de Engenharia de Produção). A amostra final foi de 505 respondentes, distribuídos conforme apresentado na Tabela 4.

Tabela 4 – Amostra da pesquisa

IES	Curso	Unidade	Número de Alunos (Estimativa)	Questionários Aplicados	% Alunos Participantes	Questionários Válidos
UFMS Pública Federal	Administração	Campo Grande	200	65	32,5%	57
		Três Lagoas	250	67	26,8%	65
	Engenharia de Produção	Campo Grande	280	165	58,93%	163
		Três Lagoas	280	65	23,21%	63
UFGD Pública Federal	Administração	Dourados	250	122	48,8%	119
	Engenharia de Produção	Dourados	290	40	13,79%	38
Total				524		505

Fonte: Dados da pesquisa

Foram distribuídos 524 questionários cujo modelo se apresenta no apêndice B, dos quais 19 foram considerados inválidos por apresentarem dados faltantes.

3.4.2 Procedimentos de análise dos dados

Os dados foram explorados inicialmente por meio do software Microsoft Excel 2007, eliminando-se duplicidades de respostas de respostas únicas em todos os itens.

Para a Modelagem de Equações Estruturais (MEE), utilizou-se o software Smart PLS 2.0 M3. (RINGLE, SILVA, BIDO; 2014).

Para a MEE foi utilizado o método de mínimos quadrados parciais (*Partial Least Square*, PLS) com base em matriz de correlação, dada a possibilidade de não ocorrer a normalidade dos dados (CHIN, 1998), além de uma melhor adequação ao objetivo deste estudo de buscar uma melhor previsão da variável dependente em um problema de pesquisa que tem ganhado maior atenção dos pesquisadores mas ainda está em consolidação (HAIR JR et al, 2014) com utilização do *software* SmartPLS 2.0 M3 (RINGLE, SILVA, BIDO, 2014).

Os critérios para aceitação da MEE foram a análise de validade convergente, com cargas fatoriais acima de 0.7 e variância média extraída (AVE) acima de 0.5 (HAIR *et al*, 2014). Mesmo não havendo uma diferença mínima especificada, identifica-se a validade discriminante quando a raiz quadrada da AVE do construto for superior a qualquer correlação deste com os outros constructos do modelo (CHIN, 1998). A validade discriminante também foi analisada por meio da correlação dos itens devendo ser maior em suas dimensões que sua correlação com outros constructos (*crossloadings*).

Para o ajuste do modelo foi considerado o índice de adequação do modelo (*Goodness of Fit*, GoF), obtido por meio da média geométrica entre o R^2 médio (adequação do modelo estrutural) e a AVE média. Este indicador é considerado adequado, nas ciências sociais aplicadas, quando acima de 0.36 (TENENHAUS *et al*, 2005, WETZELS, M.; ODEKERKENSCHRÖDER, G.; OPPEN, 2009).

Também foi observado o R^2 das variáveis endógenas. Valores acima de 0,02 serão considerados pequenos, 0,15 medianos e acima de 0,26 são considerados grandes (COHEN, 1988). A consistência interna das escalas foi avaliada por meio da confiabilidade composta e *alpha* de Cronbach. Valores acima de 0,7 serão considerados aceitáveis (HAIR *et al*, 2014). Por fim, foram observados os indicadores de Stone-Geisser para validade preditiva do modelo (Q^2), e o indicador de Cohen (f^2) que observa o tamanho do efeito do construto no modelo

(HAIR et al, 2014). O Q^2 deve ser maior que zero, e o f^2 possui como parâmetros 0,02, 0,15 e 0,35 para indicadores de baixo, médio e alto efeitos.

Para o teste das hipóteses foi realizado o teste *bootstrapping*, ou reamostragem. Sendo considerada confirmada a hipótese que obteve *t-value* significativa no nível de até 10% após o procedimento de *bootstrapping* (HAIR et al, 2014) por se tratar de um estudo ainda inicial, ou seja, procurando garantir uma confiabilidade mínima de 90%. Além da análise dos coeficientes de caminho (Γ), com base na teoria a respeito dos fenômenos observados para se analisar o sentido e a força da relação entre as variáveis. A seguir, apresenta-se os resultados e análises.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção constam os resultados alcançados nesta pesquisa. A seção iniciou-se com a descrição do perfil da amostra.

4.1. PERFIL DA AMOSTRA

Trata-se de um perfil composto por alunos pertencentes aos cursos de Administração e Engenharia de Produção, das duas universidades federais públicas, em três municípios, totalizando 505 respondentes.

Com relação ao gênero entre os respondentes, 48,71% são homens (n= 246) e 51,29% são mulheres (n=259). A tabela 5, revela o quantitativo dos respondentes por IES, cursos e unidades (municípios) de acordo com o gênero.

Tabela 5 – Amostra por Gênero

IES	Curso	Unidade (Municípios)	Homens	Mulheres	Total
UFMS Pública Federal	Administração	Campo Grande	64,91%	35,09%	100%
		Três Lagoas	40,00%	60,00%	100%
	Engenharia de Produção	Campo Grande	44,79%	55,21%	100%
		Três Lagoas	42,86%	57,14%	100%
UFGD Pública Federal	Administração	Dourados	50,42%	49,58%	100%
	Engenharia de Produção	Dourados	60,53%	39,47%	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Os dados da Tabela 5 demonstram que na UFMS – curso de Administração, nas suas unidades objeto da pesquisa, existe um equilíbrio entre os participantes com relação ao gênero. Porém, quando se considerou a amostra do curso apenas em Campo Grande, pôde-se notar a predominância do gênero masculino e, em Três Lagoas, do gênero feminino. Nos cursos de Engenharia de Produção, nas duas unidades da UFMS, na amostra predominou o gênero feminino.

Na UFGD observou-se equilíbrio entre os participantes com relação ao gênero, no curso de administração; na engenharia de produção, o gênero predominante é o masculino.

Comparando a amostra entre as duas IES, na UFGD predominou o gênero masculino entre os respondentes e na UFMS predominou o gênero feminino.

A amostra geral da pesquisa revelou uma maior participação do gênero feminino com uma margem de 2,58% percentuais maiores com relação ao gênero masculino.

A idade predominante entre os entrevistados compreende a faixa de 18 a 21 anos, com 49,50% (n=505), seguindo-se a faixa entre 22 e 25 anos, com 29,11% (n=505).

Em relação ao estado civil entre os respondentes, 90,10% (n=505) são solteiros; 9,11% (n=505) são casados e 0,79% separado/divorciado (n=505). O estado civil, predominante, entre os respondentes, são solteiros.

Essa informação cruzada com a situação de trabalho, renda pessoal e renda familiar revelou tratar-se de uma população jovem, em início de carreira.

Com relação à situação de trabalho atual dos entrevistados, predominam, no curso de Administração, empregados em empresas privadas nos três municípios/IES pesquisados; no curso de Engenharia de produção predomina a categoria de estudantes nos três municípios/IES pesquisados.

Observou-se, com relação à situação de trabalho atual, que a questão está muito ligada ao período/turno em que os cursos são ofertados. O curso que não é em tempo integral permite ao acadêmico uma entrada mais cedo ao mercado do trabalho, seja como estagiário ou como funcionário.

Na pesquisa, os respondentes do curso de administração, em sua grande maioria estão desenvolvendo alguma atividade em empresas privadas, não apresentando nesse momento da pesquisa nenhum percentual que sinalizasse em ter seu próprio negócio, com exceção dos respondentes da UFGD, que apresentou um índice percentual de 0,84% relacionados a “iniciando um negócio”. Em direção oposta, os respondentes do curso de Engenharia de Produção são majoritariamente estudantes.

Ao serem questionados sobre o reconhecimento de empreendedores na família (Pai/mãe/irmãos/tios/avós/primos), a maioria dos participantes responderam possuir parentes envolvidos em atividades empreendedoras.

Essa informação poderá compor uma nova hipótese capaz de identificar se a influência do familiar empreendedor afeta ou não a intenção de empreender.

Perguntou-se aos alunos sobre a participação deles em algum tipo de capacitação - Palestras, Seminário, Workshop, Congresso, Curso de curta duração, Disciplina de Empreendedorismo, Programa Bota pra fazer (ENDEAVOR), Empretec (SEBRAE), e/ou vivência empreendedora - Startup, Incubadora de empresa, Centro de Empreendedorismo e Empresa Júnior. A maioria apontou já ter participado de alguma das atividades listadas; percentagem ficou entre 76,08% e 98,41%. Essa informação revela que no estado existe oferta de uma educação para o empreendedorismo.

A pergunta sobre Renda Própria, foram obtidas as seguintes informações: os alunos que cursam Engenharia de Produção, em sua maioria, não têm renda própria, enquanto que os alunos que cursam Administração possuem. Essa informação comparada a situação atual de trabalho, infere-se que essa diferença acontece relacionada ao período em que os cursos são oferecidos - o curso de Administração é ofertado em um único turno, no caso, o noturno; o curso de Engenharia de Produção é um curso integral, oferecido no período diurno. Essa informação reafirma os dados obtidos na questão sobre situação de trabalho atual.

A questão sobre a Renda Familiar, obteve-se, como resultado, um percentual que varia entre 55% a 82,45%, em famílias com renda acima de R\$2.364,01.

Em suma, o perfil da amostra é equilibrado em relação ao gênero, a faixa de idade predominante é de 18 a 21 anos, solteiros, trabalham em empresas privadas, tem renda própria ou são somente estudantes, sem renda própria, participam efetivamente de capacitações voltadas para o empreendedorismo, com predominância de familiares empreendedores e uma renda familiar acima de R\$2.364,01.

As informações apresentadas neste item referente ao perfil da amostra serviram de base para caracterizar essa amostra na região objeto do estudo e podem num segundo momento dessa pesquisa, ser considerados para análises com objetivo de verificar a influência delas sobre os constructos do modelo aqui adotado.

4.2 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DAS VARIÁVEIS

As estatísticas descritivas das variáveis coletadas por meio do questionário adaptado do questionário de Intenção Empreendedora (EIQ), de Liñán e Chen (2006:2009), Liñán (2008), cuja escala psicométrica foi ajustado e validado por Liñán, Urbano e Guerrero (2011) se referem ao início da análise estatística.

4.2.1 Resultados dos dados coletados com o modelo conceitual

Seguindo os aspectos apresentados na metodologia da pesquisa, figura 12, os dados coletados com o modelo conceitual foram testados, utilizando a modelagem de equações estruturais, baseada em variância, com uso do software *Smart Partial Least Square (PLS) 2.0*. Inicialmente foi feito o teste *a priori* do tamanho da amostra, utilizando o software *G*Power*, versão 3.1.9.2 e os valores do tamanho do efeito 0,15 (valor médio) e *power* (poder do teste) de 0,80, recomendados por Cohen (1988).

Dessa forma, o resultado do *power* (poder do teste) mostrou que a amostra mínima seria de 77 questionários. Porém, na pesquisa realizada obteve-se uma amostra de 505 questionários válidos, número superior ao mínimo exigido.

Para a criação do diagrama do modelo de mensuração e do modelo estrutural, utilizou-se o software *SmartPLS* versão 2.0. O modelo de mensuração e estrutural, é apresentado conforme figura 13.

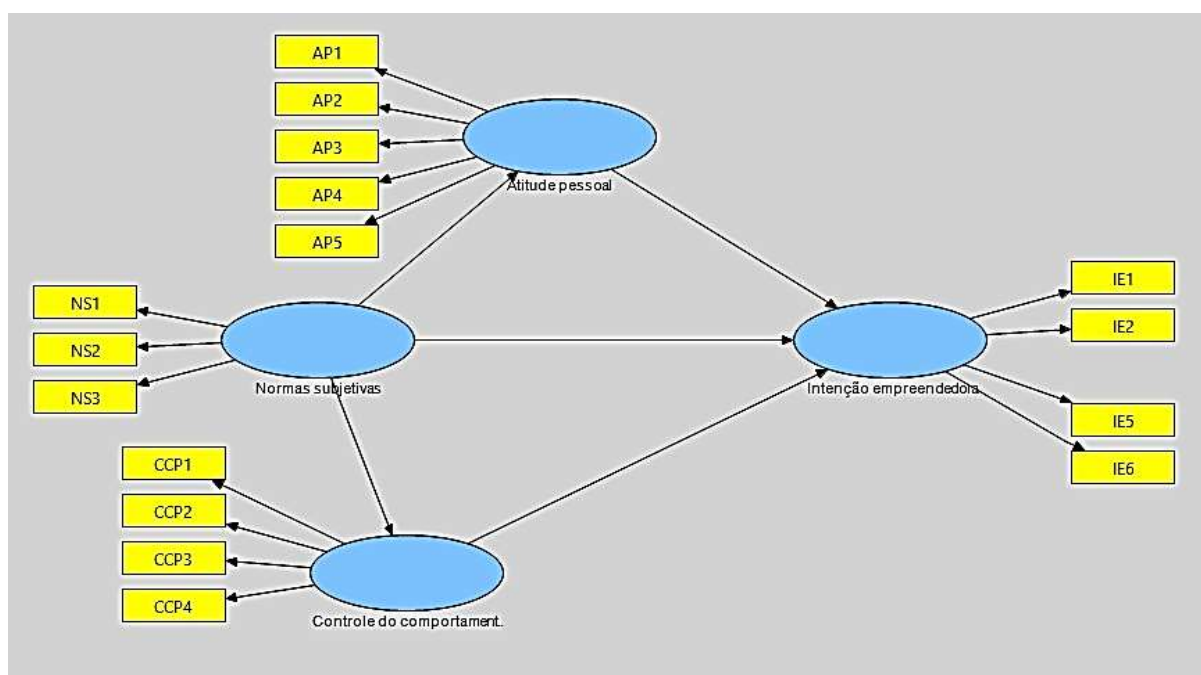


Figura 13: Modelo de mensuração e estrutural

Fonte: Dados da pesquisa

Na figura, as elipses representam os constructos do modelo – Atitude Pessoal, Normas Subjetivas, Controle do Comportamento Percebido e Intenção Empreendedora;

De acordo com os procedimentos sugeridos, apresenta-se a análise da validade do constructo. Para tanto, inicialmente, foram retirados itens com carga inferior a 0,7, ou aqueles com carga cruzada em outras variáveis diferentes das suas respectivas dimensões. Os itens retirados pertencem aos seguintes constructos: Intenção Empreendedora (**IE**) e Controle Comportamento Percebido (**CCP**), no total de 04 itens.

Pesquisas anteriores, como de Liñán, Urbano e Guerrero (2011) tiveram itens excluídos pertencentes aos constructos do Controle Comportamento Percebido (**CCP**), Atitude Pessoal (**AP**) e Intenção Empreendedora (**IE**) e nos estudos de Naia (2013) os itens excluídos foram os pertencentes ao constructo do Controle Comportamento Percebido (**CCP**) e Atitude Pessoal (**AP**), conforme pode ser visualizado na tabela 6:

Liñán, Urbano e Guerrero (2011)		Naia (2013)		Pesquisa	
Constructo	Item	Constructo	Item	Constructo	Item
CCP	A5 rev.	CCP	A5 ver.	CCP	A20
CCP	A16 rev.	CCP	A16 rev.	IE	A9 rev.
IE	A9 rev.	CCP	A20	IE	A13
IE	A19 rev.	AP	A18	IE	A16 rev.
AP	A2 rev.				
AP	A10				

Tabela 6 – Comparação dos itens excluídos em estudos anteriores
Fonte: Dados da pesquisa

A diferença nas exclusões dos itens no nosso entendimento justificou-se pelos aspectos relacionados às variáveis exógenas pertencentes a cada região onde os estudos foram desenvolvidos.

Pode-se observar na Tabela 7, que o modelo testado apresentou AVE superiores ao mínimo exigido, indicadores de confiabilidade composta e comunalidade adequados, além de GoF satisfatório.

Tabela 7 – Indicadores de ajuste, validade convergente e confiabilidade

Constructo	AVE	Confiabilidade composta	R ²	Alpha de Cronbach	Comunalidade	Redundância
Atitude pessoal	0,606	0,884	0,13	0,836	0,605	0,078
Controle do comportamento percebido	0,515	0,809	0,212	0,685	0,516	-
Intenção empreendedora	0,577	0,844	0,573	0,754	0,577	0,300
Normas subjetivas	0,603	0,820	-	0,671	0,603	0,127

Fonte: Dados da pesquisa

*GoF=0,401 média das AVEs=0,575 Média R²=0,228.

A tabela 8, a seguir, apresenta os indicadores de validade discriminante do modelo estrutural, com a comparação da raiz quadrada das AVEs de cada construto *versus* a correlação com os demais constructos.

Tabela 8 – Indicadores de validade discriminante

Constructo	Atitude pessoal	Controle do comportamento percebido	Intenção empreendedora	Normas Subjetivas
Atitude pessoal	0,778	-	-	-
Controle do comportamento percebido	0,534	0,718	-	-
Intenção empreendedora	0,734	0,539	0,759	-
Normas subjetivas	0,361	0,461	0,378	0,776

Fonte: Dados da pesquisa

* Valores em negrito representam a raiz quadrada das AVEs

De modo complementar, a análise discriminante pode ser observada na Tabela 9, por meio das cargas cruzadas dos itens dos constructos *versus* nos demais constructos (*crossloadings*).

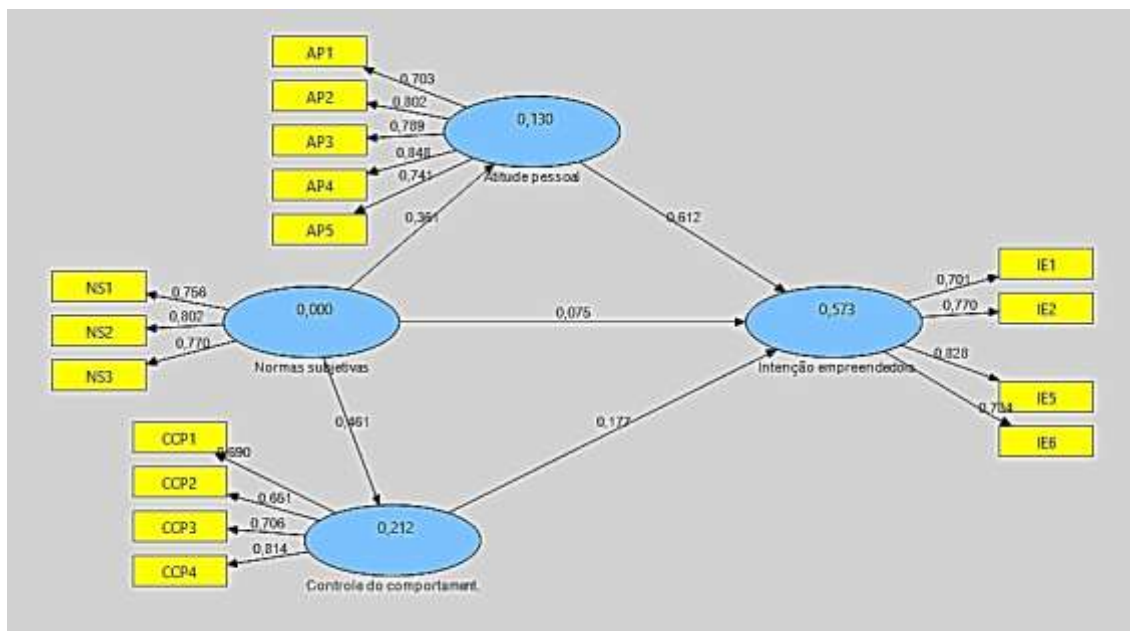
Tabela 9 - Validade discriminante, *crossloadings*

Item	Atitude pessoal	Controle do comportamento percebido	Intenção empreendedora	Normas Subjetivas
AP1	0,703	0,314	0,512	0,232
AP2	0,802	0,385	0,522	0,324
AP3	0,789	0,424	0,537	0,267
AP4	0,848	0,483	0,651	0,342
AP5	0,741	0,455	0,617	0,229
CCP1	0,306	0,690	0,372	0,305
CCP2	0,396	0,651	0,358	0,281
CCP3	0,312	0,706	0,350	0,317
CCP4	0,500	0,814	0,458	0,406
IE1	0,453	0,458	0,701	0,350
IE2	0,546	0,369	0,770	0,344
IE5	0,656	0,465	0,828	0,278
IE6	0,557	0,345	0,734	0,187
NS1	0,290	0,321	0,307	0,756
NS2	0,281	0,398	0,309	0,802
NS3	0,269	0,351	0,262	0,770

Fonte: Dados da pesquisa

A figura 14 apresenta todos os indicadores do modelo estrutural ajustado final e pode resumir os resultados obtidos por meio da análise de MEE.

Figura 14: Resultado do modelo estrutural



Fonte: Dados da pesquisa obtidos com a utilização do SmartPLS

A análise estrutural indicou caminhos significativos entre os constructos do modelo, como demonstrado na Tabela 10.

Tabela 10 – Indicadores estruturais finais

Hipótese	Sentido	Relações	Coefficiente Original	Desvio padrão	Teste t	p-value	Resultado
H1	Positivo	Atitude pessoal ↓ Intenção empreendedora	0,612	0,037	16,452	0,001	Confirmada
H2	Positivo	Controle do comportamento percebido ↓ Intenção empreendedora	0,177	0,038	4,633	0,001	Confirmada
H3	Positivo	Normas subjetivas ↓ Intenção empreendedora	0,075	0,036	2,089	0,037	Confirmada
H4	Positivo	Normas subjetivas ↓ Atitude pessoal	0,361	0,046	7,871	0,001	Confirmada
H5	Positivo	Normas subjetivas ↓ Controle do comportamento percebido	0,461	0,039	11,846	0,001	Confirmada

Fonte: dados da pesquisa

***90% de confiança

A Tabela 11 apresenta os indicadores Q^2 e f^2 . Os indicadores de acurácia do modelo ajustado ou validade preditiva (Q^2) e tamanho do efeito ou utilidade para a construção do modelo (f^2) que se mostraram satisfatórios. A variável com maior poder de explicação no modelo foi a Atitude Pessoal (AP), com $f^2=0,408$, isto sugere o papel central da atitude na explicação da Intenção Empreendedora (IE), como esperado (BAGOZZI, 1981; AZJEN, FISHBEIN, 2005).

A variável latente (constructo) mais explicada no modelo foi a Intenção Empreendedora (IE) ($Q^2=0,309$, $R^2=0,573$). A relevância preditiva do modelo observada por meio do Q^2 evidencia como os coeficientes de caminho mensuram de maneira apurada uma determinada variável. Um maior poder de explicação desta variável, em relação às demais se deve ao fato de que a IE antecede o comportamento, e reflete que os pesquisados na amostra demonstram uma predisposição bastante forte em empreender.

Tabela 11 – Acurácia e utilidade do constructo

Constructo	Q²	f²
Atitude Pessoal	0,070	0,408
Controle do Comportamento Percebido	-	0,207
Intenção Empreendedora	0,309	-
Normas Subjetivas	0,107	0,220

Fonte: Dados da pesquisa

A próxima tabela apresenta os valores dos coeficientes de caminho do modelo ajustado.

Tabela 12 – Valores dos coeficientes de caminho (γ) do modelo.

Constructo	Relações	Coefficientes de Caminho (Γ)
Atitude pessoal	Atitude pessoal ↓ Intenção empreendedora	0,612
Normas subjetivas	Normas subjetivas ↓ Atitude pessoal	0,361
	Normas subjetivas ↓ Intenção empreendedora	0,075
	Normas subjetivas ↓ Controle do comportamento percebido	0,461
Controle do Comportamento Percebido	Controle do comportamento percebido ↓ Intenção empreendedora	0,177

Fonte: Dados da pesquisa.

O modelo estrutural ajustado apresentou relações positivas e significantes ($p \leq 0,05$ e $t > 1,96$) entre todos os constructos, identificados pelo método de reamostragem *bootstrap*, explicando 13% da variância da Atitude Pessoal (**AP**), 21,2% do Controle do Comportamento Percebido (**CCP**) e 57,3% da Intenção Empreendedora (**IE**).

O modelo final apresentou uma boa qualidade de ajuste. O cálculo do GoF, proposto por Tenenhaus *et al* (2010), por meio da média geométrica entre os valores médios do R² e a AVE média ficou em 0,401, portanto, a recomendação de 0.36 como um valor mínimo nas ciências sociais (WETZELS *et al.*, 2009).

Todas as hipóteses foram confirmadas demonstrando o bom ajuste do modelo no contexto das instituições de ensino pesquisadas. A relação entre a atitude e a intenção ($\Gamma=0,612, t_{(999)}=16,452, p<0,001$) demonstrou a maior força dentre as relações observadas denotando o papel consolidado da relação teórica observada entre as atitudes e intenções.

Diante do exposto, é possível afirmar, de forma resumida, que o modelo de mensuração final aceitou os critérios exigidos para boas propriedades psicométricas, com relações positivas e significantes ($p\leq 0,05$ e $t>1,96$) e que o modelo conseguiu explicar 13% da variância da Atitude Pessoal (**AP**), 21,2% do Controle do Comportamento Percebido (**CCP**) e 57,3% da Intenção Empreendedora (**IE**).

O modelo estrutural e a escala psicométrica proposto por Liñán, Urbano e Guerrero (2011) se mostrou adequado em relação aos dados coletados na UFMS e UFGD, possibilitando prosseguir com o avanço desta pesquisa, no sentido de comprovar a adequação da aplicação desse modelo e escala, no contexto regional, considerando duas IES públicas - UFMS e UFGD, para medir a intenção empreendedora dos alunos de graduação em Administração e Engenharia de Produção.

A Teoria do Comportamento Planejado deu suporte para as escalas psicométricas utilizadas nessa pesquisa, explicando as relações entre os constructos e representou um passo importante na análise de variáveis e na validação de uma escala psicométrica aplicável em diferentes contextos culturais de previsão das intenções empreendedoras, apresentadas nessa pesquisa.

4.3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O modelo e a escala psicométrica proposto e testado neste trabalho baseou-se nas principais fontes da literatura especializada sobre o tema. A proposição inicial do modelo de Liñán e Chen (2006, 2009), Liñán (2008), composto pelos constructos Atitude Pessoal, Normas Subjetivas e Controle do Comportamento Percebido e a escala psicométrica seguiu conforme ajuste de Liñán, Urbano e Guerrero (2011) seguindo critérios de pertinência com a literatura.

A análise dos dados foi orientada pela metodologia da modelagem de equações estruturais, utilizando PLS-PM (*Partial Least Squares – Path Model*).

Com relação a escala psicométrica, assim como ocorreu com os estudos de Liñán, Urbano, Guerrero (2011) e Naia (2013), neste estudo também foram necessários ajustes, como a exclusão de alguns itens, os quais não comprometeram a validade dos constructos.

No quadro 8 apresentamos alguns itens possíveis de comparação, pois os dados estatísticos divergem pelo tipo de análise estatística adotada.

Quadro 8 – Análise comparativa entre os achados desta pesquisa e os estudos citados no referencial teórico.

Modelo	2010 Couto, Mariano e Mayer	2011 Hecke	2011 Liñán, Urbano, Guerrero	2013 Naia	2015 Souza
Variáveis mediadoras encontradas em modelos de Intenção Empreendedora	Atitude Pessoal Normas subjetivas Controle comportamento percebido Intenção Empreendedora	Atitude Pessoal Normas subjetivas Controle comportamento percebido Intenção Empreendedora	Atitude Pessoal Normas subjetivas Controle comportamento percebido Intenção Empreendedora	Atitude Pessoal Normas subjetivas Controle comportamento percebido Intenção Empreendedora	Atitude Pessoal Normas subjetivas Controle comportamento percebido Intenção Empreendedora
Tamanho Amostra	254	443	549	379	505
Ambiente da Amostra	Brasil - Universidade Federal no Rio de Janeiro – Curso de Administração	Brasil - Instituições de Ensino superior em Curitiba – Curso de Administração e Ciências Contábeis.	Espanha – Duas universidades localizadas nas Cidades de Catalunha e Andaluzia.universidades Públicas em cursos de negócios e economia.	Portugal – Cidade de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, cursos de Ciências do Desporto e Gestão Desportiva.	Brasil – Universidades Federais de Mato Grosso do Sul – cursos de administração e engenharia de produção.
Itens Eliminados	Não	Não	A2 rev., A5, A9 rev., A10, A16 rev. e A19	A5, A16, A18 e A20	A9 ver., A13, A16 rev. E A20
Alpha de Cronbach	0,691 - 0,158	0,879-0,935	0,712 - 818	0,780 – 0,930	0,671 – 0,836
Modelo explica variação na intenção empreendedora	não	47,2% ADM / 60,9% CC	61,7%	90%	57,3%
Análise	Análise fatorial exploratória	Análise Fatorial Exploratória e Análise de Regressão Linear	Análise fatorial exploratória	Análise fatorial confirmatória	Modelagem Equações Estruturais
Problema	A02, A07, A09 e A19 cargas fatoriais significativas em mais de um dos componentes detectados pela matriz fatorial, descaracterizando também, o modelo proposto.		Aquiescência*		

Analisando os dados comparativamente é possível destacar algumas particularidades, como por exemplo, Couto, Mariano e Mayer e Hecke utilizaram o modelo e a escala psicométrica propostos por Liñán e Chen (2009), sendo que diverge nos procedimentos estatísticos em parte, que talvez possa justificar a não validação do modelo por parte dos estudos de Couto, Mariano e Mayer. Os demais estudos desenvolvidos a partir dos ajustes de alguns itens da escala psicométrica conforme o trabalho de Liñán, Urbano e Guerrero (2011) apresentaram resultados satisfatórios em termos de validação da escala e do modelo, mesmo utilizando procedimentos estatísticos diferenciados.

Com relação aos constructos e as hipóteses, os resultados encontrados na pesquisa desta tese, podem ser explicados conforme segue:

Atitude Pessoal – de acordo com a literatura é o grau em que o indivíduo detém uma avaliação pessoal positiva ou não em ser empreendedor, a pesquisa apresentou o percentual de 13%, que significa que existe uma avaliação positiva por parte dos alunos no sentido de se tornarem um empreendedor. É um percentual baixo, porém, significa que a ambiência para o empreendedorismo precisa ser mais enfatizada, fortalecida, seja por parte das universidades, ou políticas públicas do próprio governo do estado para atrair o público jovem universitário.

A hipótese H1: A Atitude Pessoal teria uma relação positiva e significativa com a Intenção Empreendedora - essa primeira hipótese foi testada e observou-se que o construto AP é forte e tem um papel significativo no modelo. Observou-se que nesse estudo todas as questões pertinentes ao construto foram validadas, o que não ocorreu nos estudos anteriores já mencionados.

Normas subjetivas – elas medem a pressão social percebida de realizar ou não realizar comportamentos empreendedores. Remete para a percepção de que "as pessoas de referência" irão aprovar a decisão de se tornar um empreendedor, ou não. A pesquisa não registrou nenhum percentual. Na literatura, as normas subjetivas não apresentam dados satisfatórios em sua grande maioria, mas necessita de atenção por estar intimamente ligado as questões sociais e econômicas de uma região. O estado de Mato Grosso do Sul é um estado relativamente novo se comparado com os estados da própria região Centro Oeste e do Sudeste e Sul, porém, tem condições de iniciar um processo de desenvolvimento de uma cultura mais empreendedora.

Com relação as hipóteses geradas sobre o referido construto, a hipótese H3: As Normas subjetivas teriam relação positiva e significativa com a Intenção Empreendedora – apesar do seu baixo índice, a hipótese foi confirmada.

Hipótese H4: As Normas subjetivas teriam uma relação positiva e significativa com a Atitude Pessoal – hipótese também foi confirmada.

Hipótese H5: As Normas subjetivas teriam uma relação positiva e significativa com o controle comportamental percebido. Esta hipótese foi confirmada com índice elevado se comparado a relação da hipótese anterior. O índice se mostra superior se comparado com a relação dos demais constructos.

Com relação as normas subjetivas, é preciso uma reflexão sobre os condicionantes que a afetariam, como a cultura. A cultura está intimamente ligada as pressões produzidas pelo ambiente social, econômico e político da região.

Controle do comportamento percebido – é definido como a percepção da facilidade ou dificuldade de se tornar um empreendedor, a pesquisa registrou percentual de 21,2%. Esse percentual revela percepção das dificuldades e facilidades de ser empreendedor.

Em relação a hipótese H2: O Controle do comportamento percebido teria uma relação positiva e significativa com a Intenção Empreendedora – foi confirmada, indicando que existe comportamento empreendedor entre os alunos dos cursos pesquisados nas duas IES.

Intenção empreendedora – sofre influência a partir das atitudes, normas e comportamento, registrou na pesquisa o percentual de 57,3%. Mesmo com ausência de percentual das normas subjetivas, o percentual mostra uma tendência para o desenvolvimento de comportamentos e atitudes que levem o indivíduo a empreender.

Ainda de acordo com o modelo de Liñán e Chen (2009), o capital humano e as variáveis demográficas são os moderadores que influenciam cada um dos constructos - atitude pessoal, normas subjetivas e controle do comportamento percebido influenciando assim as intenções empreendedoras.

Vale ressaltar que nessa fase da pesquisa, apesar da realização da coleta de dados sobre as informações pertinentes as variáveis demográficas, elas não foram utilizadas como suporte ao modelo por não terem uma escala psicométrica específica adotada para tal, como aconteceu no trabalho de Almeida (2013). Pois, a proposta desta pesquisa foi de contribuir para a validação do modelo e de uma escala psicométrica voltada para intenção empreendedora, uma vez que a literatura na área aponta para a necessidade de um modelo com uma escala possível de ser aplicada em diferentes contextos culturais.

A falta dos percentuais das pesquisas anteriores com relação aos constructos do modelo não permitiu uma análise comparativa entre todos os estudos aqui mencionados, porém, é possível afirmar que o modelo e a escala foram testadas e validadas, com capacidade de

demonstrar que no Estado de Mato Grosso do Sul, existe um percentual significativo entre os alunos das universidades federais que querem empreender futuramente.

Observou-se que o constructo normas subjetivas nas hipóteses desta tese, assumem índices bem diferenciados em relação aos demais constructos, possibilitando a reflexão sobre as possibilidades de motivos que o justificassem, como por exemplo uma proposta de política pública, mas efetiva e direcionada para o desenvolvimento das competências empreendedoras em prol do crescimento e maior dinâmica econômica do estado. Cabe as universidades maior direcionamento de uma proposta de transformação efetiva em universidade empreendedora e assim auxiliar no desenvolvimento de uma educação e cultura mais empreendedora no estado.

5 CONCLUSÃO

O tema Intenção Empreendedora consiste em estudar o comportamento humano, fundamentado aqui com a Teoria do Comportamento Planejado de Ajzen (1991), teoria reconhecida e considerada como sendo a teoria dominante, conforme a literatura e as metas análises desenvolvidas por Schaegele e Koeing (2014), Lortie e Castiogiovani (2015) e Liñán e Fayolle (2015). E, nessa perspectiva, e com base na TPB, os pesquisadores Liñán e Chen (2006:2009) desenvolveram um modelo e uma escala psicométrica para verificar o grau de intenção de empreender. Seguindo essa linha, o tema mostrou-se relevante para ser desenvolvido num contexto regional, com o intuito de contribuir para o aperfeiçoamento do modelo e validar a escala psicométrica em novos contextos ainda inexplorados. Que conforme recomendado por Almeida (2014, p. 346) “pesquisas que considerem a diversidade da população brasileira, no que tange seus valores, costumes e visões de mundo e a associação de valores com atitudes e intenção empreendedora parece sofrer influências culturais, pois os valores tem diferentes papéis conforme a região pesquisada”.

Essa pesquisa teve como objetivo principal aplicar e validar um modelo e uma escala psicométrica para identificar a intenção empreendedora dos alunos de cursos na área da ciência social aplicada – curso de administração e engenharias – engenharia de produção em universidades federais do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil.

Apresentou uma amostra significativa com 505 participantes, considerando a regionalidade da pesquisa. Desses, 48,71% percentuais foram do gênero masculino e 51,29% percentuais do gênero feminino, faixa etária predominante entre 18 e 21 anos. Esses resultados se assemelham a pesquisa a pesquisa GEM Brasil 2014, a qual revelou que a população brasileira com idade entre 18 a 64 anos representa 130,7 milhões de indivíduos, e 34,5% desses formam o percentual representativo da taxa total de empreendedores – TTE (iniciais e estabelecidos), distribuídos igualmente entre homens e mulheres ativos em termos de atividade empreendedora inicial. A escolaridade preponderante entre esses indivíduos se estabelece até o nível superior completo, e são igualmente ativos no que se refere à atividade empreendedora inicial. Dos 34,5% do total de empreendedores iniciais e estabelecidos, a pesquisa revelou que 17,2% deles são realmente iniciais e desses, 13,8% são novos empreendedores, com ensino superior. (GEM BRASIL, 2014, p. 6).

Esse resultado é corroborado também com os resultados da pesquisa “Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras”, que vem sendo desenvolvida no Brasil sob a direção da área de pesquisa e políticas públicas da Endeavor, responsável por coordenar o estudo no Brasil desde 2012, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequena Empresas (SEBRAE).

Reafirmando essas estatísticas, os resultados do Estudo GUESS³ apresentados no relatório brasileiro por Lima et al. (2014) revelaram que a amostra brasileira

[...] teve 12.561 estudantes respondentes, vinculados a IES de variados estados e localizadas em todas as regiões do país, 66,6% dos estudantes são de instituições públicas. A maioria dos respondentes tem até 24 anos de idade, cerca de 90% das respostas brasileiras são oriundas de alunos da graduação, as mulheres são a maioria dos respondentes brasileiros (em torno de 55%), os respondentes estão majoritariamente vinculados à área de Administração (23,1%) e um percentual elevado dos respondentes também é de Engenharia (18,5%). Com relação a intenção de carreira, os respondentes brasileiros desejam fundar sua própria empresa (7,9%). (LIMA et al., 2014, p. 19-21- 41-42).

No Brasil, estudos com a proposta de identificar as intenções empreendedoras em contextos universitários têm sido desenvolvido pelo GUESS, cujos fundamentos teóricos encontram-se na Teoria do Comportamento Planejado, proposto por Ajzen (1991) e parte da escala psicométrica proposta por Liñán e Chen (2009), denominada *Entrepreneurial Intention Questionnaire (EIQ)*, para obter informações sobre o construto Intenção de Empreender (IE).

De acordo com Lima et al. (2014), em 2013-2014, no Brasil, a pesquisa atingiu 60 Instituições de Ensino Superior (IES).

O número de questionários respondidos no Brasil, em 2013, foi de 12.561. As características dos respondentes, por idade, são as seguintes: 78,9% tinham até 24 anos; 12,1%, entre 25 a 30 anos e 8,9% acima dos 30 anos. Os níveis de estudo dos participantes na graduação alcançaram a marca de 88,8%. Com relação ao gênero, 45% pertencia ao masculino e 55%, feminino. Ainda de acordo com o estudo, os respondentes estavam, majoritariamente, vinculados a algumas áreas como a de Administração e de Engenharia.

Desta forma, comparando os resultados obtidos nessa pesquisa com os resultados do estudo GUESS, reafirmamos a validade dos achados que muito se assemelham quando comparados em nível de Brasil.

³ GUESS (*Global University Entrepreneurial Spirit Student's Survey*) é um estudo mundial sobre o espírito empreendedor de estudantes universitários, estudo consolidado e que vem apresentando resultados sobre a relação entre a educação superior no mundo e a intenção em empreender.

Outros achados dessa pesquisa, é em relação a ocupação profissional atual desses universitários, predominou no curso de Administração empregados em empresas privadas nos três municípios/IES pesquisados, o que se justifica pela dinâmica atual de desenvolvimento econômico predominante no estado de Mato Grosso do Sul, no curso de Engenharia de Produção predomina a categoria de estudantes nos três municípios/IES pesquisados, por ser um curso muito novo no estado e por ser ofertado em período integral – diurno. As respectivas informações, representam o perfil da amostra das universidades públicas federais em Mato Grosso do Sul, bem como, demonstra ser uma população ativa do estado, em processo de profissionalização. Esse perfil, está de acordo com o perfil das amostras dos estudos referenciados aqui.

A revisão da literatura que subsidiou o estudo, apresentou autores que desenvolveram modelos de intenção empreendedora, outros se dedicaram as escalas psicométricas, porém, evidenciou-se que muitos ainda não são consolidados. Ainda sobre a revisão da literatura, encontramos um modelo com uma escala psicométrica que foi aplicado e validado em estudos em diferentes contextos, como Espanha e Taiwan, aplicado por Liñán e Chen (2009), Liñán, Urbano e Guerrero (2011) na Espanha e Naia (2013) em Portugal, os quais se assemelham ao que aqui foi realizado com relação a aplicação e validação.

O modelo de Liñán e Chen (2006:2009) que se fundamenta na Teoria do Comportamento Planejado e a escala psicométrica ajustada por Liñán, Urbano e Guerrero (2011) proposto e testado neste estudo reafirma que a teoria TPB prediz e explica a propensão do indivíduo se tornar um empreendedor. Desta forma, propõe-se o uso do modelo e da escala psicométrica como instrumento de mensuração da intenção empreendedora, em contexto regional.

O delineamento metodológico adotado na pesquisa utilizando a MME como principal instrumento para estatisticamente analisar os dados, utilizando PLS-PM (Partial Least Squares - Path Model) possibilitou a validação do modelo. A utilização da metodologia da MME, permitiu ajustar o modelo de seleção naquilo que se julgou necessário, como a exclusão de alguns indicadores com cargas fatoriais muito baixas e que não comprometeram a validade do construto.

A metodologia empregada para a análise dos dados, utilizando a modelagem de equações estruturais com mínimos quadrados parciais e modelo de caminhos (PLS-PM), por meio do software SmartPLS, mostrou-se uma técnica estatística de modelagem e análise de dados adequada neste estudo para validar um modelo aplicável em regiões e contextos diferenciados.

A variável mais explicada no modelo foi a Intenção Empreendedora (IE) ($Q^2=0,309$, $R^2=0,573$), comprovando a validação do modelo e escala. Observou-se uma baixa influência das Normas Subjetivas, as Normas Subjetivas é um constructo que Liñán, Urbano e Guerrero (2011) sinalizaram que em outros estudos não foram encontradas nenhuma relação direta e significativa entre normas subjetivas e intenção empreendedora. Nos estudos de Naia (2013), os resultados foram semelhantes.

Como as normas subjetivas dizem respeito às influências do contexto, a sua baixa significância pode ser a proposta para um novo estudo em que se considere uma investigação da cultura, do ambiente político e econômico onde será aplicado e testado o modelo, procurando desta forma encontrar respostas para a fragilidade do constructo no modelo.

Antes de prosseguir, no entanto, cabe apontar as limitações da pesquisa. Estas estão relacionadas ao fato de considerar somente as duas universidades federais de Mato Grosso do Sul, em detrimento das universidades públicas no nível estadual e particulares, neste estado. Entretanto, este fato se justifica em função da falta de sensibilidade dos dirigentes destas organizações para a participação nesta pesquisa, quando solicitado. Porém, sempre se pode ampliar a pesquisa, realizando um novo estudo, em outro momento mais favorável. Permitindo, inclusive, comparação ao longo do tempo.

Assim, este trabalho de pesquisa é um primeiro passo de validação do modelo proposto por Liñán, Urbano e Guerrero (2011). Seguindo em frente, pode se identificar dois outros caminhos para novas pesquisas, utilizando a moderação e a mediação. Assim, em estudo em andamento, se pretende comprovar o efeito das moderações do antecedente empreendedor, da capacitação empreendedora e da ocupação profissional dos alunos que figuram como respondentes desta pesquisa, considerando os constructos da atitude, das normas subjetivas e do controle do comportamento percebido, em relação à intenção empreendedora. Também a testagem do papel mediador da atitude desses alunos pesquisados em relação à intenção empreendedora, no que tange às relações com as normas subjetivas e com o controle do comportamento percebido, tornou-se objeto de interesse, possibilitando a proposição de mais um aspecto ao construto de Liñán, Urbano e Guerrero (2011), proporcionando a ampliação do entendimento quanto à mensuração da Intenção empreendedora.

Dessa forma, propor, como consideração, a alteração do modelo revisto por Liñán, Urbano e Guerrero (2011) quanto ao papel mediador da atitude em relação à intenção empreendedora nas suas relações com as normas subjetivas e com o controle do comportamento percebido.

Avaliando os resultados obtidos com este estudo é possível afirmar que a proposta foi atingida e que a mesma abre novas possibilidades para estudos e reflexões para o fortalecimento

da pesquisa científica na área de intenção empreendedora no estado, bem como possibilitando estudos comparativos entre estados brasileiros e regiões. Nesta perspectiva, como sugestões para trabalhos futuros deve ser considerado, inicialmente, a aplicação do modelo e da escala aqui validados em outras universidades federais, de outros estados brasileiros, permitindo estudos comparados. E, incluindo, gradativamente, outros tipos de organizações universitárias.

Pesquisas longitudinais, para acompanhamento da evolução das intenções empreendedoras dos alunos que aqui colaboraram com esta pesquisa, em momentos futuros, devem ser realizadas. O cadastro que permite a identificação dos interessados em seguir como respondentes serve para este objetivo. A continuidade do estudo, nestas duas universidades do estado de Mato Grosso do Sul, em outros momentos, trará um novo resultado para o que aqui foi realizado. Considerando ainda a pesquisa qualitativa como forma de condução de pesquisa, estes alunos poderão responder sobre aspectos referentes aos constructos de pesquisa propostos por teóricos do tema da intenção empreendedora, complementado entendimento mais subjetivos.

Outra sugestão é a realização de uma pesquisa qualitativa, em que os projetos pedagógicos e os planos de ensino, como exemplo, possam ser analisados à luz dos modelos existentes na literatura da educação para o empreendedorismo.

Sugere-se uma pesquisa qualitativa com grupos de alunos, coordenadores, professores e dirigentes das IES, investigando as suas percepções com relação as práticas de ensino e atividades empreendedoras existentes e desenvolvidas por eles e que possam impulsionar as intenções empreendedoras no meio acadêmico.

Recomenda-se para estudos posteriores o acréscimo de uma escala psicométrica capaz de trazer a luz da discussão a influência da cultura ao modelo, bem como das políticas públicas e institucionais no sentido de fomentar uma educação voltada para o empreendedorismo nos seus mais diversos cursos, de forma transversal.

REFERÊNCIAS

AJZEN, I. From intentions to actions: A theory of planned behavior. In J. Kuhl & J. Beckman (Eds.). **Action-control: from cognition to behavior** (pp. 11-39). Heidelberg: Springer. 1985

_____. The theory of planned behavior. **Organizational behavior and human decision processes**, v. 50, n. 2, p. 179-211, 1991.

_____. Constructing a TPB questionnaire: conceptual and methodological considerations. **Retrieved**, March 22, 2007, 2006.

_____. **Behavioral Interventions Based on the Theory of Planned Behaviors**. 2006. Disponível em: <www.people.umass.edu/aizen/>. Acesso em: 10 out. 2013.

AJZEN, I.; FISHBEIN, M. **Understanding attitudes and predicting social behavior**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1980.

_____. **The influence of attitudes on behavior**. In D. Albarracín, B. T. Johnson, & M. P. Zanna (Eds.), *The handbook of attitudes* (pp. 173-221). Mahwah, NJ: Erlbaum. 2005.

ALMEIDA, G. O. **Valores, atitudes e intenção empreendedora: um estudo com universitários brasileiros e cabo-verdianos**. 2013. 400 f. Tese (Doutorado em Administração) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2013.

AUTIO, E.; KEELEY, R. H.; KLOFSTEN, M.; ULFSTEDT, T. Entrepreneurial intent among students. Testing an intent model in Asia, Scandinavia and USA. In: **FRONTIERS OF ENTREPRENEURSHIP RESEARCH**, 17. 1997. Disponível em: <<http://fusionmx.babson.edu/entrep/fer/papers97/autio/aut1.htm>>. Acesso em: 8 out. 2013.

BAGOZZI, R. P.; YI, Y. On the evaluation of structural equation models. **Journal of the academy of marketing science**, v. 16, n. 1, p. 74-94, 1988.

BANDURA, ALBERT. **Self-efficacy: the exercise of control**. New York: Freeman, 1977.

BEN NARS, K.; BOUJELBENE, Y.. Assessing the impact of entrepreneurship education. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, Volume 109, 8 January 2014, Pages 712–715. 2nd World Conference on Business, Economics and Management. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042813051732>. Acesso em: 04 jun. 2014.

BIDO, D. S. et al. Qualidade do Relato dos Procedimentos Metodológicos em Periódicos Nacionais na Área de Administração de Empresas: o caso da modelagem em equações estruturais nos periódicos nacionais entre 2001 e 2010. Organização & Sociedade - Salvador,

v.19 - n.60, p. 125-144 - Janeiro/Março – 2012. Disponível em www.revistaoes.ufba.br. Acesso em julho, 2014.

BIRD, B. Implementing entrepreneurial ideas: the case for intentions. **Academy of Management Review**, v. 13, n. 3, p. 442-454, 1988.

BLACK, M. M. **Exploring the multi-focus influence of identity on students' entrepreneurial intent**. 2012. Disponível em: <<https://shareok.org/handle/11244/7204>>. Acesso em: 9 set. 2013.

BOYD, N. G.; VOZIKIS, G. S. The Influence of Self-Efficacy on the Development of Entrepreneurial Intentions and Actions. **Entrepreneurship Theory and Practice**. Summer, 1994. Disponível em: <<http://www.ftms.edu.my/pdf/Download/UndergraduateStudent/selfefficacy.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2013.

BROLLO, M. X. **Intenção empreendedora: um modelo econômico-psicológico entre estudantes universitários**. Florianópolis, 2006. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) – Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CANTILLON, R. **Essay sur la nature du commerce en general**. London: Fetcher Gyler, 1755. Also edited in an English version, with other material, by Henry Higgs, C. B., London: MacMillan (1931).

CARVALHO, P. M. R. **Competências para o entrepreneurship: um modelo explicativo**. 2004. Tese (Doutorado em Administração) – Facultad de Economía y Empresa, Universidade de Salamanca, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/396/4/1%20%20Compet%AAncias%20par%20o%20Entrepreneurship.%20Um%20Modelo%20Explicativo.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2013.

CARVALHO, P. M. R.; GONZÁLEZ, L. Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. **Comportamento Organizacional e Gestão**, Lisboa, v.12, n. 1, p. 43-65, 2006.

CHATTOPADHYAY, R.; GHOSH, A. K. Entrepreneurial intention model-based quantitative approach to estimate entrepreneurial success. **Journal of Small Business and Entrepreneurship**, v. 21, n. 1, p. 1-22, 2008.

CHIN, W. W. The partial least squares approach to structural equation modeling. **Modern methods for business research**, v. 295, n. 2, p. 295-336, 1998.

COHEN, J. **Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences**. 2nd ed. New York: Psychology Press, 1988.

COUTO, C. L. P.; MARIANO, S. R. H.; MAYER, V. F. Medição da Intenção Empreendedora no Contexto Brasileiro: Desafios da Aplicação de um Modelo Internacional. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 34, Rio de Janeiro, 2010. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD. 2010. CD-ROM.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. Métodos de pesquisa em administração. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

DA SILVA, D.; LOPES, E. L.; JUNIOR, S. S. B. Pesquisa Quantitativa: Elementos, Paradigmas e Definições. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 5, n. 1, p. 01-18, 2014. <http://www.revistagesec.org.br/ojs.2.4.5/index.php/secretariado/article/view/297#.VfFxR5dmU5o>. Acesso em: jul. 2015.

DAVIDSSON, P. Determinants of entrepreneurial intentions. In: Conferência Rent, 9, 1995. **Proceedings...** Piacenza: Itália, 1995.

EKOPH, U. I., EDET, A. O. **Entrepreneurship Education and Career Intentions of Tertiary Education Students in Akwa Ibom and Cross River States, Nigeria**. International Education Studies. 2011. Disponível em: <http://www.ccsenet.org/journal/index.php/ies/article/view/9103>. Acesso em: 04 jun. 2014.

ELFVING, J.; BRÄNNBACK, M.; CARSRUD, A. **Toward A contextual model of entrepreneurial intentions. Understanding the Entrepreneurial Mind**. 2009, p. 23-33.

ENGLE, R. L.; DIMITRIADI, N.; GAVIDIA, J. V., SCHLAEGEL, C., DELANOE, S., ALVARADO, I. Entrepreneurial intent: a twelve-country evaluation of Ajzen's model of planned behavior. **International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research**, v. 16, n. 1, p. 35–57, 2010.

EUROPEAN COMMISSION. **Entrepreneurship Education: A Road to success**. Bruxelles, 2015. Disponível em: <http://ec.europa.eu/DocsRoom/documents/8565/attachments/1/translations/en/renditions/pdf>.

ESTEVEZ, P. C. L. UNIVERSIDADE COMO CENTRO DE UM SISTEMA REGIONAL DE INOVAÇÃO: O CASO DO CAMPUS ARARANGUÁ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/116155?show=full>. Acesso em: dez. 2014.

FAYOLLE, A. Insights to research on the entrepreneurial process from a study on perceptions of entrepreneurship and entrepreneurs. **Journal of Enterprising Culture**, v. 10, n. 4, p. 257285, December 2002.

FAYOLLE, A.; GAILLY, B. The Impact of Entrepreneurship Education on Entrepreneurial Attitudes and Intention: Hysteresis and Persistence. **Journal of Small Business Management** 2013.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo: USP, v. 34, n. 2, abr./jun. 1999.

_____. O empreendedorismo como tema de estudos superiores. In: INSTITUTO EUVALDO LODI. **Empreendedorismo: ciência, técnica e arte**. Brasília. CNI/IEL, 1999. p. 13-42.

FISCHER, A.; NODARI, T. M. S.; FEGER, J. E. Empreendedorismo: algumas reflexões quanto às características. **RACE**, Unoesc, v.7, n.1, p.39-52, jan/jun. 2008.

FISHBEIN, M. **Attitude and the prediction of behavior**. New York: Wiley, 1967.

FISHBEIN, M. AJZEN I. **Belief, Attitude, Intention and Behavior: An Introduction to Theory and Research**. MA: Addison-Wesley, Reading, 1975.

FITZSIMMONS, J. R.; DOUGLAS, E. J. .Interaction between feasibility and desirability in the formation of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 26(4), 2011. p. 431–440.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). **Estudo sobre o Empreendedorismo**. 2012. Disponível em: http://www.ibqp.org.br/img/projetos/downloads/arquivo_20130502113722.pdf. Acesso em: 15 jun. 2014.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). **Estudo sobre o Empreendedorismo Região Centro-oeste**. Disponível em: http://www.ibqp.org.br/img/projetos/downloads/arquivo_20130415120228.pdf. Acesso em: 15 jun. 2014.

GOÑI GAZTELU, E. Se necesitan emprendedores.¿Tiene la universidad algo que ofrecer? La educación basada em competências como respuesta. **Boletín de Estudios Económicos**, v. 54, n. 168, p. 445-460, 1999.

GUERRERO, M.; RIALP, J.; URBANO, D. The impact of desirability and feasibility on entrepreneurial intentions: a structural equation model. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 4, n. 1, p. 35-50, 2006. Disponível em: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1838606>. Acesso em: 5 maio 2013.

GUEDES, V.L; BORSCHIVER, S. **Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica**. [S.l.], [20–?]. Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000508/01/VaniaLSGuedes.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2012.

GUZMÁN-ALFONSO, C.; GUZMÁN-CUEVAS, J. Spain entrepreneurial intention models as applied to Latin America. **Journal of Organizational Change Management**, v. 25, n. 5, p. 721-735, 2012.

HAIR JÚNIOR, J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.; BLACK, W. C. **Análise multivariada de dados**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HAIR, J. F.; HULT, T. M.; RINGLE, C. M.; SARSTEDT, M. **A Primer on Partial Least Squares Structural Equation Modeling (PLS-SEM)**. Los Angeles: SAGE, 2014.

HAIR, J. **Multivariate Data Analysis**. 7th Edition. Prentice Hall, 2010

HECKE, A. P. A intenção empreendedora dos alunos concluintes dos cursos de graduação em administração e ciências contábeis das instituições de ensino superior de Curitiba-PR. 2011. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Dados sócio econômicos do estado de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/>. Acesso em agosto 2015.

JAEN, I.; LIÑÁN, F.. Work values in a changing economic environment: the role of entrepreneurial capital. **International Journal of Manpower**, v. 34, n. 8, p. 939-960, 2013.

JONES, M. V.; COVIELLO, N.; TANG, Y. K. International Entrepreneurship research (1989–2009): a domain ontology and thematic analysis. **Journal of Business Venturing**, 26 (2011) 632–659.

KAUTONEN, T.; VAN GELDERENB, M.; FINK, M. **Robustness of the Theory of Planned Behavior in Predicting Entrepreneurial Intentions and Actions**. ENTREPRENEURSHIP THEORY and PRACTICE, July, 2013. DOI: 10.1111/etap.12056.

KLAPPER, R.; LÉGER-JARNIOU, C. Entrepreneurship intention among French Grande École and university students an application of Shapero's model. **INDUSTRY & HIGHER EDUCATION**, April, 2006.

KERLINGER, F. N. Metodologia da pesquisa em ciências sociais. São Paulo: E.P.U., EDUSP, 1980.

KRISTIANSEN, S.; INDARTH, N. Entrepreneurial intention among Indonesian and norwegian students. **Journal of Enterprising Culture**, v. 12, n. 1, p.55-78, 2004.

KRUEGER, N. Entrepreneurial intentions are dead: long live entrepreneurial intentions. In: CARSRUD, A.; BRANNBACK, M. (Eds.). **Understanding the Entrepreneurial Mind Opening the Black Box**. New York: Springer, 2009. p. 51-72.

KRUEGER, N.; CARSRUD, A. Entrepreneurship intentions: applying the theory of panned behavior. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 5, p. 316-323, 1993.

KRUEGER, N. F., REILLY, M. D., & CARSRUD, A. L. Competing models of entrepreneurial intentions. **Journal of Business Venturing**, 15(5–6), 2000, 411–432.

KRUEGER, N. F.; BRAZEAL, D. V. Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 18, n. 3, p. 91-104, 1994.

KOLVEREID, L. Prediction of employment status choice intentions, **Entrepreneurship Theory and Practice**, 20 (3), 1996, p. 47.

_____. Organizational employment versus self-employment: Reasons for career choice intentions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 20, 1996.

KÜTTIMA, M.; KALLASTE, M.; VENESAARA, U.; KIISB, A. Entrepreneurship education at university level and students' entrepreneurial intentions. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, 110, 2014, p. 658 – 668.

LEE, L.; WONG, P. K.; FOO, M. D.; LEUNG, A. Entrepreneurial intentions: The influence of organizational and individual factors. **Journal of Business Venturing**, v.26, p. 124–136, 2011.

LIMA, E., NASSIF, V. M. J., LOPES, R. M. A., SILVA, D. Educação Superior em Empreendedorismo e Intenções Empreendedoras dos Estudantes – Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2013-2014. Grupo APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPGA-UNINOVE. **Caderno de pesquisa**, n. 2014-03. São Paulo: Grupo APOE. 2014.

LIÑÁN, F.; CHEN, Y. Testing the entrepreneurial intention model on a two-country sample. 2006.

LINAN, Francisco. Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions?. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 4, n. 3, p. 257-272, 2008.

LIÑÁN, F.; CHEN, Y. Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 3, p. 593-617, may, 2009.

LIÑÁN, F.; FAYOLLE, A. **A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses, and research agenda**. Int Entrep Manag J DOI 10.1007/s11365015-0356-5. New York: Springer Science+Business Media, 2015

LIÑÁN, F.; URBANO, D.; GUERRERO, M.. Regional variations in entrepreneurial cognitions: start-up intentions of university students in Spain. **Entrepreneurship & Regional Development**. v. 23, n. 3 e 4, April, p. 187-215, 2011.

LIÑÁN, Francisco; RODRÍGUEZ-COHARD, Juan Carlos; RUEDA-CANTUCHE, José M. Factors affecting entrepreneurial intention levels: a role for education. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 7, n. 2, p. 195-218, 2011.

LORTIE, J.; CASTOGIOVANNI, G. The theory of planned behavior in entrepreneurship research: what we know and future directions. **International Entrepreneurship and Management Journal**, March, 2015.

LÜTHJE, C.; FRANKE, N. The “making” of an entrepreneur: testing a model of entrepreneurial intent among engineering students at MIT. **R&D Management**, v. 33, n. 2, p. 135-147, 2003.

MALHOTRA, N. Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada. 3ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2001. 720 p.

MCGEE, J. E. et al. Entrepreneurial self efficacy: refining the measure. **Entrepreneurship theory and Practice**, v. 33, n. 4, p. 965-988, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC)/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. **Censo da Educação Superior – 2013** Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf>. Acesso em: mar. 2015.

NAIA, A. M. P. **Entrepreneurship Education in Sport Sciences: Implications for Curriculum Development**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa, Portugal, 2013.

PNUD, IPEA. FJP, 2013. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013**. ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_uf/mato-grosso-do-sul. Acesso em: jul. 2015.

RINGLE, Cristhian M.; SILVA, Dirceu, da; BIDO, Diógenes. Modelagem de Equações Estruturais com Utilização do SmartPLS. Revista Brasileira de Marketing e-ISSN:2177-5184,13, may. 2014. Disponível em:

<http://www.revistabrasileirmarketing.org/ojs2.2.4/index.php/remark/article/view/2717>. Acesso em: 10 agosto. 2015.

RINGLE, C. M.; WENDE, S.; WILL, A. **SmartPLS 2.0 (2005)**. Disponível em: www.smartpls.de. Acessado em 20 de julho de 2015.

RODRIGUES, Leonel Cezar; TONTINI, Gerson. A UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA: Geração e transferência de tecnologia como fator agregador. **Revista de Negócios**, v. 2, n. 4, 1997.

SAY, J. B. **Traite d'économie politique: ou, simple exposition de la maniere don't se forment, se distribuent et se consomment les richesses**. 1803. Translation: Treatise on Political Economy: On the Production, Distribution and Consumption of Wealth. New York: Kelley, 1964 (1st Editon: 1827).

SAY, J. B. **De L'Angleterre et des Anglais**. Paris: Arthur Bertrand, 1815.

SAY, J. B. **England and the English People**. 2nd Edition (1816), by John Richter, London: Sherwood, Neely et Jones. Translation of preceding title (1815).

SAY, J. B. **Petit volume contenant quelques aperçus des hommes et de la societe**. 3rd Edition completely revised from manuscripts left by the author, and published by Horace Say, his son. Paris: Chez Guillaumin, Libraire, 1839.

SCHLAEGEL, C.; KOENIG, M. Determinants of Entrepreneurial Intent: A Meta-Analytic Test and Integration of Competing Models. **Entrepreneurship Theory and Practice**. v. 38, n. 2, p. 291-332, 2014.

SHAPERO, A. The Social dimensions of entrepreneurship. In: **Encyclopaedia of Entrepreneurship**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall Inc, 1982. Disponível em http://papers.ssrn.com/sol3/Papers.cfm?abstract_id=1497759#. Acesso em: 9 set. 2013.

SHAPERO, A.; SOKOL, L. The Social dimensions of entrepreneurship. In: **Encyclopaedia of Entrepreneurship**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall Inc, 1982.

SCHUMPETER, Joseph. The instability of capitalism. **The economic journal**, p. 361-386, 1928.

SHUMPETER, J. Economic theory and entrepreneurial history, in *Change and the entrepreneur*: postulates and patterns of entrepreneurial history, Cambridge: Harvard U.P., 1949. (republicado, com uma introdução de Tamás Szmrecsányi, na Revista Brasileira de Inovação, vol 1(2): 201-24, 2002).

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. Dados de observação e de arquivo (MMH d'Oliveira & MM del Rey, Trads.). **Métodos de pesquisa nas relações sociais**, v. 2, p. 95-120, 1987.

SINGH, I.; PRASAD, T.; RAUT, R. D. Entrepreneurial intent—A review of literature. In: **Proceedings of the Ninth AIMS International Conference on Management. Maharashtra, India**. 2012.

SILVEIRA, A. et al. **Roteiro básico para apresentação e editoração de teses, dissertações e monografias**. 3.ed. rev. aum. Blumenau, Edifurb, 2009.

SOUTARIS, V.; ZERBINATI, S.; AL-LAHAM, A. Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. **Journal of Business venturing**, v. 22, n. 4, p. 566-591, 2007.

SPENCER, L. M.; SPENCER, S. M. **Competence at Work**: models for superior performance. New York: John Wiley & Sons, 1993.

TENENHAUS, M.; VINZI, V. E.; CHATELIN, Y.; LAURO, C. PLS Path Modeling. **Computational Statistics & Data Analysis**, v. 48, p.159-205, 2005.

THOMPSON, Edmund R. Individual entrepreneurial intent: construct clarification and development of an internationally reliable metric. **Entrepreneurship Theory and Practice**. V. 33, n. 3, p. 669-694, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS). Histórico. Disponível em: <http://www-nt.ufms.br/institution/view/id/15>. Acesso em novembro de 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD). Histórico. Fonte: <http://portal.ufgd.edu.br/aufgd/historico>. Acesso em novembro de 2014.

VAN GELDEREN, M. et al. Explaining entrepreneurial intentions by means of the theory of planned behaviour. **Career Development International**, 13(6), 2008, 538–559.

VIRTANEN, M. The role of different theories in explaining entrepreneurship. In. KUNKEL, S. (Ed.). **Entrepreneurship: the engine of global economic development**. 1997. Disponível em: <file://C:\Documents%20and%20Settings\Dr.%20Don%20Bradley\Desktop\1997\I...> 5/24/2004. Acesso em: 9 set. 2013.

WETZELS, M.; ODEKERKEN-SCHRÖDER, G.; OPPEN, C. V. Using PLS path modeling for assessing hierarchical construct models: guidelines and empirical illustration. **MIS Quarterly**, v.33, n.1, p.177-195, 2009.

APÊNDICE A

EIQ – VERSÃO EM PORTUGUÊS

A01	Começar e manter um negócio próprio seria fácil para mim.	1	2	3	4	5	6	7
A02	Uma carreira como empreendedor não é atraente para mim.	1	2	3	4	5	6	7
A03	Meus amigos aprovariam minha decisão de começar um negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A04	Estou preparado pra fazer qualquer coisa para ser um empreendedor.	1	2	3	4	5	6	7
A05	Acredito que seria completamente incapaz de começar um negócio próprio.	1	2	3	4	5	6	7
A06	Farei todo o esforço necessário para iniciar e manter meu próprio negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A07	Sou capaz de controlar o processo de criação de um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A08	Meus parentes mais próximos aprovariam minha decisão de começar um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A09	Tenho sérias dúvidas em algum dia começar um negócio próprio.	1	2	3	4	5	6	7
A10	Se eu tivesse oportunidade e recursos, eu adoraria começar um novo negócio próprio.	1	2	3	4	5	6	7
A11	Meus colegas de trabalho aprovariam minha decisão de abrir um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A12	Diante de várias opções, preferiria qualquer coisa, exceto começar um negócio próprio.	1	2	3	4	5	6	7
A13	Estou determinado a criar um negócio inovador no futuro.	1	2	3	4	5	6	7
A14	Se eu tentasse começar um negócio, teria uma grande chance de ser bem sucedido.	1	2	3	4	5	6	7
A15	Ser um empreendedor me traria grande satisfação.	1	2	3	4	5	6	7
A16	Seria muito difícil para eu desenvolver uma ideia de um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A17	Meu objetivo profissional é ser um empreendedor.	1	2	3	4	5	6	7
A18	Ser um empreendedor implica mais em vantagens do que em desvantagens pra mim.	1	2	3	4	5	6	7
A19	Tenho muita pouca vontade de começar um negócio algum dia.	1	2	3	4	5	6	7
A20	Conheço todos os detalhes práticos para começar um negócio.	1	2	3	4	5	6	7

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA
APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO Nº

DATA: ___/___/___

DADOS DO ENTREVISTADORNome: **Roosiley dos Santos Souza**Caracterização.....: **Doutoranda em Administração**Linha de pesquisa...: **Estudos Organizacionais**Motivo da pesquisa : **Identificar a intenção empreendedora entre graduandos em Administração na UFMS.****Parte I – Dados pessoais e características socioeconômicas****INSTRUÇÕES**

- Para cada item do questionário assinale uma única alternativa de resposta.
- Responda o questionário preenchendo com um 'X' localizado ao lado de cada item.

1. GÊNERO:
 - Masculino Feminino
2. IDADE:
 - Entre 14 e 17 anos Entre 18 e 21 anos Entre 22 e 25 anos
 - Entre 26 e 29 anos Entre 30 e 33 anos Acima de 33 anos
3. ESTADO CIVIL:
 - Solteiro Casado Viúvo Separado/Divorciado
4. Selecione a opção que melhor se adequa à sua situação de trabalho atual (apenas uma opção):
 - 4.1. Empregado
 - Empresa Privada Setor Público – Concursado
 - Setor Público – Não concursado ONG ou associação
 - 4.2. Empregado Autônomo
 - Trabalhador independente Empreendedor com parentes
 - Iniciando um novo empreendimento
 - 4.3. Não trabalha:
 - Desempregado Estudante Outros
5. Algum dos seus familiares mais próximos são empreendedores?
 - Pai e/ou Mãe Irmãos Tios e/ou avós Primos Não
 - Se sim, que tipo de negócio? _____
6. Você já participou de atividades de empreendedorismo? (pode marcar mais de uma opção)
 - Não. Nenhuma atividade, até o momento.
 - Palestras Seminário Workshop Congresso Curso de curta duração
 - Disciplina de Empreendedorismo Bota pra fazer Empretec Startup
 - Incubadora de empresa Centro de Empreendedorismo Empresa Júnior
7. Renda Mensal Própria:
 - Ainda não tenho renda Até R\$788,00
 - Entre R\$788,01 e R\$ 1.576,00 Entre R\$1.576,01 e R\$2.364,00
 - Acima de R\$2.364,01.
8. Renda Mensal Familiar:
 - Ainda não tenho renda. Até R\$788,00
 - Entre R\$788,01 e R\$ 1.576,00 Entre R\$1.576,01 e R\$2.364,00
 - Acima de R\$2.364,01.

Parte II – Os itens a seguir apresentam frases que representam, em geral, atitudes e pensamentos sobre o empreendedorismo.

Nesta pesquisa não existe resposta certa ou errada, apenas marque um **X** na opção que mais se encaixa com os seus pensamentos e atitudes.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo em partes	Discordo um pouco	É indiferente pra mim	Concordo um pouco	Concordo em partes	Concordo totalmente

A01	Começar e manter um negócio próprio seria fácil para mim.	1	2	3	4	5	6	7
A02	Uma carreira como empreendedor não é atraente para mim.	1	2	3	4	5	6	7
A03	Meus amigos aprovariam minha decisão de começar um negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A04	Estou preparado pra fazer qualquer coisa para ser um empreendedor.	1	2	3	4	5	6	7
A05	Acredito que seria completamente incapaz de começar um negócio próprio.	1	2	3	4	5	6	7
A06	Farei todo o esforço necessário para iniciar e manter meu próprio negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A07	Sou capaz de controlar o processo de criação de um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A08	Meus parentes mais próximos aprovariam minha decisão de começar um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A09	Tenho sérias dúvidas em algum dia começar um negócio próprio.	1	2	3	4	5	6	7
A10	Se eu tivesse oportunidade e recursos, eu adoraria começar um novo negócio próprio.	1	2	3	4	5	6	7
A11	Meus colegas de trabalho aprovariam minha decisão de abrir um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A12	Diante de várias opções, preferiria qualquer coisa, exceto começar um negócio próprio.	1	2	3	4	5	6	7
A13	Estou determinado a criar um negócio inovador no futuro.	1	2	3	4	5	6	7
A14	Se eu tentasse começar um negócio, teria uma grande chance de ser bem sucedido.	1	2	3	4	5	6	7
A15	Ser um empreendedor me traria grande satisfação.	1	2	3	4	5	6	7
A16	Seria muito difícil para eu desenvolver uma ideia de um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A17	Meu objetivo profissional é ser um empreendedor.	1	2	3	4	5	6	7
A18	Ser um empreendedor implica mais em vantagens do que em desvantagens pra mim.	1	2	3	4	5	6	7
A19	Tenho muita pouca vontade de começar um negócio algum dia.	1	2	3	4	5	6	7
A20	Conheço todos os detalhes práticos para começar um negócio.	1	2	3	4	5	6	7

Parte III – Informações de caráter facultativo (Opcional)

Considerando que o estudo em intenções empreendedoras poderá ter sua amplitude aumentada mediante o acompanhamento dos respondentes do presente questionário por um período de tempo de dois ou mais anos, é do interesse da pesquisadora acompanhar ao longo de cinco anos a vida profissional de cada um daqueles que responderam o presente questionário. O contato será mantido pela pesquisadora por telefone ou por e-mail. Assim, caso você concorde em continuar participando da pesquisa informe seus dados na ficha abaixo.

Nome completo:	
Telefone Fixo: ()	Telefone Celular: ()
E-mail:	
Endereço para contato:	

ANEXO A

EIQ – Versão Original - Inglês



**Entrepreneurial Intention
research project**



research project

Questionnaire number: _____

Entrepreneurial Intention Questionnaire (EIQ)

Version 3.1

The research group “SMEs and Economic Development” at University of Seville, in collaboration with other universities, is undertaking an international study on firm creation by students and alumni. Our aim is to periodically follow up with respondents to evaluate their personal and professional status. For this reason you are asked to provide your contact data at the end of the questionnaire. If you prefer not to participate in the follow-up, simply leave that section blank.

In the questionnaire value-scales below, some statements are positive while others are negative. For each statement, you are asked to indicate your level of agreement with it, (1) representing total disagreement, and (7) representing total agreement. Please respond to the items by marking what you consider to be the appropriate answer, or filling in the blanks. Choose **only one answer** to each question. Thank you very much for your cooperation.



Questionnaire

A. Indicate your level of agreement with the following statements about the **Entrepreneurial Activity** from 1 (total disagreement) to 7 (total agreement).

	1	2	3	4	5	6	7
A01.- Starting a firm and keeping it viable would be easy for me	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A02.- A career as an entrepreneur is totally unattractive to me	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A03.- My friends would approve of my decision to start a business	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A04.- I am ready to do anything to be an entrepreneur	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A05.- I believe I would be completely unable to start a business	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A06.- I will make every effort to start and run my own business	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A07.- I am able to control the creation process of a new business	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A08.- My immediate family would approve of my decision to start a business	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A09.- I have serious doubts about ever starting my own business	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A10.- If I had the opportunity and resources, I would love to start a business	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A11.- My colleagues would approve of my decision to start a business	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A12.- Amongst various options, I would rather be anything but an entrepreneur	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A13.- I am determined to create a business venture in the future	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A14.- If I tried to start a business, I would have a high chance of being successful	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A15.- Being an entrepreneur would give me great satisfaction	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A16.- It would be very difficult for me to develop a business idea	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A17.- My professional goal is to be an entrepreneur	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A18.- Being an entrepreneur implies more advantages than disadvantages to me	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A19.- I have a very low intention of ever starting a business	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A20.- I know all about the practical details needed to start a business	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

B. Considering all advantages and disadvantages (economic, personal, social recognition, job stability, etc.), indicate your level of **attraction towards** each of **the following work options** from 1 (minimum attraction) to 7 (maximum attraction).

	1	2	3	4	5	6	7
B1 - Employee	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B2.- Entrepreneur	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



**Entrepreneurial Intention
research project**



C. Indicate your level of agreement with the following sentences about the **values society put on entrepreneurship** from 1 (total disagreement) to 7 (total agreement).

	1	2	3	4	5	6	7
C1.- My immediate family values entrepreneurial activity above other activities and careers	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
C2.- The culture in my country is highly favourable towards entrepreneurial activity	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
C3.- The entrepreneur's role in the economy is generally undervalued in my country	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
C4.- My friends value entrepreneurial activity above other activities and careers	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
C5.- Most people in my country consider it unacceptable to be an entrepreneur	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
C6.- In my country, entrepreneurial activity is considered to be worthwhile, despite the risks	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
C7.- My colleagues value entrepreneurial activity above other activities and careers	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
C8.- It is commonly thought in my country that entrepreneurs take advantage of others	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

D. How do you rate yourself on the following **entrepreneurial abilities/skill sets**? Indicate from 1 (no aptitude at all) to 7 (very high aptitude).

	1	2	3	4	5	6	7
D1.- Recognition of opportunity	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D2.- Creativity	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D3.- Problem solving skills	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D4.- Leadership and communication skills	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D5.- Development of new products and services	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D6.- Networking skills, and making professional contacts	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Yes No

E. Have you ever seriously considered becoming an entrepreneur?

Education and experience

1. What degree or other qualifications are you studying? _____

2. When do you expect to complete your studies?

This year? Next year? Later

3. Do you have any employment experience? Yes No

If yes:

a. In what capacity? (If several, in which were you employed the longest) _____

b. Have you been in charge of other people? Yes No

c. How much work experience do you have? (Total number of years) _____

d. How long is it since you left your last job? (Number of years, if still working write 0) _____

e. How many employees did your current/last employer have? _____

4. Have you ever been self-employed or the owner of a Small or Medium-sized Enterprise (SME)? Yes No

If yes:



**Entrepreneurial Intention
research project**



- a. How long? (number of years) _____
- b. How long is it since you ceased to be self-employed? (Number of years, if still self-employed write 0) _____

Entrepreneurial knowledge

5. Do you **personally know** an entrepreneur or entrepreneurs? Yes No

If yes, indicate your relationship to them, and evaluate the following questions from 1 (not at all) to 7 (extremely well).

	1	2	3	4	5	6	7
<input type="checkbox"/> Family							
- To what extent do you know about his/her activity as entrepreneur?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> - To what extent may he/she be considered a 'good entrepreneur'?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Friend							
<input type="checkbox"/> - To what extent do you know about his/her activity as entrepreneur?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- To what extent may he/she be considered a 'good entrepreneur'?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Employer / Manager							
- To what extent do you know about his/her activity as entrepreneur?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- To what extent may he/she be considered a 'good entrepreneur'?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Other							
- To what extent do you know about his/her activity as entrepreneur?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- To what extent may he/she be considered a 'good entrepreneur'?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6.- Indicate your level of knowledge about business associations, support bodies and other **sources of assistance for entrepreneurs** from 1 (no knowledge) to 7 (complete knowledge).

	1	2	3	4	5	6	7
<input type="checkbox"/> - Private associations (e.g. Chamber of Trade, Institute of Directors, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> - Public support bodies (e.g. Business Link, South East England Development Agency (SEEDA) etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> - Specific training for young entrepreneurs	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> - Loans in specially favourable terms	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> - Technical aid for business start-ups	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> - Business centres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Entrepreneurial objectives

7. If you ever started a business, what size would you like it to ultimately achieve (number of employees)?

- Self-employed Micro-enterprise Small enterprise Medium enterprise Large enterprise
- (No employees) (Up to 10 employees) (10 to 50 employees) (50 to 250 employees) (250 employees +)

8. To what extent do you consider the following factors to contribute to **entrepreneurial success**? Indicate from 1 (not at all important) to 7 (extremely important).

- Competing effectively in world markets
- Reaching a high level of income
- Doing the kind of job I really enjoy
- Achieving social recognition
- Helping to solve the problems of my community
- Keeping the business alive
- Keeping a path of positive growth



**Entrepreneurial Intention
research project**



	1	2	3	4	5	6	7
9. How important would it be for you to continuously develop and grow your business?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Indicate from 1 (not at all important) to 7 (extremely important)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. To what extent would you use the following strategies to expand your business ? Indicate from 1 (not at all likely) to 7 (extremely likely).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Exporting a significant share of production	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Regularly introduce new products/services for my customers	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Regularly introduce new processes or systems of production	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Developing research and development projects	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Planning the different areas of the firm in detail	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Reaching cooperative agreements or partnerships with other firms	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Offering specialized training for employees	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Growing your business (personnel, premises, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Personal Data

11. Age: _____

12. Gender: Male Female

13. Place of birth: _____ . Place of residence: _____

14. What level of education have your parents achieved?

Secondary Vocational training Father: Primary University Other

Mother: Primary Secondary Vocational training University Other

15. What are their present occupations?

Other	Private sector employee	Public sector employee	Self-employed or entrepreneur	Retired	Unemployed
Father: <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mother: <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16. How many people are living in your household? (Including yourself) _____

17. Roughly speaking, what is the **total monthly income** in your household? (Adding up all revenues from any person living in the household)

<input type="checkbox"/>	Up to <input type="checkbox"/>	500€	<input type="checkbox"/>	From 500 to 1000€	<input type="checkbox"/>	From 1000
to <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	From 2000 to	<input type="checkbox"/>	4000€	<input type="checkbox"/>	From 4000 to 7000€
7000 to 10000€	Over 10000€					

Contact Data

Filling in the following details will allow us to follow up your evaluations. All information provided will be considered as strictly confidential, and will only be used for the aims of this research project.

Name: _____

Address: _____

City/town (State): _____ Post Code (ZIP): _____

_____ e-mail: _____ Telephone: _____